



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Raimunda Nonata Reis Lobão


O bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão

Rio de Janeiro

2012

Raimunda Nonata Reis Lobão

O bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Darcilia Marindir Pinto Simões

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

L796 Lobão, Raimunda Nonata Reis.
O Bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão / Raimunda
Nonata Reis Lobão. – 2012.
107 f.

Orientadora: Darcilia Marindir Pinto Simões.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Português falado – Maranhão – Teses. 2.
Sociolinguística – Teses. 3. Bumba-Meu-Boi – Teses. 4. Língua
portuguesa – Lexicografia – Teses. 5. Língua portuguesa - Dialectos –
Teses. 6. Língua portuguesa – Variação – Teses. 7. Folclore –
Maranhão - Teses. I. Simões, Darcilia. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-087(812.1)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Raimunda Nonata Reis Lobão

O bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 18 de dezembro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Darcilia Marindir Pinto Simões (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques
Instituto de Letras da UERJ

Prof.^a Dra. Aira Suzana Ribeiro Martins
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2012

Dedico esta dissertação á memória de D Enilde, minha mãe, que partiu ainda muito cedo e se estivesse entre nós, estaria vibrando por mais uma conquista. Dedico-te por ter me dado a Luz, educação, discernimento e por ter me ensinado a ser “guerreira”. Mãe acredito que há vida após morte, e por isso, quero um novo encontro com você. Por saber que é possível a reencarnação, peço a Deus para premiar-me, para que eu possa ser mulher e sua filha novamente. Na alegria e na tristeza tu és minha fortaleza!

A você Profª Darcilia, exemplo de profissional, obrigada pela sua paciência, confiança, apoio, incentivo e pela sua disponibilidade. Sem deixar de mencionar seu grande trabalho prestado ao Estado do Maranhão. Deus lhe guarde sempre, com esta simplicidade sempre disponível para contribuir com a educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de deixar realizar um sonho.

Na verdade destes agradecimentos estão sendo costurado ao longo destes dois anos, agradecer é admitir que aqui se concretize o nascimento de um fruto, que não foi pensado a sós, Fui tecendo uma teia de sonhos, com linhas coloridas, como Marina Colasanti e entre bastidores bordava ideias para abrilhantar as palavras, que se tornariam um ponto de luz, aos olhos de Darcilia. E aí fui tecer uma colcha de retalhos e cada retalho com seu significado. Cada retalho, que usei para formar esta colcha tem um nome, pois estes retalhos foram os sonhos, que se sonhado a sós não criariam uma colcha. Precisava sonhar em conjunto, para vê-los transformar-se em realidade

Célia Maria, minha querida tia, que me ensinou a valorizar a cultura popular maranhense. Christiane e Carlos Eduardo, meus filhos, e João Victor e Pedro Augusto meus netos, razões da minha vida.

Minhas amigas e amigos: Lila, Deusimar, Marta Helena, Laíra, Ivonete, Suzan, Tereza Maia, Vanessa, Márcia, Mel, Vera Lúcia, Ana Lúcia, Nházinha, Paty, Merivan, Celso, Celene, Rubra Rosa, Marcos César, Nilson Laurindo, Antonio Valbert, Ana Elizabeth, Ana Célia, Layane, Leonildes, Soraya Melo, Natércia, Silvana, Pablo, Lucelena, Tia Jesus, Cláudia Cristina, Cecília, Rafael, Rosa Maria, Francisco Costa, Fátima, Profª Ms. Creusimar (UEMA/São Luis -MA). Obrigada por serem retalhos da minha colcha e por me fazerem acreditar que eu poderia ser a tecelã dos meus sonhos.

Ao Profº. José Augusto, dileto e magnífico amigo. Magnífico Reitor da Universidade Estadual do Maranhão. Seu olhar mudou a nossa Instituição.

Aos nossos alunos do CESBA e CESTI, por entenderem a nossa ausência. Obrigada.

Aos nossos Amigos Professores e Pro Reitores José Belo Salgado Neto, José Gomes e Walter Canalles, pelo incansável apoio, na tramitação do MINTER.

A todos os Professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que contribuíram para nossa formação.

Em especial Cláudio Cezar Henriques e Ana Lúcia Henriques, por aquele sorriso que só ela tem.

Todos vocês têm um lugar especial em meu coração.

RESUMO

LOBÃO, Raimunda Nonata Reis. *O bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão*. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Esta dissertação tem como tema *O Bumba meu Boi e a expressão Verbal do Maranhão*. Nela abordou-se a história da fundação de São Luis, capital do Estado, seus traços culturais e suas marcas na variação lingüística. Discorreu-se sobre a fala maranhense, destacando os fatos relacionados ao seu folclore. O córpus foi constituído de toadas da discografia do cenário do Bumba Meu Boi da Maioba, sotaque de matraca. Tomou-se por base a proposta teórica de Castilho (2010) para enfocar a variação, e a de Henriques (2011) para discutir o componente léxico. Dessa forma foi desenvolvida uma pesquisa semântico-lexical, com o propósito de mostrar a beleza do Português Brasileiro, cuja variação interna representa a dimensão continental do País.

Palavras -chave: Variação lingüística. Bumba Meu Boi. Cultura. Léxico.

RESUMÉN

Esta tesis tiene como tema “El Bumba Boiy la expresión verbal de Maranhão”. Se dirigió a la historia de la fundación de SanLuis, la capital del Estado, sus rasgos culturales y la variación lingüística en sus marcas. Habló acerca del habla de Maranhão, destacando los hechos relacionados con su folklore. El corpus constaba de canciones de la discografía e escenario Bumba Meu Boi de Maioba “sotaque de matraca”. El análisis se basa en la propuesta teórica de Castilho (2010) para centrarse en el cambio, y en la de Henriques (2011) para analizar el componente léxico. Por lo tanto hemos desarrollado una investigación léxico-semántica, con el fin de mostrar la belleza del portugués de Brasil, cuya variación interna representa la dimensión continental del País.

Palabras clave: Variación lingüística. Bumba meu boi. Cultura. Léxico.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	TODOS CANTAM MINHA TERRA	13
1.1	Cantando o Maranhão	15
1.1.1	<u>O Bumba Meu Boi e sua Tradição</u>	19
1.1.2	<u>As Personagens do Bumba Meu Boi</u>	23
1.1.3	<u>Os sotaques no Folclore</u>	25
1.1.3.1	<u>Boi de Zabumba</u>	25
1.1.3.2	<u>Boi de Orquestra</u>	26
1.1.3.3	<u>Boi de Pindaré ou pandeirões</u>	27
1.1.3.4	<u>Boi de Curupuru ou sotaque de costa mão</u>	27
1.1.3.5	<u>Boi de Matraca</u>	28
1.1.3.6	<u>Sotaque da Baixada</u>	28
2	UM DIÁLOGO INDISPENSÁVEL: FOLCLORE E VARIAÇÃO LINGUISTICA	31
2.1	Algumas palavras sobre o Maranhão e seus traços culturais	31
2.1.1	<u>Variação e Variedades</u>	35
2.1.1.1	<u>Os dialetos na dimensão territorial, geográfico ou regional</u>	39
2.1.1.2	<u>Os dialetos na dimensão social</u>	41
2.1.1.3	<u>Os dialetos na dimensão idade</u>	41
2.1.1.4	<u>Os dialetos na dimensão sexo</u>	42
2.1.1.5	<u>Os dialetos na dimensão da geração</u>	42
2.1.1.6	<u>Os dialetos na dimensão das funções</u>	43
2.2	A variação na Perspectiva de Castilho	44
2.2.1	<u>Variação Geográfica</u>	44
2.2.2	<u>Variação Sociocultural</u>	45
2.2.3	<u>Variação Individual</u>	46
2.2.3.1	<u>Fator Registro</u>	47
2.2.3.2	<u>Fator Idade</u>	47
2.2.3.3	<u>Fator Socioeconômico</u>	48
2.2.4	<u>Variação de Canal</u>	48
2.2.5	<u>Variação Temática</u>	48

2.2.6	<u>Variação Diacrônica</u>	49
2.2.7	<u>Variação Diamésica</u>	49
2.2.8	<u>Variação e Vocabulário</u>	50
3	LÈXICO DAS TOADAS	54
3.1	Algumas palavras sobre o estudo do Léxico	54
3.2	Análise do Córpus	60
3.3	Levantamento Lexicográfico	80
3.4	Fichas Lexicográficas das Toadas	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, discorreremos sobre o folclore maranhense do Bumba Meu Boi, centrando o foco no léxico. O interesse na pesquisa que gerou esta dissertação, na qual se realiza um diálogo entre a Língua Portuguesa e a Cultura Popular, nasceu em 1998. Neste ano, conseguiu-se subsídio para falar do Maranhão, mostrar sua história, porém naquele momento não se focalizou a língua. Por isso, retomamos o tema para observar como a língua portuguesa se realiza na fala das personagens das toadas do Bumba Meu Boi Como preâmbulo à apresentação da estrutura da dissertação, apresenta-se aqui um poema que parece representar a alma do maranhense, que é a face da dissertante.

SER MARANHENSE

Ser maranhense é admirar o francês
 Falar bem português
 Empregar o “TU” naturalmente
 Com flexão verbal fluente
 É vagar no Reviver
 Do por do sol ao amanhecer
 Ser erudito e popular
 Sem contudo ser vulgar
 É brincar o bumba-boi
 Dançar reggae ao luar
 Lembrar a criança que foi
 E soltar pipa no ar
 É degustar o carangueijo
 Comer arroz de cuxá
 Saber olhar um casarão
 Sem com ele se assombrar
 É singrar a vastidão do mar
 É acompanhar o Divino
 E com o badalar do sino
 Ir à igreja rezar
 É orgulhar-se da sua história
 Trazer na memória a sua glória
 E poder cumprimentar
 Nauro, Montello e Ferreira Gulart
 (Poesia de Maria Inez Silva Queiroz¹)

O recorte para constituição do corpú privilegiou as toadas do Bumba Meu Boi da Maioba, sotaque de matraca. Esta dissertação tem apoio teórico de Ilari, Bosso, Travaglia e, principalmente Castilho, no estudo da variação, e Vilela e Henriques no foco da semântica lexical.

¹<http://gw464vdf6luairovit.album.uol.com.br/fotos-de-airovitvivi/2426308>. (Acesso em 4/12/2012).

Na primeira parte da dissertação, temos um diálogo entre o folclore e a variação linguística. A riqueza de falares documenta os traços culturais do Maranhão. Faz-se uma breve apresentação do folclore do Bumba Meu Boi, situando-o no panorama do Estado e na constituição de um amálgama das etnias que construíram o povo maranhense, com destaque para a influência francesa.

Ainda nesta parte, apresentaram-se algumas palavras sobre a variação linguística, trabalhando com os conceitos de variação e variedade. Em seguida entrou-se a tratar dos dialetos nas dimensões territorial, geográfica, o regional. A seguir, entra-se nas dimensões social, de idade, de sexo, de geração entrando a observar as funções na variação

Opta-se por seguir a variação na perspectiva de Castilho, apontando a dialeção nos níveis: geográfica, sociocultural e a variação individual. Combinando com as ideias de Ilari e Basso, passa-se pelos fatores: registro, idade, socioeconômico, de canal, temática, diacrônica, diamésica e de vocabulário.

Na segunda parte, relembro o clássico poeta maranhense Gonçalves Dias, decidiu-se que, se todos cantam sua terra, a dissertante também poderia cantar a sua. E então se resolve cantar o Maranhão pela voz de suas toadas

Apresenta-se O Bumba Meu Boi do Maranhão com sua diversidade de sotaques, enfatizando o grupo eleito na pesquisa, O Bumba Meu Boi da Maioba, sotaque de matraca, ou boi da ilha. Descrevem-se as personagens que configuram essa manifestação folclórica. Nesta descrição é possível perceber elementos que explicam sua maneira de falar não só quanto à variedade eleita, mas em especial no que concerne às escolhas léxicas. Fala-se do Bumba Meu Boi e sua tradição, suas personagens e sotaques.

Na terceira parte, entra-se efetivamente no léxico das toadas. Destacam-se as palavras representativas do tema de cada letra, considerando o que dizem as toadas em relação a seu papel na construção de um perfil do folclore maranhense. Nesta parte faz-se o levantamento lexicográfico a partir de fichas tecnicamente construídas segundo a perspectiva de Henriques, segundo orientação dada na disciplina Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa.

O corpus constituído pelas dez toadas da discografia do centenário do grupo escolhido foi o material com que se operou. No levantamento lexicográfico pretendeu-se mostrar o perfil semântico ali construído

Espera-se ter podido deixar uma contribuição para o ensino da Língua Portuguesa, em especial no âmbito da subvariante nordestina: o falar maranhense representado nas toadas do sotaque de matraca do Boi da Maioba.

1 TODOS CANTAM SUA TERRA

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
(Gonçalves Dias, Primeiros Cantos, 1847).*

Não é possível falar de Maranhão e de língua sem lembrar do poeta que enalteceu sua terra com os mais lindos versos. Por isso foram chamados em epígrafe a esta parte da dissertação.

A promessa de estudar a variedade linguística maranhense representada nas toadas do Bumba Meu Boi, além da obrigação da dissertação sobre um tema da língua portuguesa, tem também o objetivo de difundir o Maranhão, dando ênfase a sua capital, São Luis, denominada “Atenas brasileira”, em decorrência de sua abundante produção cultural em relação aos outros Estados do Nordeste, além de ter sido durante muito tempo considerada a região em que a língua portuguesa mais se aproximava da variedade lusitana, ou seja, da origem de nossa língua.

Este Cantinho do Brasil
Tem muita história pra contar
Mostraremos o léxico da cultura popular
Toadas de boi não há de faltar
Sotaques diferentes que só Francesinha há
E o nome Maranhão vamos agora explicar.
(Didi Lobão, 2001).

Como falamos em difundir o Maranhão, não poderíamos deixar de falar da origem dos nomes Maranhão e Atenas Brasileira; visto que estamos fazendo um trabalho lexicográfico, que tem por base as toadas do Bumba meu boi. Há muitas controvérsias sobre origem do nome *Maranhão*.

Segundo, José Ribamar Reis (2004 p.27):

Para uns o nome *Maranhão* veio de alguma de algum navegante descobridor; para outros, originou-se de MARANHAS, com o significado de intrigas ou enredos. O historiador Fran Paxeco em sua obra do Maranhão, afirma que a origem é tupi-guarani, ainda de significado desconhecido, tendo como hipótese que Maranhão fosse nome de um dos afluentes goianos do Rio Tocantins. O Professor Mário Martins Meireles, em sua HISTÓRIA DO MARANHÃO, comenta: “Quando os franceses chegaram a Upaon-Açu, a hoje chamada ilha de São Luís e sede da capital do Estado, e

que anteriormente já fora conhecida como Trindade, encontraram-na habitada pelos MARAÑAGUARAS (de marañã por paranã, semelhante ao mar, e guara, habitante) que, conforme tudo leva a crer, eram tupinambás chegados do sul, fugindo à ocupação portuguesa do Brasil. Eles falavam mesmo de um belo país- CAETÉ, grandes florestas de que haviam emigrado. Para o comendador e historiador João Francisco Lisboa, nos seus Apontamentos para a História do Maranhão, livro citado por César Marques em seu dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão, o assunto é o seguinte: “os antigos cronistas e historiadores aramaram grandes disputas acerca da origem e etimologia do nome Maranhão, sendo muito provável ter sido semelhante nome derivado de algum transitório descobridor, pois o apelido de Maragnon, aportuguesado depois, já de muitos séculos atrás era conhecido na Espanha”. No dicionário acima citado, César Marques mostra inúmeros depoimentos e citações a respeito da etimologia do nome Maranhão, onde aparece uma, do Padre Bartolomeu Leão, que explicava como ÁGUA QUE CORRE BRIGANDO.

Mais adiante, narra que o Padre Antônio Vieira satirizou, no seu estilo característico, definindo M de mentira, afirmando em meias palavras que “no Maranhão tudo era mentira”.

Para contextualizar a fala de José Ribamar Reis sobre o Pe. Antônio Vieira, que não economizara palavras, em seu estilo barroco quando falava do Maranhão, vejamos um trecho do *Sermão da V Domingo da Quaresma*, onde fala do Maranhão:

O Domingo das verdades. No Maranhão, a corte da mentira. O galante apólogo do diabo. O M de Maranhão até o sol e os céus mentem

Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis, mendax

A este Evangelho do Domingo da Quinta da Quaresma chamais comumente o domingo das verdades. Para mim todos os domingos têm este sobrenome, porque em todos prego verdades, e muito claras, como tendes visto. Por me não sair, contudo, do que hoje todos esperam, estive considerando comigo que verdades vos diria, e, segundo as notícias que vou tendo desta nossa terra, resolvi-me a vos dizer uma só verdades vos diria, e, segundo as notícias que vou tendo desta nossa terra, resolvi-me a vos dizer uma só verdade. Mas que na verdade será esta? Não gastemos tempo. A verdade que vos digo é que no Maranhão não há verdades.]

Quando falamos de Maranhão, com seus intrigantes significados, lembramos da sua capital São Luís, conhecida também como *Atenas Brasileira*. Volta-se a Reis (2004 p.30), para endossar essa afirmação. “Na primeira metade do século XIX, pairando ainda grandes reflexos econômicos, eis que surgiram escritores, jornalistas e poetas em crescente número, cujo desempenho no cultivo das letras levou o Maranhão a ser conhecido mundialmente como a “Atenas Brasileira”.

Ninguém sabe ao certo quem assim designara o Maranhão. São inúmeras as hipóteses ou versões para explicar tal fato. Estudiosos e pesquisadores já mergulharam exaustivamente no assunto, tentando descobrir a origem do título, e

voltaram à tona envolvidos em várias hipóteses, no entanto sem sustentação documental. A explicação mais aceita atribui tal designação ao despontar do Grupo Maranhense de literatos — que teria coincido com o surgimento do epíteto Atenas Brasileira. Nesse grupo de escritores figuravam: Gomes de Sousa, João Lisboa, Teófilo Dias, Gonçalves Dias, Henriques Leal, entre outros. Membro da Academia Maranhense de Letras, o saudoso jornalista Nonato Masson, na sua coluna “Hoje é Dia de...”, do Jornal O Estado do Maranhão, pronuncia-se sobre a questão do epíteto:

O romancista Josué Montello foi um dos que pesquisaram sobre o título de São Luís, a Atenas Brasileira. Para Josué, São Luís teve a distinção por seu formato de acrópole, por ter a forma acidentada da Atenas grega. Quem primeiro chamou a cidade de Atenas Brasileira, até hoje, ninguém descobriu. Só se sabe ter a Bahia, muito antes de São Luís, sido chamada de Atenas Brasileira. Assim são duas Atenas no Brasil.

E assim se canta o Maranhão!

“São Luís, francesa bela
Bela ilha portuguesa
Falas bem a nossa língua
És Atenas Brasileira”
(Didi Lobão, 2001).

1.1 Cantando o Maranhão

Para registrar a informação sobre as danças maranhenses deixamos aqui os nomes de cada uma delas: Dança do Lelê ou Pela Porco; Dança do caroço, Dança Bambaê de Caixas; Cacuriá; Dança de São Gonçalo; Tambor de Mina e Tambor de Criola. Destaca-se, no entanto, o som arrebatador do Bumba Meu Boi, com seus diferentes sotaques (de orquestra, de baixada, de matraca, de zabumba, e de costa de mão).

As festanças maranhenses são a grande expressão da cultura popular. Tais manifestações se constituem em um espetáculo multicolorido, com suas indumentárias ricas em penas, fitas, pedrarias e lantejoulas. Associadas aos sons, sabores, fé e tradição brilham o ano inteiro. Eis as festas mais importantes: Festa do Divino, São Bendito, Carnaval, São João.

Com relação às origens do boi, observa-se que este é de caracterização muito nebulosa, principalmente porque esta manifestação se realiza em vários estados do país, como:

Boi Bumbá ou Boi De Reis (Pará e Amazonas)
Boi Calemba (Pernambuco)
Boi Surubim (Ceará, Mato Grosso e Rio Grande do Norte)
Boi de Mamão (Paraná, Santa Catarina)
Bozinho ou Boi Jacá (São Paulo)
Boi de Reis (Espírito Santo)

Enquanto no Maranhão se faz a brincadeira no mês de junho, em outros Estados do Brasil a festa está ligada ao ciclo natalino, conservando a idéia original da celebração do boi que morre e ressuscita. Em meio a essas diferenciações, entretanto, onde quer que exista no território brasileiro, o Bumba-Boi tem um ponto em comum: encarna comprovadamente um dos mais populares exemplos do teatro popular nacional que é adaptado às peculiaridades regionais.

Como todas as expressões populares, o Bumba meu boi sofre influências da urbanização crescente em São Luis. Mas, apesar de sofrer influências da própria evolução social, é sem dúvida uma brincadeira rica do pobre, que faz destes espetáculos um verdadeiro teatro vivo representando, aplaudindo, cantando, dançando, fazendo do nosso Bumba meu boi um folguedo que, dignamente, representa a nossa raça na sua tríplice miscigenação: o negro africano, no escravo Francisco (Pai Francisco), o branco português, representado pelo rico fazendeiro, e o índio, na figura do pajé ou feiticeiro, “doutor”; isso sem falar nos personagens secundários que referenciam aos caboclos, mamelucos e cafuzos representantes das raças mestiças. Esta manifestação, surgida das raízes da nossa gente no maior sentido da “maranhensidade”, é uma sátira à opulência dos fazendeiros e senhores de engenho da época colonial, que interliga tradição, mito e religião.

A brincadeira de Bumba meu boi é praticada na quase totalidade do território maranhense, tendo maior intensidade na capital e na zona litorânea, despontando as cidades de Cururu e Guimarães.

Este folguedo é tradicionalmente realizado na intenção de festejar São João através de cantos, danças e demais elementos do ritual do boi. Representa os acontecimentos que ocorrem na vida do povo com toda a denominação, não só dos brancos, mas também de todos aqueles que têm o poder nas mãos, colocando-se como crítica à realidade do dia a dia.

No Maranhão, só se começa a ter registros jornalísticos e noticiários sobre o Boi a partir de 1820. Já em 15 de junho de 1861, o *Jornal Imparcial* publica uma matéria⁹ “O Bumba Meu Boi”, conforme transcrito abaixo:

“Quando uma grande parte da população se empenha por fazer desaparecer os busca-pés, por serem fatais, concede-se licença para o estúpido e imortal folguedo de escravos, denominado Bumba meu boi, incentivo para os busca-pés e admira-se... mais que isso acontece, quando há anos a presidência ordenou que a polícia não consentisse esse folguedo, por ser oposto à boa ordem, à civilização e a moral. Quando por causa do *Bumba meu boi* cacetadas e mesmo facadas são causas de uma enorme algazarra que prejudica o silêncio, perturbando o sossego que deve haver para o sono, sossego que cumpre a polícia manter. Nós esperamos que a polícia considere no passo irrefletido que cometeu para não ser responsável perante a opinião pública do *Bumba meu boi*”.

A festa do Bumba meu boi, uma tradição mantida desde o Século XVIII, famosa por arrastar visitantes e maranhenses por todos os rincões de São Luís, nos meses de junho e julho. É uma festa onde todos se misturam.

Os bois com seu brilho especial espalham-se nas periferias e no centro, dando um colorido que só na Francesinha (a Ilha de São Luís) tem. Na parte nova ou antiga da cidade, grupos de todo o Estado se reúnem em diversos arraiais para brincar até a madrugada, mostrando a todos a diversidade de toadas e indumentárias.

O enredo da festa do Bumba meu boi resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado, e escravidão.

Numa fazenda de gado, Pai Francisco mata um boi de estimação de seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que almeja comer língua de gado. Quando descobre o sumiço do animal, o senhor fica furioso e, após investigar entre seus escravos e índio descobre o autor do crime e obriga Pai Francisco a trazer o boi de volta.

Pajés e curandeiros são convocados para salvar o escravo e, quando o boi ressuscita urrando, todos participam de uma enorme festa para comemorar o milagre.

⁹ <http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/costa.pdf> (Consulta em 15/11/2012).

É uma brincadeira democrática que incorpora quem passa pelo caminho, e não custa nada para os simpatizantes do grupo. Antigamente o Bumba meu boi foi alvo de perseguições da polícia e das elites, por ser uma festa mantida pela população negra da cidade, foi até proibida entre os anos de 1861 a 1868.

O atual modelo de apresentação dos bois não narra mais toda a história do 'auto', que deu lugar à chamada 'meia-lua', de enredos simplificados. Atualmente, existem quase cem grupos de Bumba meu boi na cidade de São Luís e subdivididos em diversos sotaques. Cada sotaque tem características próprias que se manifestadas em suas roupas, na escolha dos instrumentos para compor seu ritmo, no tipo de cadência da música e também nas coreografias.

A partir da segunda metade do Século XVIII, surge um grupo ruidoso que ficara conhecido como Bumba meu boi. Era um movimento constituído apenas de homens. As mulheres, que acompanhavam o séquito levando água e comida para os brincantes, eram intituladas “mutucas”. Com o tempo, outra denominação foi dada a essas acompanhantes femininas, que ainda hoje permanecem, embora com o nome de “torcedoras”. Elas prestavam serviços aos homens, exercendo assim, o seu tradicional papel social, dando-lhes o ombro como apoio quando estes excediam do “grogue” (cachaça).

Cabiam-lhes as tarefas domésticas, como: lavar, passar, cozinhar, confeccionar suas novas vestimentas e reparar as antigas. Mas os tempos mudaram. As mulheres conseguem ganhar terreno, conquistam seu espaço e passam a integrar a brincadeira, dançando no cordão. Elas vão definindo e redefinindo os papéis; impõem a força de sua presença no folguedo que antes era apenas do homem. Podemos comprovar isso nas palavras de Lima:

As mulheres têm papel importante no “brinquedo” acompanhado, resignadamente, mas obstinadamente, amantes, maridos e filhos, noites à dentro, com eles amanhecendo nas calçadas carregando lhes os apetrechos, recompõem-lhes os trajes, aturaram-lhes os pileques; heroínas anônimas. (LIMA, 1982, p. 9).

Devido ao som estridente do Bumba meu boi na época, não era possível ultrapassar os limites dos bairros Areal (Monte Castelo) e do João Paulo, antiga saída principal de São Luís.

A tradição das festas juninas tem suas origens ligadas a fogueira utilizadas pelos europeus para saudar a chegada do verão, através dos cultos agrários, ofereciam homenagens e sacrifícios aos deuses naquela época, para pedir proteção contra pragas e bênçãos para uma boa colheita.

1.1.1 O Bumba Meu Boi e sua tradição

As festas religiosas em homenagem aos Santos Padroeiros no Maranhão são festas de maior tradição da cultura popular. O povo sai às ruas para homenagear Santo Antonio, São João, São Pedro e São Marçal. Sabe-se, entretanto, que inicialmente o boi não era bem aceito pela sociedade maranhense, conforme demonstra a citação seguinte:

O boi, também é reprimido pela imprensa e pelos órgãos estaduais. Os órgãos possuem todos os meios repressivos a seu dispor, utilizando-se principalmente da força física. A repressão chega ao ponto de tal proibição do boi de apresentar. Ainda com alusão à perseguições do poder oficial ao Bumba meu boi, cumpre ressaltar o que ocorria nesta época no Maranhão. De jeito, há registros de uma forte campanha contra o funcionamento da brincadeira, resultando na sua proibição pelas autoridades policiais. Os dados levam a crer a vigência dessa medida pelos menos no período de 1861 a 1867, pois, no ano de 1968, João Pereira do Sacramento – cronista do “Seminário Maranhense” – surpreendentemente saúda com entusiasmo a volta dessa antiga usança”. (CARVALHO, 1995, p. 37).

Em consequência do boi, naquela época as pessoas eram acusadas de baderneiras, porque tiravam o sossego da cidade, e a policia cumpria o desejo dos poderosos. Para manter a ordem e o sono das pessoas da cidade, agredia os brincantes com cacetada, facadas etc.. Essa repulsa acarretou a proibição da brincadeira durante sete anos.

“Esquentai vossos pandeiros!” cabe nas manifestações do povo maranhense, mesmo sendo de um samba, pois as festas do Bumba meu boi em São Luís, antes de começarem as suas apresentações, seus brincantes juntam-se em torno de uma fogueira para esquentar os pandeirões, é uma forma de afinar os instrumentos para marcar as toadas, que contam a lenda de Pai Francisco.

A manifestação cultural Bumba meu boi, uma espécie de ópera popular, evoca uma comédia medieval. Cada grupo mostra a exuberância de suas indumentárias, com ricos bordados, elaborados de acordo com cada grupo e sotaque. É uma

manifestação folclórica com origens na cultura popular europeia, herdada pelo Brasil, onde recebeu fortes influências indígenas e africanas.

No Maranhão, o Bumba meu boi ganhou características próprias: formas, cores e sons únicos, fortemente enraizados na cultura regional. Há centenas de grupos, com estilos e ritmos diferentes, que mantêm a tradição de uma das manifestações folclóricas mais ricas e importantes do Brasil. Porém a nossa pesquisa gira em torno do Sotaque de Matraca, conhecido também como boi da ilha. Este grupo se destaca por ter uma grande orquestra de percussão, que o acompanha e faz a diferença há 114 anos. Entre seus instrumentos de percussão, a matraca: dois pedaços de pau rústico, batidos freneticamente, repenicando, um no outro, obedecendo a um ritmo peculiar, produzindo som vibrante e contagiante. Além das matracas há também os pandeiros pandeirões, tambores-onça e maracás.

Os pandeirões são compostos de uma circunferência de madeira fina, com mais ou menos cinco centímetros de altura, coberto com couro de boi ou de cabra.

O tambor-onça é um cilindro de estrutura de flandres ou madeira, tendo uma das extremidades coberta com couro. Ao centro da cobertura, para dentro, é fixado um bastão: funciona com o tocador colocando azeite, água ou mesmo cuspidando na mão. Muitas vezes, utiliza um urro semelhante ao da onça. Assemelha-se à cuíca.

Os maracás são feitos de flandres, com cabo, contendo grãos de chumbo ou algo similar, nos mais variados tamanhos e tipos. Este instrumento é somente para os amos, vaqueiros ou rapazes.

O Bumba meu boi, como é comum nas manifestações folclóricas, tem seu lado místico. Sua tradição revela a existência do boi de promessa, que é organizado por alguém que obteve uma graça. O boi é formado para agradecer ao Santo pela graça alcançada. A passagem seguinte reitera essa afirmação:

A promessa é um tipo de relação de contrato entre o fiel e o Santo, para obtenção de uma graça. A graça é um benefício de favor que os Santos concedem a quem lhes pede. Com a obtenção da graça, o Santo cumpre seu contrato, resta agora ao fiel, fazer a sua parte. (ARAÚJO, 1986, p. 43).

“... eu tive doente de labirintite né, e me peguei com São João: se até o São João eu me sarasse, iria brincar de burrinha para ele. Não demorou fiquei bom. Graças a Deus brinquei de burrinha a festa toda. A imagem de São João de capela veio de Roma. Calça-curta foi recebê-lo no Rio de Janeiro. Houve um assalto no ônibus e a única pessoa que não foi assaltada foi ele, que estava com a imagem no colo. Vem muita gente de São Paulo e Rio de

Janeiro pagar promessa aqui na Maioba”. (Transcrição da fala de Pilombeta, um brincante do Boi da Maioba) (*ibidem*).

No Maranhão, o Bumba meu boi é um ritmo de simbologia, fábulas e magia. Porém, não é um movimento isolado, é uma espécie de teatro de Tablado, onde a representação dramática dos brincantes é de improviso e feito ao vivo. O informativo “Folclore Maranhense”, do ano de 1986, em suas páginas de 29 a 30, documenta:

Numa lenda sobre acontecimentos com um casal de escravos de uma determinada fazenda, surge o marido chamado Francisco e a mulher, uma negra de feições apuradas chamadas de Catarina. Ela grávida e com desejo de comer a língua do boi mais bonito da fazenda, pede ao esposo que lhe atenda o desejo. O marido (Francisco, Pai Francisco ou Negro Chico) rouba o boi do seu patrão, dono da fazenda, e, quando está no início da matança, é descoberto. Tomando conhecimento do ocorrido, o patrão e o capataz apuram os fatos. Preso o Negro Chico, terá de dar conta do boi, sob pena de morte. Em virtude disso, toda a fazenda é mobilizada para salvar o boi: ... nessa ocasião são chamados os pajés e doutores que, finalmente conseguem ressuscitar o animal. O boi é salvo e também o Pai Francisco. Depois de muitas peripécias, prisão e perdão do réu, tudo termina em festa.

Nas toadas cantadas nos ensaios do Bumba meu boi, a lenda de “Catirina” é bem retratada na letra

<p>“Retrato do Maranhão” (Papete & Josias Sobrinho)</p> <p><i>Catirina que só quer</i> Comer da língua do boi Carne seca na janela Quando alguém olha pra ela Pensa que lhe dão valor</p> <p>Ai Catirina poupa esse boi, Ai Catirina poupa esse boi. Que quer crescer</p> <p>E lá vai meu boi prenda da cidade Moça de idade não pode me acompanha Que a saudade a traça estraçalha o</p>	<p>coração E mulher bonita chave de prisão</p> <p>Catirina que só quer Comer da língua do boi Carne seca na janela Quando alguém olha pra ela Pensa que lhe dão valor</p> <p>Ai Catirina poupa esse boi, Mãe Catirina poupa esse boi. Que quer crescer</p> <p>E lá vai meu boi no romper da aurora Moça linda chora, com saudade vai ficar</p> <p>Quando eu for me embora No aeroplano mais no fim do ano</p>
---	---

Eu volto pra te encontrar.

Catirina que só que
Comer da língua do bo
Carne seca na janela

Quando alguém olha pra ela
Pensa que lhe dão valor

Ai Catirina poupa esse boi
Mãe Catirina poupa esse boi.
Que quer crescer

E lá vai meu boi dando adeus pra ela
Que fecha a janela trancando meu
coração
Que é um boi de pasto carregando sela
Fazendo vergonha pra ela e pra São
João

Catirina que só quer
Comer da língua do boi
Carne seca na janela
Quando alguém olha pra ela
Pensa que lhe dão valor

Ai Catirina poupa esse boi,
Mãe Catirina poupa esse boi.
Que quer crescer

E lá vai meu boi arrastando a barra
A mare esbarra no meio do boqueirão
Levando um recado pro meu senhor
São João
Lá na Capital São Luis do Maranhão.

1.1.2 As Personagens do Bumba Meu boi

Os personagens mais importantes da brincadeira do Bumba meu boi são: o Amo, que representa o fazendeiro-criador; os Rajados (vaqueiros); o Negro Chico; a Mãe Catirina; os índios (no papel de policiais); os Cazumbás (palhaços) e o boi, figura central do auto, que ganha à vida através do “miolo”, dançarino oculto sob a armação que cria o improvisado de uma rica e animada coreografia.

O Amo: dono do boi é quem organiza a festa. Tem sempre em sua mão um maracá e um apito com os quais dirige toda a encenação. Suas roupas são luxuosas porque ele representa o fazendeiro.

O Vaqueiro: também conhecido como Rajado. Geralmente varia de dois a seis, mas o número é determinado pela vontade e condição econômica do Amo. É empregado do fazendeiro, porém, ostenta roupas luxuosas com “petilho” (grande gola de veludo, bordada com pedrarias e lantejoulas, que ficam por cima das camisas dos brincantes) e “saiota” (uma pequena saia, como se fosse um avental, porém bordado como o petilho e usam por cima da calça de veludo), todos trabalhados em lantejoulas, paetês, canutilhos e miçangas, para dar um brilho especial. Vale informar, que cada sotaque se caracteriza, por possui um modelo de petilho e chapéu.

O Negro Chico: é o responsável pela morte do boi, para satisfazer o desejo de sua mulher, Mãe Catirina.

Mãe Catirina: representada por um homem vestido de mulher, apresenta-se mascarado pelo fato de, no Bumba meu boi, as mulheres participarem apenas como índias.

Caboclos de Pena: personagens usadas nos bois de sotaque de matraca. São os responsáveis pela prisão de Pai Francisco. Usam as mais vistosas fantasias do espetáculo, feitas de penas de Ema, que são tingidas em várias cores. São conhecidos também como caboclos reais. Com a proibição do IBAMA¹, as penas de Ema, que vinham do interior vendidas pelos índios, tornaram-se escassas, o que obriga os confeccionistas a fazerem uma mágica recuperação das indumentárias usadas nos anos anteriores. As penas mais velhas são lavadas, tingidas e depois costuradas na parte de baixo do chapéu para reforçar a camada de penas da parte de cima, que, por serem novas, têm

mais brilho. O trabalho é cuidadoso, perfeito, e ninguém percebe a reciclagem, ecologicamente correta, das penas de Ema, o que, além de poupar os animais, torna as fantasias mais baratas.

O Cazumbá: de origem africana, tem a função de distrair a platéia antes do auto começar. Não é homem, nem bicho, nem macho, nem fêmea. Representa a fusão dos espíritos dos homens e dos animais que permanecem na terra com os vivos. Quando o fazendeiro manda prender o Pai Francisco, os índios prendem primeiro o Cazumbá. Sua máscara pode ser de tecido, focinho, de cabeleira ou do tipo igreja.

O Boi: atualmente, existem alguns grupos de Bumba meu boi que usam materiais diferentes, como palha e o barbante para compor o couro do boi; outros bordam por cima do veludo (couro), casarões, igrejas, escrevem agradecimentos, oferecimentos, ou ainda, o nome do próprio boi. É um trabalho artesanal, que requer meses de muito trabalho e dedicação. Sua cabeça é feita de madeira e o chifre é o natural, encravado na madeira, e suas pontas enfeitadas com fitas coloridas.

Antigamente, costumava-se montar os olhos do boi com uma fava silvestre chamada “olho de boi”, hoje é comum o uso de bolas de gude com o efeito de proporcionar maior realce.

Os rapazes: são empregados do fazendeiro e usam roupas mais modestas que os vaqueiros. A quantidade deste também é definida pelo Amo e fica em torno de dois a seis. Recebem também a denominação de *caboclos de fita*.

Doutores: esses personagens na brincadeira variam bastante. Alguns Amos chegam a colocar até sete doutores. Todavia, os mais conhecidos são os que levantam o boi: o pajé ou curador, ou doutor de medicina.

Padre: batiza os personagens que irão prender Pai Francisco. Índias dançarinas: fazem a coreografia quando o grupo está cantando as toadas, ou seja, participam das apresentações que não realizam o auto. Sobre isso, Araújo diz:

Antigamente o Bumba meu boi era uma brincadeira eminentemente masculina. As mulheres que iam ao boi eram só acompanhantes de seus maridos, filhos ou amantes, eram as chamadas “mutucas”. Hoje elas fazem parte do cordão tapuia, tocam matracas, só não participam como cantador ou Amo do boi”. (ARAÚJO, 1983, p.163).

Burrinha: inferior ao boi, é o segundo animal mais importante da brincadeira. A armação do corpo da burrinha é feita de cipó e buriti; seu corpo é de chita.

Dono da Fazenda: é Senhor. Usa a roupa mais rica e um apito para coordenar a festa. É o responsável pela organização do Batalhão e, em alguns casos, é também o cantador.

Pai Francisco: vaqueiro, veste-se com roupas mais simples. Seu papel durante a brincadeira é provocar risos na plateia. Cada grupo de boi pode ter vários deste personagem.

Mãe Catirina: Mulher de Pai Francisco. Normalmente representada por um homem vestido de mulher.

Índias - mulheres cobertas por penas no peito, mãos e pernas.

Miolo - brincante responsável pelas evoluções e coreografias do boi.

Vaqueiros - empregados da fazenda. Usam roupas de veludo e chapéus de pena com longas fitas coloridas.

Mutuca - para não deixarem os brincantes dormirem durante as maratonas de apresentação dos bois, os mutucas são responsáveis pela distribuição de cachaça a todos e geralmente são as mulheres dos brincantes.

1.1.3 Os sotaques no folclore.

Os bois do Maranhão são divididos pelos sotaques que representam o ritmo musical, utilizados nas toadas de Bumba meu boi. Essa divisão é fundamentada em determinadas características específicas: concepção, organização e formas de apresentação da brincadeira, ocorrendo assim variações quanto aos elementos básicos do Bumba meu boi, como o ritmo, o bailado, os instrumentos, o guarda-roupa, a toada, o auto etc.

Nesta dissertação, destacamos os sotaques mais conhecidos no Maranhão, que são: Zabumba, Orquestra, Pindaré, Cururupu e Matraca.

1.1.3.1 Boi de Zabumba

O sotaque de Zabumba teve origem na baixada maranhense, mais precisamente, na cidade de Guimarães. As origens mais longínquas do Boi de Zabumba, contudo, ainda são discutidas em face de sua influência afro.

Considerando o mais tradicional de todos os sotaques, mais incompreendido pela maioria do público, o Boi de Zabumba urra por socorro. Sua pegada rústica, pesada, de difícil coreografia, o torna mais contagiante aos olhos do público. Seu ritmo apresenta traços de samba, mina, coco e etc. Os tambores (fogo, onça e zabumba), compõem a espinha dorsal do batuque, cabendo aos tamborins e maracás preencherem os espaços vazios. Essa tendência de utilizar sons secundários para ocupar os espaços do compasso é uma característica puramente afro.

Na indumentária do Boi de Zabumba, a principal singularidade é o chapéu confeccionado em forma de cogumelo. O adereço é recoberto por longas fitas, envolvendo inteiramente quem o usa, são os chamados caboclos de fitas. Os brincantes vestem ainda saiote e golas de veludos ricamente bordados com pedrarias. Destacam-se nessa brincadeira os bairros do Monte Castelo, João Paulo, Vila Passos, Cavaco, Liberdade, Fé em Deus e Floresta da cidade de São Luis e as cidades de Guimarães e Pinheiro.

Ritmo original do Bumba meu boi, este sotaque marca a forte presença africana na festa. Pandeirinhos, maracás e tantãs, além das zabumbas, dão ritmo para os brincantes.

No vestuário destacam-se golas e saiotes de veludo preto bordado e chapéus com fitas coloridas. O sotaque de Zabumba passa por grande crise nos últimos anos devido à falta de novos brincantes interessados em manter as tradições do mais antigo estilo de boi.

1.1.3.2 Boi da Orquestra

Os instrumentos, o ritmo, a dança e a indumentária, o identificam como de origem branca, apresentando um estilo totalmente diferente dos demais. Seu ritmo é muito envolvente e tem grande poder de comunicação, sendo os principais: Morros, Axixá, Rosário, Presidente Juscelino e Nina Rodrigues.

Eles possuem uma orquestra evidenciando a parte do sopro e cordas (saxofones, banjos, clarinetes, flautas e trompetes) e mais um bumbo, um tambor-onça, maracás, além de algumas poucas matracas e um tarol.

As brincadeiras desse boi são caracterizadas por chapéus, em formato quase triangular, e peitorais trabalhados em veludos bordados com paetês, lantejoulas canutilhos, miçangas e espelhos.

Ao incorporar outras influências musicais, o Bumba meu boi ganha neste sotaque o acompanhamento de diversos instrumentos de sopro e cordas, como o saxofone, clarinete e banjo. Peitilhos, coletes e saiotos de veludo com miçangas e canutilhos são alguns dos detalhes nas roupas dos brincantes.

1.1.3.3 Boi de Pindaré (ou pandeirões)

É semelhante ao estilo de matraca, apenas o seu ritmo é mais lento. É originário da baixada maranhense e se diferencia dos demais por causa do seu sotaque mais compassado.

Os pandeiros são menores e o estilo de sua fantasia é bem diferente dos demais. Tal distinção é notada no realce dos chapéus dos rajados (ou vaqueiros), que são bem grandes e ornados de fitas coloridas, de penas e bordados. Os bois que estão seguindo esse sotaque são: Pindaré, Viana e São João Batista.

1.1.3.4 Boi de Cururupu (ou sotaque de costa mão)

Representa o brilho da sociedade de Cururupu, utilizam como instrumentos musicais, caixas, maracás e pandeiros (de roseta). Sua vestimenta é composta por camisa e bermudão de veludo, bordado direto na própria roupa, meião até o joelho, chapéu afunilado com fitas multicoloridas. Típico da região de Cururupu, ganhou este nome devido a pequenos pandeiros tocados com as costas da mão. Caixas e maracás completam o conjunto percussivo. Além de roupa em veludo bordado, os brincantes usam chapéus em forma de cogumelo, com fitas coloridas e grinaldas de flores.

Atualmente também participam dos arraiais os grupos alternativos, que não entram na programação oficial por terem pouco tempo de existência ou incorporarem novos elementos ao ritmo do Bumba meu boi. Um dos mais conhecidos, o Boi Pirilampo, vem conquistando muitos seguidores por usar instrumentos elétricos como guitarra e baixo em suas apresentações. E

também o Bozinho Barrica que é um luxo, é uma companhia de espetáculo que conta e canta a história do folclore maranhense. Traz um bozinho feito de uma barriquinha e tem um figurino diferente feito à mão de crochê de fibra de buriti entrelaçado com fitas e rebordado com pedrarias.

1.1.3.5 Bois de Matraca

È o mais antigo. Sotaque da ilha ou sotaque de matraca, assim que o Boi da Maioba está classificado. É um sotaque de origem indígena, e, além das matracas, há outros instrumentos de percussão: os pandeirões, tambor de onça e maracás. O Boi de Matraca, com mais de cem anos, arrasta uma verdadeira multidão com seu ritmo contagiante e sua musicalidade, marcados pelo som do repenicar das matracas, duas toras de madeira batida uma na outra, formando um som alucinante.

Lima (1982, p. 12), sobre o Boi da Maioba diz: “Na Maioba mesmo não há outro sotaque de boi, ou boi de outro sotaque que não seja matraca”.

O destaque na indumentária dos bois de matraca são as penas de Pavão, Ema e Avestruz, usadas tanto na roupa como nos chapéus. Entre os principais Bois de Matraca conhecidos como sotaque da ilha são o da Maioba, Madre Deus, Caratatiua, Maracanã, Iguaiba, Mata, Ribamar e Tibiri.

Também conhecido como, da ilha surgiu em São Luís e é o preferido de seus habitantes. O instrumento que dá nome ao sotaque é composto por dois pequenos pedaços de madeira, chamado de matracas. O que motiva os fãs de cada boi a engrossarem a massa sonora de cada "Batalhão". Além das matracas, pandeirões e tambores-onça (uma espécie de cuíca com som mais grave). Na frente do grupo fica o cordão de devido a rajados, com caboclos de pena.

1.1.3.6 Sotaque da Baixada

Embalado pelos sons de matracas e pandeiros pequenos, um dos destaques deste sotaque é o personagem Cazumbá, uma mistura de homem e bicho que, vestido com uma bata comprida, máscara de madeira com chocalho na mão, diverte os brincantes e o público. Outros usam um chapéu de vaqueiro

feito com penas de ema. Antes de iniciar o tratamento do cópuz, veja-se uma página relevante dos festejos do Bumba Meu Boi:

AUTO DO BUMBA MEU BOI
(Autoria: Abmalena Santos Sanches)

Caro leitor, convido-o para que me acompanhe nessa viagem ao enredo da brincadeira de bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão:
 Feche os olhos e imagine...
 Um clarão no céu é noite de lua cheia, clareia mais o terreiro unida à luz elétrica (sinal dos tempos modernos).
 O dia é 24 de junho, são dez horas da noite, o terreiro está em festa, iluminado e muito bem enfeitado.
 São bandeirinhas, holofotes e fogueira.
 Gente chegando
 Transitando sem parar
 Uns com instrumentos
 Indicando que vieram pra tocar
 Outros vestidos pra dançar
 O amo chega
 Apita, levanta!
 E balança o maracá
 Tá na hora de guarnicê
 Vai começá pessoa
 O grupo começa a reunir
 A toada vai avisar
 Chegou a hora
 De fazer terra tremer
 É Madre Deus
 Que vai mandar
 É noite de São João
 O santo padroeiro
 É bom ir no altar
 Confirmar a devoção
 Pra castigo e feitiço não pegar
 Afinal, a festa tem dono
 Ele não pode acordar
 Senão tudo vai acabar
 No terreiro ouve-se cantoria
 Um lindo lamentar
 Roubaram prenda preciosa
 Capricho do Povo
 Foi pra outro lugar
 Ninguém sabe, ninguém viu.
 Só o amo a chorar
 Vaqueiro vai a procura
 É esse teu labutar
 Chama companheiros
 Pra meu boi buscar
 Pai Francisco contente
 Leva o boi pra matar Na casa
 Criança vai se salvar
 De uma velha crendice popular
 No Maranhão

Mulher em estado interessante
 Escolhe o que vai comer
 Põe marido em precipício
 Pra filho não morrer
 Catirina recebe a língua
 Cozida ou assada
 O importante é comer
 Afinal, não teve negociação.
 Pai Francisco
 Teve que roubar
 Prenda do patrão
 O resto do boi desmaiado
 Ou já quase morto
 É escondido nas matas
 Pai Francisco não dorme sossegado
 Chega o raiá do dia
 Vaqueiro bate na porta
 Vim buscar Capricho do Povo
 Prenda preciosa
 De amo lamentoso
 Chico acorda tonto
 Não sabe, não viu.
 Chora, xinga, faz peripécias.
 Não se entrega
 Pra vaqueiro que nunca viu
 Vaqueiro volta sem paciência
 Diz pra amo que coisa assim nunca viu
 O nego é forte e valente
 Não foi presa fácil nem servil
 Amo triste e desesperado
 Manda vaqueiro chamar índio guerreiro,
 flechador
 Dono das matas do interior
 Caboclo de pena é teu esse penar
 Buscar Pai Francisco
 E achar boi mais bonito do meu boiar
 Índios se aprontam pra tarefa realizar
 Chegam na casa de Chico
 Que logo fica a espiar
 É índio, Catirina, que veio me pegar!
 Índio parte pra cima
 É forte o teu lutar
 Nego Chico sem força e abatido
 Pensa logo em se entregar Catirina, mulher maliciosa
 Pula, grita num triste matutar
 Prenderam Nego Chico
 Eu vou salvar
 Índio chega na fazenda
 Com o ladrão de boi a chorar
 Amo desesperado pergunta
 Cadê minha prenda?

Capricho do Povo quero olhar!
 Chico responde
 Não sei, sumiu, ninguém viu!
 Amo sem paciência
 Manda logo enclausurar
 Nego Chico não responde, pensa:
 Prenda preciosa tá morto
 O que fazer pra me salvar?
 Amo não dá conta
 Do silêncio esperar
 Bata nesse nego
 Quero ver ele apanhar
 Afinal roubou Capricho do Povo
 E não sabe onde ele tá
 Apanha nego saliente
 É isso que vai acontecer
 Devolve Capricho do Povo
 Se tu não quer morrer
 Desesperado
 Sem ter como fugir
 Chora, lamenta e inventa.
 Que vai descobrir
 O amo sentindo que não estava em
 vantagem
 Afinal se matasse Chico
 Como saberia onde Capricho do Povo
 tava?
 Manda soltar o nego
 Não mate ele, vaqueiro!
 Chico se sentindo livre
 Goza e negocia
 Trarei prenda preciosa
 Capricho do Povo de novo verás
 Minha liberdade em troca
 É o que quero mais
 Negociação acertada.
 Chico com os índios
 Corre campina abaixo
 Traz Capricho do Povo
 Que num suspiro lamentoso
 Desmaia de tanto esperar Desmaiado
 É jogado no terreiro
 Novilho bonito, morto?
 Patrão desorientado
 Manda chamar doutor
 Garrote da fazenda tá morto!
 Nego Chico é culpado
 De tanto sofrimento
 Minha cantoria é um lamento
 Doutor ou pajé?
 Depende de que época é
 Tanto bafafá, tanto disse me disse
 Brincadeira de bumba-meu-boi minha
 gente
 Não tem época, convive na roda do boi
 Passado, futuro e presente
 O boi ressuscita num lindo urrar
 É nova vida que vai chegar
 Pra alegria de todos começar
 È festa no terreiro

Manda anunciar
 Negro, branco e índio
 Num lindo bailar
 Mito das três raças tristes?
 Não meu senhor
 Cada um tem seu lugar!
 Une-se elementos
 Pra depois diferenciar
 Festa, noite adentro
 Só acaba no dia 30
 Dia de São Marçar
 O Santo do lugar
 Padroeiro de boieiro
 Que sai a noite a vadiar
 Na avenida do João Paulo
 Capricho do Povo vai bailar
 Sendo o melhor do lugar
 A disputa é acirrada
 Contrário veio guerrear
 È tempo de fazer bonito
 Madre Deus é teu lugar
 Manda chamar o povo
 Tá na hora de lutar.

2. UM DIÁLOGO INDISPENSÁVEL: FOLCLORE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em 'Língua Portuguesa' está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades (BRASIL- PCN'S, 1998, p.29).

O fragmento em epígrafe é um dado provocador. Embora a discussão sobre dialeção esteja na ordem do dia há tempo, ainda há muito o que se elaborar acerca da relação entre o domínio da variação e das variedades e o que se entende como apropriado e assim se ensina na escola. Por isso, optamos por discutir a variedade maranhense retratada no Bumba Meu Boi, manifestação folclórica de mais alta relevância no Maranhão. Pretendemos não apenas registrar a diferença, mas, sobretudo orientar a compreensão da fala que identifica traços culturais muito significativos para nós, os maranhenses.

Pretende-se então demonstrar a presença da variedade não padrão na composição das letras das toadas do Bumba Meu Boi. Também se tem por meta apresentar um estudo semântico-lexicográfico de palavras e expressões contidas nas dez toadas do Boi de Maioba que representa o sotaque de Matraca. Estes são os recortes indispensáveis para que fosse possível desenvolver em tão breve tempo uma dissertação sobre o tema eleito: O Bumba Meu Boi e a Expressão Verbal do Maranhão.

Antes, contudo, far-se-á um breve passeio pelo Maranhão, mostrando-lhe as características mais relevantes.

2.1 Algumas palavras sobre o Maranhão e seus traços culturais.

Maranhão, este cantinho do nordeste brasileiro de um povo faceiro, tem muita história para contar. E a rica imaginação do seu povo manifesta-se numa simples conversa, por meio da qual é possível ouvir contos fantásticos e perceber a mistura cultural e a variação linguística que enriquecem e emolduram o Maranhão.

Atenas brasileira, capital do reggae, terra de sabores exóticos e de uma natureza exuberante, de uma colonização no mínimo, intrigante, São Luís, tombado pela UNESCO, em 1997, como Patrimônio da Humanidade, é uma

das capitais mais fascinantes do Brasil, em especial pela história ali documentada em seu cenário.

Por isso, impõe-se discorrer sobre a fala desse povo, cuja linguagem reúne marcas do processo colonizatório de nosso país. Para tanto, abrimos nesta seção uma passagem pela variação linguística, com destaque para os fatos notáveis na fala maranhense, em especial em seu folclore.

Terra de mitos e lendas, o Maranhão tem um folclore privilegiado. Sua gente, resultado de uma mestiçagem de índios, negros e brancos, entre os quais se destacaram os franceses e holandeses, foi durante muito tempo considerada a capital da fala mais próxima do Português Europeu. Por isso, chegou a dizer-se que lá, no Maranhão, é que se fala o Português correto. Só com o advento dos estudos linguísticos é que se chegou à conclusão de que não há língua certa nem errada, então o mito da língua modelar maranhense saiu de foco. Todavia, isso não desmerece sua cultura. As diversas tradições culturais herdadas pelos maranhenses são responsáveis pela riqueza rítmica do Estado. Instrumentos como tambores, matracas, zabumbas, e ritmos como o do tambor de crioula, bumba-meu-boi, entre tantos outros, são heranças ancestrais que os artistas da atualidade souberam muito bem utilizar como fonte das suas criações. Outra forte influência é do Reggae, ritmo jamaicano que décadas atrás invadiu a Ilha e cativou seus moradores. A paixão por essa música conferiu a São Luís mais um título: "Jamaica Brasileira". A música povoa a tradição maranhense. Sua riqueza cultural é uma das mais bonitas do mundo segundo alguns estudiosos. Os grupos de boi, por conta do sotaque, documentam a diversidade: o Bumba-Boi de orquestra tem indumentária e instrumentos específicos. O mesmo ocorre com os outros tipos de Bumba Meu Boi.

Mas não é só a música e a dança que dão destaque à Capital do Maranhão. A riqueza natural, arquitetônica, gastronômica, faz de São Luís um catálogo da cultura nordestina mesclada pelos traços europeus deixados pelos colonizadores que lá estiveram.

A colonização do Maranhão é um capítulo ímpar na história do Brasil. Passaram por aqui franceses e portugueses, deixando cada um sua marca, sua cultura, e estas foram contribuindo, assim, essas particularidades foram importantes na construção da identidade cultural do povo maranhense.

Um lugar que ainda preserva seu estilo original do Século XVII e, por esta razão, convida-se a caminhar por entre ruas, ladeiras, telhados e becos em pedras de cantaria, onde ainda é possível vivenciar e sentir as poesias do tempo colonial. Mesmo sendo fundada pelos franceses, São Luís do Maranhão, é a capital mais portuguesa de todas as cidades brasileiras. Por isso, merece uma pincelada sobre sua história.

Segundo Reis (2004, p. 29),

São Luís nasceu francesa, a única capital brasileira que não nasceu portuguesa. Mesmo assim, até hoje guarda grandes relíquias da pátria-mãe Portuguesa. Em 1612, Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, que intentara criar a França Equinocial, comandando uma esquadra, aqui aportou batizando a "Ilha do Amor" com o nome de São Luís, em honra à memória de Luís XIII. Acompanhava a missão francesa um grupo de católicos, frades capuchinhos que ficaram nos anais de nossa história, a exemplo de Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, que marcaram páginas memoráveis sobre a terra, seus costumes e a gente encontrada. A data histórica do nascimento da cidade de São Luís é de 8 de setembro de 1612. Lá se vão 400 anos, onde a história jamais se afastou da "Cidade-Poesia". Por aqui também ancoraram holandeses, em 1614. Com a expulsão destes, Portugal começou a olhar melhor para o Maranhão, vencendo obstáculos, quer das rebeldias dos habitantes na época (índios), quer da própria natureza, onde o mar bravio apresentava-se com relevo destaque. Entretanto, em 1624, Felipe IV reinava em Portugal. Para melhor segurança e alegando outros motivos, separa o território do Pará e constitui o Estado do Maranhão, nomeando-lhe o seu primeiro Governador, o Capitão-General Francisco d'Albuquerque Coelho de Carvalho.

São Luís, atual capital do Maranhão, e Alcântara, sua primeira capital, conservam traços da exuberância em seus casarões, onde a beleza da azulejaria reveste suas fachadas inteiras de enormes sobrados de dois e três andares, alguns deles com belos mirantes. Isto faz parte da história do Maranhão e também inspirou nossos poetas.

Da riqueza histórica do Maranhão, tomou-se como objeto de pesquisa as toadas do Bumba meu boi que integram suas expressivas manifestações folclóricas. Nessas toadas estão retratadas as marcas culturais de negros, brancos e índios que, em proporções iguais, criaram um povo sorridente e festeiro, o maranhense. Este é um dos Estados brasileiros que reúne as mais numerosas e variadas manifestações folclóricas no que se refere à dança. Umas exclusivas; outras, embora comuns ao resto do Brasil, adquiriram localmente, características tão próprias que podemos considerá-las exclusividade do Maranhão. Antes de tudo, uma quase louvação:

No compasso da batida do meu coração
 Estremece um pandeirão
 Na maior orquestra de percussão
 Ecoam as matracas para manter a tradição
 Em ritmo de São João falo do Maranhão
 E fico quente como a fogueira que aqueci opandeirão

Vejo pelas janelas dos mirantes o povo brejeiro
 Entre becos e ladeiras
 A passear naterra das palmeiras
 Onde cantam os sabiás nascidos por lá
 Eita !!Maranhão, terra de sotaques, batuques que ecoam
 Fazendo um barulho para meu São João
 Lá vem o povo descendo ladeira
 Para ver o boi centenário da ilha
 AMaioba,quearrepia
 Ando na cadência das matracas
 Como os boieiros amanhecidos na Ilha
 Curtindo alegria da festança de São Pedro e São João
 Junto com o povão estremecendo o coração
 Na batida do pandeirão
 Mostrando ao povo os arraiais a visitar
 Com seus vários sotaques para embeleza
 Enriquecendo a cultura popular
 Se junta aos Bois, o Cacuriá:

Com sua dança sensual a lhe acompanhar
 Também o Divino para abençoar
 Ao final os tambores
 De Mina e Crioula
 Esquentando o coração
 Que estremece no compasso da matraca
 Com a batida do pandeirão

(Didi Lobão, RJ 4.12.2012)

A cultura maranhense, com suas influências, comprova a riqueza da mistura ameríndia, composta por brancos, índios e negros. Por meio dela traduz a localização geográfica do Estado do Maranhão, mostrando sua ascendência nordestina e amazônica.

Contando com a força deste multiculturalismo, o Maranhão foi presenteado com uma das mais ricas, vivas e originais expressões culturais do país.

Maranhão nome forte, de personalidade forte, que se encontra marcada em todas as suas manifestações: na culinária, nos sabores exóticos; no artesanato das fibras extraídas das palmeiras do buriti (que são tingidas e trançadas para encantar). Suas rendeiras numa comunidade de pescadores à beira do mar, na praia da Raposa, produzem rendas de bilro (peça de madeira similar a um fuso, para fazer rendas).

O Maranhão é repleto de pormenores conforme ilustra o português ludovicense Bandeira Tribuzi:

Hino de Louvação de São Luís

Ó minha cidade
 Deixa-me viver
 Que eu quero aprender
 Tua poesia
 Sole maresia
 Lendas e mistérios
 Luar das serestas
 E o azul de teus dias

Quero ouvir à noite
 Tambores do congo
 Gemendo e cantando
 Dores e saudades
 A evocar martírios
 Lágrimas, açoites
 Que floriram claros
 Sóis da liberdade

Quero ler nas ruas
 Fontes, cantarias
 Torres e mirantes
 Igrejas, sobrados
 Nas lentas ladeiras
 Que so bem angústias
 Sonhos do futuro
 Glórias do passado¹

A pesca artesanal e também é destaque que se manifesta até na construção dos barcos. A cultura maranhense tem sabores, lendas e uma variedade de danças que tornam este Estado um objeto de valor relevante no cenário nacional brasileiro.

Devido a sua cultura mesclada, que se somou aos traços aborígenes e africanos, o Maranhão oferece uma diversidade cultural que se reflete de modo muito especial nas várias formações do Bumba Meu Boi, manifestação eleita para investigação nesta dissertação, a partir das letras de suas toadas.

Por força das características das letras das toadas eleitas para cópua, cumpre iniciar a fundamentação teórica pela variação linguística, para, posteriormente, chegar-se até as peculiaridades do vocabulário ativado nas composições.

2.1.1 Variações e variedades

A *variação* de uma língua é o modo pelo qual ela se diferencia, de acordo com seu contexto geográfico, histórico e sociocultural, assim seus falantes fazem a

¹<http://letras.mus.br/hinos-de-cidades/394816/> (Consulta em 04/12/2012).

beleza da língua portuguesa, mostrando as diferenças de realização tanto na língua falada como na escrita. Tais diferenças acontecem para certificar que o sistema linguístico não é único, mostrando assim sua riqueza em vários eixos diferentes assim dispostos: regionais, estilísticos, sociocultural, ocupacional e etário. Sendo assim, mudança e variação poderão ocorrer em um ou vários subsistemas em que a língua é constituída, (fonético, morfológico, fonológico, sintático, léxico e semântico) formam o conjunto dessas mudanças, que são responsáveis pela evolução da língua.

O termo *variação* também pode ser chamado de variante, usando seu sinônimo, pois existem vários elementos associados aos aspectos geográficos e sociolinguísticos, atrelados à evolução linguística e ao registro linguístico, para que a variação possa ser descrita, valorizada como um fenômeno praticado pro determinado grupo social, em uma época e em certo lugar, pois uma língua nunca é igual ao que foi em outras épocas, em outros lugares, pois a variação existe para que outros grupos pratique a língua, porém com suas próprias peculiaridades.

A heterogeneidade do português brasileiro nos certifica que a língua é realmente heterogênea e por meio dela surgem muitas situações sociais, que nos envolve em nosso dia a dia, mostrando que a mudança é inevitável, visto que a língua é dinâmica.

Segundo Castilho (2010, p.197) *variação* e mudança são propriedades linguísticas que não impedem a intercompreensão, porque obedecem as sistematicidades e regularidades, impostas por pesquisadores sociolinguistas e de linguistas históricos.

As variedades ou variantes linguísticas são definidas de acordo com maneira de falar de cada comunidade, pois seus falantes são vinculados por relações sociais ou geográficas, usam formas linguísticas da língua natural. É um conceito mais forte do que estilo de prosa ou estilo de linguagem. Toda língua é diversificada, em virtude das inúmeras variações dos elementos do sistema linguístico (vocabulário, pronúncia, sintaxe) decorrentes de vários fatores como: sociais ou culturais (escolaridade, profissão, sexo, idade, grupo social etc.), A norma culta da língua e a linguagem que pertence ao povo, conhecida como popular são também classificadas como variantes sociais ou culturais. Já o dialeto é uma variedade geográfica ou regional primeiramente

responsável pela variação que acontece entre as regiões onde se faz presente a lusofonia.

Para ilustrar:

VÍCIO DA FALA
(*Oswald de Andrade*)

Para dizerem milho dizem mio
Para dizer melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Como vimos, a língua não é uniforme, constroem-se os telhados, a partir das relações sociais ricamente demarcada por diversos fatores, entre eles os regionais e culturais assim acontecem as contextualizações. As *teias*, *mios*, *miós*, *piós* fazem parte do cotidiano linguístico deste imenso Brasil, sobretudo daqueles falares caipiras que muitas vezes são impropriamente considerados como feios ou errados, sem perceber que se tratam de marcas diferenciadas da cultura nacional brasileira.

Com isso enfatizamos o regionalismo como um fator de grande influência, além de percebermos a riqueza dos falares típicos de cada região brasileira, todos eles com suas marcas e significados específicos. Cada falar desenha ao seu modo o retrato do povo que o pratica no dia a dia.

Segundo Dubois (1973, p. 266), os falares de uma língua são formas utilizadas nos grupos sociais, determinadas ou como signo de pertencimento ou da vontade de pertencer a certogrupo social. Portanto, os falares identificam o grupo social que o pratica. Há palavras e expressões que são utilizadas no campo ou no meio rural, para as atividades campesinas, como *enxada* (ferramenta de trabalho agrícola), mas quando se fala corrente, *porta*, *caminhão*, *dinheiro*; são palavras neutras utilizadas em qualquer circunstância, por qualquer grupo social.

O falar culto é o signo de um nível intelectual lapidado pelo conhecimento gramatical; o mesmo já não acontece com o falar popular, pois para este vale unicamente a compreensão, para efetivar a comunicação.

Em São Luís - MA, assim como nos demais Estados do Nordeste, *criança* é designada como *menino*, independentemente do gênero. Por isso, mulher grávida *espera menino*. *Pequeno* significa *criança*, enquanto em outros

Estados se veem outras denominações: *garoto*, *pirralho*, *moleque*, no Rio de Janeiro. Nos Estados da Região Sul, tem-se *piá*, *guri*.

Os falares são variados e são empregados em circunstâncias distintas, mostrando a diversidade da nossa língua. Os falares colorem o cenário da interlocução no panorama brasileiro.

A fala culta é própria de falantes com certo nível de instrução; é uma fala mais burilada, que contrasta com o falar popular. Este representa a fala descontraída, até desleixada, do povo em situações informais e, de certa forma, íntimas.

Cada um desses falares possui regras sintáticas e vocábulos específicos; todavia, não são formas exclusivas, uma vez algumas são comuns a muitos falares da língua ou mesmo a todos. Assim se constrói a beleza do nosso léxico.

Dialeto (datado de 1942, Houaiss, s. u.) é um conjunto de marcas linguísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica, restrito a uma comunidade inserida em outra comunidade maior de usuários da mesma língua.

Neste estudo vale a pena ressaltar que, para termos uma boa compreensão, é preciso ir além do conceito, pois o dialeto é a modalidade de uma língua caracterizada por determinadas peculiaridades (fonéticas, gramaticais ou regionais), está sempre junto às variações, que na linguística registram pelo menos seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, a de sexo e a de função. Segundo Travaglia (2009), a variação dialetal é uma forma de mostrar os registros da variação linguística, para que as mesmas possam ser vistas cada uma em sua dimensão. A competência comunicativa dos usuários é desenvolvida a partir das variedades linguísticas. Cabe a nós discorrer sobre a variedade dialetal.

Cada variedade está atrelada há uma dimensão. São seis as dimensões dialetais: (1) a geográfica ou territorial, que ocorre entre as regiões, diferenciando-se na pronúncia; (2) a social ocorre de acordo com a classe social, define-se pelo nível de escolaridade e pelo nível econômico; (3) na dimensão idade, é a faixa etária que se faz demarcada pelas escolhas linguísticas; (4) na dimensão sexo, os homens e as mulheres se diferenciam no plano léxico, (5) na dimensão geração aponta para os estágios do

desenvolvimento por que passa a língua; e por fim (6) a dimensão função cujas marcas identificam a função do falante. Vejam-se agora mais detalhadamente cada uma dessas dimensões.

2.1.1.1 Os dialetos na dimensão territorial, geográfica, ou regional

Nesta dimensão, variação é representada e se materializa distinguindo as regiões, onde, em tese, se fala a mesma língua. Normalmente decorre de influências sofridas historicamente na configuração sociocultural da região. Ex.: abóbora (sul e sudeste) / jerimum (nordeste).

As variações também acontecem porque os falares de uma determinada região, são geograficamente limitados em função de estarem polarizados ou orientados acerca dos termos políticos, econômicos, sociais ou culturais. Assim seu comportamento linguístico faz a identificação e distinção dos seus falantes.

É o caso da diferença da Língua Portuguesa falada no Brasil e em Portugal, como também nos países africanos de Língua Portuguesa (Angola, Moçambique, Cabo Verde), sem deixar de mencionar os diferentes falares que encontramos no Brasil como: o gaúcho, o nordestino, o carioca, o caipira etc.

Travaglia (2009, p.43) afirma que as diferenças entre a língua usada entre uma e outra região, apresentam na maioria das vezes diferenças no plano fonético (pronúncia, entonação, timbre) e no plano léxico (palavras diferentes para dizer a mesma coisa ex.: abóbora/jerimum, pinha/ata/fruta do conde), porém, as diferenças sintáticas, quando existem, normalmente são bem menores.

Não existem limites claros, que norteiem as diferenças dialetais das regiões, os limites são estabelecidos de acordo com as convivências, por esta razão fica difícil determinar que em certa região se encontre um dialeto mais apurado. Também não se pode dizer que ali acaba o nordestino e começa o caipira. Porém, podemos pegar o viés da sociolinguística, para enfatizar, que um desses dialetos poderá exercer maior influência.

Sabemos das diversidades que construíram os falares deste imenso país, o qual acaba servindo de laboratório para nós, pois quando ouvimos com nitidez o falar gaúcho e o comparamos ao nordestino, notamos a grande diferença. Se um gaúcho e um paranaense falam, percebe-se a semelhança de sotaques, que, no entanto, não impedem a comunicação.

Para enriquecer achamos relevante transcrever um texto de Jô Soares, em que, ele mostra as diferenças do vocabulário corrente no Brasil e Portugal, em uma situação hilariante entre dois falantes da mesma língua, que precisariam de um intérprete para efetivar a comunicação.

UNIDOS POR UMA MESMA LÍNGUA

Já não se fala mais português como antigamente. Todos os brasileiros que vão a Portugal

voltam impressionados com as diferenças de expressões entre os dois países irmãos. Com o passar do tempo, deixamos de usar várias palavras eles lá inventaram novas e nós criamos um monte delas. A verdade é que, se hoje um repórter português viesse de Portugal para o Brasil para fazer uma entrevista com o presidente Itamar, é bem provável que os dois necessitassem de um bom intérprete.

Repórter: Vossa excelência já deita ao desprezo o ocorrido nas celebrações do madri-gras ou sente-se resabiado?

Intérprete: O senhor não dá mais importância ao que aconteceu nas comemorações do carnaval ou ainda está aborrecido?

Itamar: Claro que dou, mas o que interessa é desaparecer a miséria do nosso povo.

Intérprete: Óbvio que sim, porém o que me apetece é escafeder-se a dependura de nossa plebe.

Repórter: Consta cá que alguns de seus ministros vivem a dizer-tu-direi-eu. Vossa excelência não acha que é contra?

Intérprete: Dizem por aqui que alguns dos seus ministros vivem em grande discussão. O senhor não acha que isso é ruim?

Itamar: É mentira

Intérprete: É peta

Repórter: Pois. Se calhar também é peta o paredão dos voadores e hospedeiras que cá por pouco ocorreu?

Intérprete: Sei. Vai ver que também é mentira a greve dos pilotos e das aeromoças que aqui quase aconteceu?

Itamar: Não, não é mentira. Como também não é mentira acontecer greve dos bancários

Intérprete: Qual peta que nada. Como por suposto não é peta ocorrer paredões de amanuenses dos armazéns de finanças.

Repórter: E a inchação?

Intérprete: E a inflação?

Itamar: A inflação está sendo combatida. Temos agora um plano sensacional.

Intérprete: A inchação está a ser fustigada. Possuímos de momento um projeto bestial.

Repórter: E a questão do recanto de feira no setor dos ordenadores? De que forma arranjou-se?

Intérprete: E o problema da reserva de mercado na área dos computadores? De que jeito foi solucionado?

Itamar: Pois não, isso não existe mais.

Intérprete: Pois sim, isso cá já não há.

Repórter: Por suposto a USA está a querer atalaiar as taxas sobre os vossos produtos, como os calçados de cabedal?

Intérprete: é claro que os estados Unidos estão querendo controlar os impostos sobre seus produtos, como os sapatos de couro.

Itamar: É

Intérprete: Sim

Repórter: Grato. Soube-me muito bem o cafezinho e a conferência.

Intérprete: Obrigado. Gostei muito do cafezinho e da entrevista

Itamar: Não há de quê.

Intérprete: Não há de quê

Repórter: Mas que coincidência, pá! Vocês cá também dizem não há de quê ?

(*Revista Veja*, 15/03/1994, *apud* TRAVAGLIA, (2009 p.22).

2.1.1.2 Os dialetos na dimensão social

As variações nessa modalidade representam a fala das classes sociais; são dimensões representadas por usuários língua, com uma grande semelhança entre os atos verbais.

Os mesmos possuem uma lusofonia privilegiada devido aos fatores socioeconômicos agregados ao grau de instrução e também à idade e gênero dos membros desta dimensão, que falam a mesma linguagem, têm relações e interesses comuns. Por esta razão se considera como variedade dialetal de natureza social, assim acontecem com os jargões profissionais ou de ofício (linguagem dos artistas, professores, médicos, mecânicos, estivadores) Cada grupo tem sua gíria, como forma própria de utilização da língua no seu grupo social, e assim protegem-no do entendimento por outros grupos, caracterizando assim uma comunicação cifrada, “secreta”.

Na variação de natureza social existem nuances que dificultam a definição e classificação dos dialetos sociais em relação aos dialetos regionais. Pois aqui se leva em consideração vários fatores como nível de escolaridade, que sempre está relacionado com a classe econômica. Os dialetos sociais operam como um identificador do grupo a que pertence, isto é, o grupo ganha identidade pela linguagem, que com frequência tem implicações políticas, pois é por meio da mesma que surge a integração em movimentos, lutas e reivindicações que são fortalecidas por meio da linguagem.

2.1.1.3 Os dialetos na dimensão idade

Este tipo de variação se faz necessário para que se possa ver o uso da língua e suas diferenças entre as pessoas de faixa etária diferente: crianças, jovens, adultos.

No decorrer da vida, as pessoas passam de um grupo para outro, adotando os falares de um grupo e excluindo de outros. Supondo valorizar o uso da língua, pessoas de maior escolaridade e idade mais avançada tendem a reagir às alterações introduzidas na língua pelas novas gerações. Destacam-se

aqui as gírias criadas pelos jovens. Estas nascem do desejo de auto-afirmação social ou de identificação pessoal ou grupal. O que define as gírias desse tipo é o caráter passageiro, embora algumas formas possam ser incorporadas posteriormente à fala popular.

Ilustrando:

Urrar – voz dos muares.

Ex. “Lá vem meu boi urrando, subindo o vaquejado...” (do Boi de Pindaré)

Urrar – bradar; gritar; reclamar com veemência a falta de algo.

Ex. João está urrando de fome e ou faz é tempo que estamos urrando (de falta de emprego, de comida)

2.1.1.4 Os dialetos na dimensão sexo

Neste âmbito, cada *variação* representa de alguma forma o sexo de quem fala. Em alguns casos as diferenças são determinadas por razões gramaticais, como os fatos de concordância explicados por Travaglia (2009, p. 47) “Por exemplo, um homem não diria a frase “Estou preocupada com a festa”, salvo se tivesse o objetivo de fazer graça ou imitar alguém, mas nunca numa situação ordinária de comunicação. Uma expressão masculina para o mesmo fato poderia ser algo como: “Puxa! Será que a festa vai dar certo?”

2.1.1.5 Os dialetos na dimensão da geração

Nesta dimensão, representam a *variação* histórica da língua, que, por sua vez, evita confusões com a idade, que o termo geração pode ocasionar no desenvolvimento da língua. As variações históricas só são vistas na língua escrita, sendo ela responsável pelo registro, para que possa permanecer na história. Ex.: Poema em Português Medieval (Apud Travaglia 2009, p.48) que seria exemplo de *variação* histórica, em que encontramos termos e formas de dizer hoje já arcaicas e formas de palavras que já sofreram evolução fonética.

Cantiga de Amor²

D. Denis

Hun tal home sei eu, ai, bem talhada,

Que por vós tem aas morte chegada;

Vêdes quem é e seed' ennembrada:

eu, mia dona!

Hun tal home sei eu que preto sente

²Glossário: sei= conheço; as = sua; bem talhada= formosa, elegante; (\vou por na tabela); em nembrada= lembrai-vos disso (sede=sede, en = de aí = disso, nembrada = lembrada); mia = minha; preto = perto; venha vos em mente = tende em mente; aquest'oíde = ouvi isto (aqeste = isto, oíde = ouvi – imperativo de oir, forma arcaica de ouvir); vo-loenpartide = desejas que ele parta; no xe vos obride = não vos olvideis (Xe= forma arcaica, equivalente a se, com o qual coexistia, no caso expletivo); obride = imperativo de obridar, hoje olvidar(Travaglia,2009, apud Pimpão,1960,p.19).

de si morte chegada certamente;
vedes quem em é e venha-vos em mente:
eu, mia dona!
Hun tal home sei eu, aquest'óide
Que por vós morr'evo-lo en partide;
vêdes quem é, nonxe vos obride:
eu, mia dona!

2.1.1.6 Os dialetos na dimensão das funções.

Nesta dimensão, as variações resultam da função desempenhada por seu usuário. Certificando-nos de que, na referida dimensão, segundo Travaglia, (2009 p. 51), a língua portuguesa não apresenta variações significativas. O autor exemplifica essa variação, que chama de plural majestático, em que governantes ou autoridades expressam seus desejos ou intenções por meio do pronome nós, comprovando sua posição de representante do povo. O uso do nós propicia que as autoridades mostrem sua soberania, sua autoridade.

Ilustrando:

Nós queremos que o povo dessa cidade se sinta seguro. Por isso reforçamos e aparelhamos nossa polícia para que possa dar maior segurança aos cidadãos.³

Ainda como subsídio a esta dissertação apresentaremos a classificação das variações linguísticas, ancorada na heterogeneidade sistematizada segundo Castilho (2010, p.197). O autor fala claramente que a língua tem suas propriedades e, entre elas, suas variações e mudanças, as quais proporcionam uma melhor intercompreensão, porque obedecem a uma sistematicidade e a uma regularidade, de forma que as variações efetivem com eficiência a comunicação.

Segundo Castilho (2010, p.147), entende-se por variação a manifestação concreta da língua; e por variedade a soma idealizada das variações. Cada uma dessas variações, por sua vez, é organizada por um conjunto de variantes, ou seja, um conjunto de usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização de uma variedade.

- Variante > Variação > Variedade

³<http://redacaobrasileira.blogspot.com.br/2012/10/3-modalidade-da-lingua-padrao.html> (Acesso em 12/11/2012)

2.2 A variação na Perspectiva de Castilho

Para sedimentar a noção de variação linguística, Castilho (2010, p.198) ordenou as variantes partindo de diferentes eixos de variação, assim dispostos no Português Brasileiro: (1) variação geográfica, (2) variação sociocultural, (3) variação individual, (4) variação de canal e (5) variação temática. Em perspectiva sincrônica, as variedades coexistem e sofrem evolução no curso de seu uso pelos falantes. Passa-se então a uma breve apresentação das variações:

2.2.1 Variação Geográfica.

Nesta variação, os falantes do PB, como de qualquer outra língua natural, oriundos de uma determinada região, mostram que há uma correspondência dos falares, entre a região de origem e outras regiões. Porém, cada uma delas com sua marca de origem especificando, assim, a produção linguística de cada falante. Sabemos que brasileiros e portugueses não falam da mesma maneira. Ainda que tenhamos sido colonizados por Portugal, criamos nossas marcas próprias.

Os falares das regiões brasileiras: norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste, tampouco se expressam exatamente da mesma forma, dando espaço para surgir os diferentes falares, que estão relacionados a cada espaço geográfico ocupado pela língua portuguesa, enriquecendo nosso léxico sem dificultar a nossa comunicação.

A variedade geográfica, entre as demais é a mais perceptível, pois quando começamos a conversar com alguém, percebemos nitidamente se a pessoa é da nossa região ou não, mas também sabemos que essas diferenças em nossos falares não dificulta o entendimento e sim nos certifica da grande beleza da geografia linguística, mostrando que em nosso continente se faz uma comunicação efetiva.

Ilari e Basso (2011, p.157) preferem o termo diatópicas “(do grego dia = através de; topos= lugar)” para classificar as diferenças que uma mesma língua apresenta, na dimensão do espaço, segundo sua distribuição pelas várias regiões do mesmo país. Essa variação é mostrada no estudo lexicográfico das toadas do Bumba Meu Boi do Maranhão, cópula desta dissertação.

2.2.2 Variação Sociocultural

Nesta os falantes do Português Brasileiros (PB), originário de uma mesma região, tendem a sofrer variações, pois cada falante é procedente de um segmento social diferente, por esta razão constatou-se que há um dependência entre os fatos linguísticos de cada falante, de acordo com o segmento a que ele pertence. Para sedimentar esse estudo, sistematizamos as variedades socioculturais, levando em consideração as variáveis a seguir: (1) falante não escolarizado, (2) falante escolarizado.

Falantes escolarizados e analfabetos usam falas diferenciadas. Os analfabetos produzem o português popular, ou a variedade não culta, diferenciando-se dos falantes escolarizados; estes usam o português culto, lapidado ou a variedade padrão da língua, aprendida nas escolas ou em ambiente familiar.

O Português Culto e o Português Popular foram heranças trazidas pelos colonos portugueses, com predominância dos falantes do português popular, classe menos favorecida que esperava se tornar dona das terras conquistadas. De fato melhoraram a condição de vida, tornaram-se instrutores, foram responsáveis pelos ensinamentos dos povos conquistados, ensinaram as suas técnicas de plantar, construir casas e administrar, porém sempre falando em latim vulgar.

Dessa forma certificamo-nos de que o português que desembarcou em nossas praias não fora o mesmo português ensinado e falado nas Universidades de Coimbra. Era o português popular, recém chegado na América do Sul e dele derivava diretamente o Português Brasileiro; por isso há uma sintonia entre as variedades populares e cultas, pois ambas se inter-relacionam, propiciando uma comunicação por excelência.

Para fortalecer a noção sobre a instalação e a variação do PB, Castilho, (2010 p. 205) afirma: “quando distinguimos o PB popular do PB culto, estamos nos referindo a variações socioculturais não separáveis rigidamente. Ninguém é exclusivamente “falante popular” nem “falante culto”. As linhas divisórias entre essas modalidades são muito tênues – afinal não se trata de duas línguas diferentes!

Ilari e Basso (2011, p.175) descrevem a variação que se encontra nos diferentes estratos da população. Referida às vezes como português

subpadrão ou substandard, a variedade de português falada, pela população menos escolarizada foi descrita por vários estudiosos, entre eles Castilho, que enumera suas principais características, na fonética, morfologia e sintaxe. Ilari e Basso falam que nesta variação subpadrão ou substandard — cujas formas caracterizam um uso inferior socialmente aos que se estabeleceu como padrão, ou normalidade comunicativa.

Os autores (2011, p. 176) dizem que:

“por razões tanto pedagógicas como científicas, é importante perceber que as formas do português *substandard* fazem parte de uma variedade de língua que tem uma gramática própria, e que essa gramática permite uma comunicação muito eficaz. No português subpadrão que se fala no Brasil, a conjugação verbal reduziu-se, é verdade, a duas formas”.

Para ilustrar:

	Português padrão	Português <i>substandard</i>	Português subpadrão
Verbo eleito	Cant-a-r	Cant-a-r	Cant-a-r
Eu	-o	-o	-o
Tu	-as	Ø	Ø
Ele/ela	-a	-a	Ø
Nós	-amos	-amos	-a
Vós	-ais	Ø	Ø
Eles/elas	-am	-am	-a

Quando comparado à modalidade padrão, verifica-se uma diferença objetiva, visto que a gramática normativa ensina seis formas e seis pronomes diferentes. Assim fica claro que esse paradigma verbal aponta uma simplificação da língua portuguesa decorrente no nível de escolarização ou não escolarização do falante.

2.2.3 A variação individual

Essa variação nos dá um conjunto de parâmetros, que permitem uma melhor observação do PB, por isso é chamada de individual, abrindo um espaço para um entendimento pormenorizado de suas características, mostrando cada fator a ser observado neste nível de *variação*. (A) Registro, (B) Idade, (C) sexo e (D) socioeconômico. Vejam-se a seguir cada um destes fatores.

2.2.3.1 Fator Registro

É o eixo em que se conhece o PB informal ou (coloquial) e o PB Formal ou (refletido). A nossa fala se acomoda de acordo com o espaço em que a usamos. Se estamos no seio familiar ou com amigos, tendemos a falar com menos cuidado. Porém se estamos com pessoas desconhecidas, refletimos antes de falar ou escrever. Para tanto usamos os recursos linguísticos adequados às situações. Vejam-se algumas amostras do PB informal e do PB formal, colhidas em Castilho (2010 p.211).

Oi Bia,
 Seguinte. A gente combinou de ir no cinema amanhã, sessão da tarde. Não vai dar. Me esqueci que tem uma prova no colégio, e se eu Não estudar minha velha me pega pelo pé. Eu, hein? Tô fora. Você me entende. Beijocas, Pedro

PB Informal (Bilhete para namorada)

Senhor Gerente:
 Terei de faltar amanhã ao trabalho em razão de uma prova bem difícil, no colégio. Precisarei estudar, pois se eu for mal nessa prova minha mãe vai ficar muito nervosa. Espero que o senhor compreenda minha situação e que me desculpe.
 Atenciosamente,
 Pedro.

PB Formal (Carta ao Patrão)

2.2.3.2 Fator Idade

Fator que nos mostra que o português de crianças e de adultos sofre uma variação por conta da idade. Nano (Apud Castilho⁴, 1991, p. 9-16) diz o seguinte que: “Simplificando um pouco as coisas, sabe-se que os velhos falam como se falava antes, e jovens acolhem as mudanças na língua que foram generalizadas posteriormente. Jovens usam mais gírias que os velhos”.

Segundo Castilho (2010 p.212), o registro individual de sexo, registrado no português de homens e de mulheres, mostra que:

A estrutura da língua portuguesa não explorou muito fortemente a diferença entre os sexos, comparada a outras línguas. Em algumas línguas, a própria morfologia é diferente, segundo quem fala é um homem ou uma mulher. No japonês, por exemplo, há dois pronomes para eu e dois para tu, pelos quais se esclarece o sexo do falante (Rodolfo Ilari, com. Pessoal). Pesquisas sobre o PB culto

⁴http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_16.pdf (Consulta em 12/12/2012)

mostraram, entretanto, que as mulheres e homens distribuem diferentemente expressões do tipo eh...,ahn..., eh... quando falam, criando o que Tarallo(1993 a) chamou de “sotaque sintático”.

2.2.3.3 Fator Socioeconômico

Este fator está inserido na *variação* sociocultural. A fala é registrada de acordo com o poder aquisitivo, o português culto ou reflexivo é falado por aqueles que tiveram acesso aos estudos. Isto é: os menos favorecidos, com baixo poder aquisitivo, comunicam-se segundo o modelo popular; falam apenas para se comunicar, pois, sem o acesso às melhorias socioculturais não lhes é possível executar uma linguagem mais trabalhada.

2.2.4 Variação de Canal

Quando se fala, na presença do interlocutor ou na ausência do mesmo, ou quando se escreve, altera-se a atitude linguística. Essa mudança nos leva à variação de canal tanto na língua falada como também na língua escrita. Castilho (2010, p.212), sedimenta nosso comentário, dizendo que o seguinte: “Em qualquer uma dessas situações, o locutor não está sozinho na construção de seus enunciados, que são de certa forma controlados pelo interlocutor, presente ou ausente. As línguas naturais são, portanto, constitutivamente dialógicas”.

2.2.5 Variação Temática

Esta variação é responsável pelo Português Corrente diuturnamente, e Português Técnico, com suas especificidades. Castilho (2010, p. 223) explica que,

Podemos falar de assuntos especializados, e aí teremos o *português técnico*. Essas variedades distinguem a linguagem do cidadão comum, da linguagem dos cientistas, dos clérigos, dos políticos etc. Para dar um só exemplo: o paciente procura um médico e diz que está com *dor de cabeça*. O médico prescreve um remédio para *cefalalgia*. A dor é a mesma, mas *cefalalgia* é como ela é representada na linguagem técnica, ao passo que a *dor de cabeça* é uma expressão usada correntemente.

A variação temática encerra esta parte com louvor, pois quando se fala de variação, o nosso expoente máximo é Ataliba de Castilho, que sedimenta este trabalho e nos mostra com muita sapiência e muita propriedade, as diferenças entre as linguagens, que deram um brilho especial nos falares do Português

Brasileiro, formando as nossas variações linguísticas. Porém, não se pode deixar de mencionar outros estudiosos, que também falam de variação linguística, porém propondo outro quadro explicativo.

Para enriquecer nosso trabalho, buscamos mostrar a opinião Rodolfo Ilari e Renato Basso, que também se subsidiaram em Ataliba de Castilho. O PB é heterogêneo, por isso são sempre bem-vindas outras definições. Ilari e Basso (2011, p.152), partindo do princípio de que a variação é um fenômeno normal, propuseram estudar as variações da seguinte maneira: (1) variação diacrônica, (2) variação diatópica, (3) variação diastrática e (4) variação diamésica. Vejam-se cada uma destas variações:

2.2.6 Variação Diacrônica

Esta acontece ao longo do tempo, decorre da evolução histórica dos fatos de uma língua. Nesta variação a língua possui uma *história externa* — a maneira como a língua se transforma por efeito de suas funções sociais e políticas e também, como ela se relaciona com as comunidades linguísticas; e uma *história interna* — processo de transformação que ocorrem na gramática da língua, nos planos fonológico, morfológico, sintático e também lexical.

2.2.7 Variação Diamésica

Ilari e Basso acrescentam uma *variação*, que está associada aos diferentes meios ou veículos de expressão que utilizamos para efetivar a comunicação. De acordo com Ilari e Basso (2011, p.180): “Em paralelo com os adjetivos *diacrônica*, *diatópica*, e *diastrática*, que foram utilizados, e definidos em parágrafos anteriores, podemos denominar esse tipo de *variação diamésica* (etimologicamente: variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos)”. Neste recorte também são observadas as diferenças entre a língua falada e a língua escrita.

A partir dessa breve revisão sobre a variação linguística no PB, e considerando que as variações materializam a língua efetivamente em uso por um povo, refina-se então o foco da presente dissertação que focaliza o léxico presente nos falares do Maranhão, apresentado nas toadas do Bumba Meu Boi.

2.2.8 Variação e vocabulário

A variação lexical, como as gírias ou os calões, que também são variedades, situam-se no plano do registro, ou estilo, constituem os idiotismos. Datado de 1703 (Houaiss, s. u.) idiotismo é um traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas (p.ex., o infinitivo pessoal do português, ou a resposta afirmativa com o próprio verbo da pergunta, como: – Você vai? – Vou).

Esta dissertação opera com a variação no plano lexical e tenta demonstrá-la por meio da discussão de letras de toadas típicas do Bumba meu Boi. Interessam-nos, também as expressões idiomáticas ou expressões populares contidas neste cópuz.

Há expressões que não admitem separação de suas formas; também é impossível traduzi-las para outras línguas. Em muitos casos as expressões idiomáticas associam-se a gírias, jargões, ou a contextos culturais e podem estar atreladas a grupos de pessoas, fazendo distinção pela classe social, religião, idade ou profissão. Muitas expressões são restritas aos grupos onde foram criadas, outras expressões foram repassadas pelo tempo. São denominadas por alguns como conglomerados.

Segundo Walmírio Macedo (2012 p. 63), a palavra é uma unidade construída. Uma palavra pode ser criada ou inventada com imitação fonética, porém sem significação. Quando se constrói uma palavra e esta tem significado, a chamamos de lexia, daí a diferença entre lexia e palavra. Napato é palavra, mas não é lexia enquanto que sapato é uma palavra e uma lexia porque possui um significado; é uma palavra verídica, enquanto que a palavra napato, é uma forma experimental à qual não está relacionado qualquer significado.

A palavra couve-flor traz em si duas palavras, couve e flor, porém constituindo uma só lexia: couve-flor é o nome de um vegetal. Já o conjunto “andar na linha” pode ser entendido de várias maneiras. Vejam-se:

No plano da significação, é possível:

Sentido figurado	Pessoa que <u>anda na linha</u> não se dá mal.	Andar na linha	Ser correto	<i>Andar na linha</i> é uma léxica complexa e seus componentes não têm autonomia semântico-sintática.
Sentido literal	Pessoa que <u>anda na linha</u>	Andar na linha	Seguir pelos	A expressão <i>na linha</i> não integra a forma verbal, por isso pode ser substituída por

	o trem mata.		trilhos	qualquer outra que combine com a ideia de <i>caminhar, seguir</i> etc.
--	--------------	--	---------	--

Forma	Significado	Comentário	Classificação
Andar na linha	Portar-se bem; comportar-se segundo as normas de trato social, etc.	Léxica complexa ou conglomerado verbal	Formas indissociáveis

Núcleo verbal	Adjunto	Funções sintáticas	Comentário
Andar	Na linha	Núcleo verbal + Adj. Adv. de lugar	Submetem-se à análise sintática convencional.
	Na passarela	Núcleo verbal + Adj. Adv. de lugar	
	Na rua	Núcleo verbal + Adj. Adv. de lugar	

Após esta demonstração, pode-se concluir que o conglomerado (ou expressão idiomática) é uma unidade significativa muito coesa, que não pode ser desconstruída para não violentar a significação e nem a sintaxe, pois é considerada como uma semântico-sintática. Trata-se de sintagma fixo que carrega significado especial, às vezes não contido em seus elementos se observados isoladamente. Para exemplificar com expressões atuais, temos:

Conglomerado ou expressão idiomática atual	Lugar onde é usada
Abaixar o topete = baixar a cabeça	São Luís-MA
Abrir os olhos = ter cautela, ficar atento	São Luís-MA
Deitar o verbo = espinafrar, ridicularizar	São Luís-MA
Tô brocado = estou com fome	Balsas-MA
Bater o facho – morrer;	Balsas-MA
Ralar peito = ir embora	Rio de Janeiro

As expressões idiomáticas são marca registrada de cada língua, podendo identificar ainda a variação no interior de uma língua. Veja-se o conjunto de formas trazidas da fala angolana:

Segue uma lista de expressões criadas em Angola⁵

Dar gasosa	Entregar gorjeta, gratificação, ou suborno
Vou-me fugar	Vou fugir (normalmente de uma obrigação)
Tirar o pé/ Tiroso / Sair voado	Ir embora
Dar jaião	Simular
Boelar	Ser passivo, não reagir
Apanhar a pata	Ter controle sobre alguém
Ver fumo/ Ver bilhas	Ter dificuldade em alguma situação
Calça queima bilhas	Calça muito justa
Bem cacimbado	Com algum tempo de sobra
Levar um mambo militar	Ser submetido a uma reacção extrema

⁵http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_express%C3%B5es_idiom%C3%A1ticas (Consulta em 10/10/2012)

Não maia	Não falha/ Não vacila
Dar bilíngue	Mentir/Enganar

Segue uma lista de expressões com origem em Portugal.

Acertar agulhas	Pôr-se de acordo ou combinar algo com alguém
Acordar com os pés de fora	Estar mal disposto logo pela manhã
À sombra da bananeira	Despreocupado.
Água pela barba	Situação desesperante.
Aproveitar a boleia	Pegar carona
Cabeça de alho chocho	Distraído, esquecido
Cabeça nas nuvens	Distraído, alheio.
Calinada	Forma jocosa de se referir a erro ortográfico
Cara de caso	Estar preocupado
Comer como um abade	Comer muito, ser glutão.
Cortar as vazas	Impedir algo ou alguém.
Chatear o Camões	Ir chatear outra pessoa.

Este conjunto de expressões permite constatar-se a peculiaridade que as expressões idiomáticas emprestam à língua, a ponto de gerar dificuldade de compreensão entre falantes de variedades distintas de uma mesma língua.

O termo variedade é uma forma neutra de se referir a diferenças linguísticas praticadas por falantes do mesmo idioma. A opção por variedade evita as ambiguidades de termos como língua, quando associado à norma padrão, ou dialeto, quando vinculado às variedades não padrão, que são desprestigiadas por serem usadas, em geral, pelos de menor ou nenhuma escolaridade. O leto é um termo usado quando há dificuldade em decidir se duas variedades podem ser consideradas como uma mesma língua, ou como línguas ou dialetos diferentes. Alguns sociolinguistas usam o termo leto, no sentido de variedade linguística, porém, sem especificar qual tipo de variedade. As variedades apresentam não apenas diferenças de vocabulário, mas também diferenças de gramática, fonologia e prosódia. No caso dos dialetos, em sentido estrito, essas diferenças podem chegar a dificultar a comunicação entre os nacionais em alguns países. O exemplo mais conhecido é o da Itália. Um genovês se comunicará com um calabrês mais facilmente se usarem ambos o italiano padrão. Veja-se esse excerto:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. (Celso Cunha, 1998).

Supõe-se que esta dissertação traga uma contribuição no âmbito da descrição e do ensino da língua portuguesa, uma vez que traz à cena uma subvariedade do falar regional nordestino, em sua realização no Estado do Maranhão; e refina o foco ao comentar formas típicas das toadas do folclore maranhense mais significativo: o Bumba Meu Boi.

3 O LÉXICO DAS TOADAS

Descoser um conto é também um ato de desejo. Desejo de enveredar pelos subterrâneos de um texto; desejo de viver a trama e investigar personagens; desejo de “escandir” o enunciado e viajar de volta ao momento da enunciação. O desejo é móvel de ação. E do desejo nasce o mito. E do mito nasce o conto (Simões, 2006, p.77).

A epígrafe faz suscitar novos rumos de estudo do léxico, pois por meio dos verbos descoser, escandir e enveredar, fica claro o entrelaçar dos vocábulos nas tramas das toadas do Bumba meu boi, e por meio das mesmas explorar seus significados.

Todavia faz-se-á um trabalho sem desmanchar o que já está pronto, fomentando a valorização da expressão popular, dando um enfoque no léxico para enriquecer o folclore maranhense, na trajetória deste estudo

Segundo SIMÕES, 2006, p.77. “E assim como o alfaiate examina o tecido para descobrir a direção do fio, da trama da tela, para melhor aproveitar os cortes, também a análise dos textos requer a perícia de alfaiate...”Desse modo, por meio de leituras das toadas, espera-se proporcionar e edificar um ambiente estimulante a aprendizagem do léxico, onde o emaranhado de palavras que tecem o texto das toadas, faça emergir uma comunicação significativa por meio da variação sociocultural. Assim se comprova, que para entender as toadas do Bumba meu boi, basta lembrar da correlação, entre fatos lingüísticos e o segmento social e a procedência de cada falante. Como bem explica CASTILHO, 2010,p.204.

3.1 Algumas palavras sobre o estudo do Léxico

O estudo do léxico busca desvendar os significados do texto, dando possibilidades ao homem para que mostre sua natureza, e se deixe revelar como um ser criador, capaz de apresentar sua cultura e por meio dela, suas manifestações culturais, crenças e valores. Essas manifestações delegam poder ao homem, para que ele possa deixar fluir a sua linguagem. O homem se diferencia de todos os outros animais, pela faculdade da linguagem verbal, dando-lhe permissão para nomear todos os seres e coisas do universo e assim perpetuar a história de sua espécie.

Veja-se o que diz o lingüista:

1- A língua é parte da cultura; 2. É porém, parte autônoma que se opõe ao resto da cultura; 3- Explica-se até certo ponto pela cultura e até certo ponto explica a cultura; 4- tem não obstante uma individualidade própria que deve ser estudada entre si; 5- Apresenta um progresso que é seu reajustamento incessante com cultura; 6- É uma estrutura cultural modelo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura. (CÂMARA Jr., 1972, p.273).

Com o autor de *Princípios de Linguística Geral*, podemos afirmar que língua e cultura estão ligadas intimamente. Para melhor conhecer uma comunidade, se faz necessário um estudo pormenorizado, contextualizado, de sua língua que documenta sua cultura. A visão de mundo dos indivíduos está intimamente ligada ao léxico, e esta ligação léxico e cultura, compartilhada por todos os membros de uma comunidade, possibilita criar e recriar seu universo. Assim o acervo lexical demarca o território linguístico a ser ocupado por cada grupo social, por que registra seus valores histórico-culturais.

Esta dissertação versa sobre a questão do léxico, como marca sociocultural, do folclore maranhense. Assim sendo, selecionaram-se toadas representativas de cada sotaque, e dentre elas elegeu-se as do Bumba meu boi da Maioba, sotaque de matraca, ou boi da ilha, para, a partir da discografia do centenário do grupo, realizar-se um estudo do léxico.

Segundo (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9), o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história de uma comunidade. Desse modo o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, à medida que o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos da cultura.

Na amostra deste trabalho, o léxico do universo do Bumba Meu Boi é levantado nas suas toadas. Pela nomeação da indumentária e dos instrumentos musicais pretende-se “traduzir” a cultura ali representada, em prol do entendimento ao leitor.

Em nosso Estado, há uma diversidade cultural inegável, as variações dos falares enriquecem e direcionam pensamentos, atitudes e comportamento. A relação língua e sociedade se constitui um objeto semântico, como explica Benveniste (1899, p.100):

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social (...). O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura.

A língua reúne qualidades, dentre elas destaca-se seu caráter polissêmico, que favorece a construção de diferentes significados, dependendo do contexto em que um vocábulo é atualizado. Veja-se a seguir o conceito de léxico na visão de alguns estudiosos e pesquisadores da Língua Portuguesa.

Segundo Henriques (2011, p.13):

LÉXICO é o conjunto das palavras de uma língua, também chamadas de LEXIAS. As LEXIAS são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa aparecer um conjunto finito, o léxico de cada da língua é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-los. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões.

Ao desenvolver esta pesquisa-dissertação, teve-se o cuidado de fazer um apanhado de expressões idiomáticas, regionalismos. Para representar a força do maranhense, criamos a palavra *maranhensidade*, que busca mostrar a fidelidade dessa gente à cultura de seu Estado.

Por falar em fidelidade cultural, não se pode deixar de fora o Projeto AliMA, desenvolvido por professores e alunos da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Trata-se de elaboração do Atlas Linguístico do Maranhão, para descrever e identificar os fenômenos fonéticos, prosódicos morfossintáticos, lexicais e semânticos que caracterizam a riqueza dos falares do Estado.

Para Ramos, Rocha e Bezerra (2005, p. 7):

Com este trabalho, esperamos, portanto, contribuir para levar para dentro da escola a língua que o aluno aprende na escola e na vida, para que assim ele possa aprender com as experiências que vivencia fora do espaço da escola e, a partir daí, desenvolver um pensamento crítico não só sobre a língua e seu funcionamento, mas também sobre o conhecimento de um modo geral e sobre sua própria postura diante desses saberes e do mundo, o que terá reflexos em sua qualidade de vida. Retomando Travaglia, vale lembrar que nossa qualidade de vida passa, necessariamente, por uma educação linguística que, esperamos, seja adequada.

Sabe da relação do léxico com a cultura, com o espaço social ocupado pelo homem; por esta razão, delimitar uma pesquisa não é uma tarefa simples, pois se precisa dar atenção ao contexto social e cultural, para estreitar laços de compreensão entre o léxico de uma sociedade e respectiva cultura.

A relação língua, cultura e sociedade gera o fenômeno da variação linguística. Exemplifica-se então essa heterogeneidade linguística maranhense por meio da lexia *galinha d'angola*.

No ALiMA, segundo Aragão (2009, p.18-20), tem-se:

DESIGNAÇÕES PARA GALINHA-D'ANGOLA								
MESSORREGIÃO	Norte	Norte	Centro	Oeste	Leste	Sul		Sul
LOCALIDADE	São Luís	Pinheiro	Bacabal	Imperatriz	BREJO	Carolina	Balsas	Alto do Parnaíba
LEXIAS								
Galinha d'Angola	*							
Angola			*					
Agulista						*		
Capote	*	*	*		*			
Catraio	*	*						
Cocar > Cocá							*	*
Guiné			*	*		*	*	*
Tô fraco	*			*				

Esse quadro mostra oito designações lexicais, para *galinha-d'angola*. Vê-se que São Luís tem o maior número de designações. *Tô-fraco* constitui uma designação de base onomatopaica, pois é uma imitação da voz do animal. Esta forma ainda não está dicionarizada.

Na concepção de Vilela (1995, p.13):

O **Léxico** é numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da comunicação e do saber partilhado.

O autor citado estabelece uma distinção entre léxico e vocabulário. O léxico de um autor, o léxico de um texto ou o léxico de uma área de saber, para

Vilela é o conjunto de palavras para um determinado objetivo; porém o vocabulário é o conjunto de todos os vocábulos que existem realmente num determinado lugar ou em um determinado tempo, ou os dois juntos em uma mesma comunidade linguística.

Para Vilela (2009, p.13) diz que o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocábulo é o particular, o individual o acessório. Ele explica ainda em uma outra perspectiva, que é a de coleção de unidades, onde o *vocabulário* está contra o *dicionário* e a *glossário*: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos de uma língua, o vocabulário, nele contém todas as palavras; o vocabulário, é a recolha de um setor determinado de uma língua e o glossário é um vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipédia (2012)

Léxico pode ser definido como o acervo de palavras de um determinado idioma: todo o universo de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito. Podemos dizer que uma característica básica do léxico é sua mutabilidade, já que ele está em constante evolução. Algumas palavras se tornam arcaicas outras são incorporadas, outras mudam seu sentido, e tudo isso ocorre de forma gradual e quase imperceptível. O sistema léxico de uma língua traduz a experiência cultural acumulada por uma sociedade através do tempo, ou seja, o léxico pode ser considerado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística através de sua história, um acervo que é transmitido de uma geração para a geração seguinte. O usuário da língua utiliza o léxico, esse inventário aberto de palavras disponíveis no seu idioma, para a formação do seu vocabulário, para sua própria expressão no momento da fala e para a efetivação do processo comunicativo. Assim, o vocabulário de um indivíduo caracteriza-se pela seleção e pelos empregos pessoais que ele faz do léxico. Quanto maior for o vocabulário do usuário, maior a possibilidade de escolha da palavra mais adequada ao seu intento expressivo¹¹.

Ceia (2012) em seu *E-Dicionário de Termos Literários*^{12s} diz que o *léxico* é um:

1. Conjunto das unidades significativas de uma dada língua, num determinado momento da sua história. Em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. Alguns linguistas relacionam o par léxico/vocabulário com as oposições preconizadas por Saussure entre *langue*/*parole*. As unidades virtuais do léxico, actualizar-se-iam no discurso. As unidades do léxico são os lexemas, por oposição às unidades da gramática, os gramemas ou morfemas gramaticais. Também podem ser designadas por monemas lexicais (O termo monema remonta a

Frei e foi divulgado por Martinet, Escola Funcionalista) ou morfemas lexicais (Bloomfield, Escola Americana). Os monemas lexicais têm um conteúdo semântico que aponta para relações extralingüísticas, por oposição aos morfemas gramaticais, cujo conteúdo semântico é intralingüístico, ou seja, aponta para relações do foro gramatical. Por exemplo, mar é um lexema, e o chamado “género”, neste caso masculino, é um morfema gramatical. O “mesmo” lexema mar em francês, seleciona o “género feminino”, por isso dizemos que o conteúdo semântico dos morfemas gramaticais é intralingüístico. Fala-se de estrutura lexical ou sistema lexical, para se referir o modo como as unidades do léxico de uma dada língua se organizam.

2. Léxico (do grego *lexis* - palavra) pode ainda ser usado na acepção de dicionário de uma língua, ou seja, conjunto de palavras ordenado, “tesouro de palavras, disposto como está num dicionário” (Saussure, 1986: 305). De acordo com Mário Vilela, “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade linguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade” (1994: 6). Tudo o que faz parte das vidas dos seres humanos tem um nome, nome esse que é part integrante do léxico. O léxico abrange o saber linguístico partilhado pelos falantes e existe na sua totalidade no grupo formado pelos falantes da comunidade linguística em causa.

A partir dessas definições, verifica-se que o léxico de uma língua está no rol dos aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos de uma comunidade, enquanto o vocabulário faz parte ou está contido no léxico. Este é propriedade de todos os falantes de uma mesma comunidade.

Para ao estudo do léxico existem duas rubricas específicas: *lexicografia* e *lexicologia*. Desenvolveu-se a dissertação no que tange à discussão do léxico ativado nas toadas com base na lexicografia.

De posse das instruções teóricas acerca do léxico da língua, entra-se então a refinar o foco da dissertação, levantando e discutindo palavras expressões presentes no corpus, por meio das quais é possível caracterizar o folclore do Bumba Meu Boi do Maranhão.

¹¹ pt.wikipedia.org/wiki/Léxico (Acesso 10.12.2012).

¹² <http://www.wikipédia.com.br> (Acesso 10.12.2012).

3.2 Análise do Corpus

O corpus desta pesquisa estabelece uma articulação entre a língua portuguesa e a cultura popular maranhense, representada pela *Bumba Meu Boi*, do qual foi feita uma amostra de cada sotaque, apresentando uma toada de cada um deles. Das letras das toadas selecionadas foram retiradas palavras e expressões que representam esta manifestação folclórica. Porém, mais um recorte se impôs: a análise foi feita apenas com as toadas do *Bumba meu boi da Maioba* (sotaque de matraca) tomando por base a discografia de comemoração do seu centenário em 1997.

Cumprir dizer que esse folguedo recebe o nome do município onde foi criado: Maioba.

Nesta dissertação, fez-se um levantamento semântico-lexicográfico de palavras e expressões encontradas nas toadas com vista a demonstrar marcas da variedade popular com que são construídas as letras estudadas, destacando, eventualmente, valores expressivos, enfáticos.

O corpus eleito se constitui de dez toadas do Boi De Maioba, que representa o *sotaque de matraca*.

Convido a todos, venha ver!
 Toadas que só a Maioba sabe fazer
 Conhecer um povo diferente
 Que canta e encanta sua gente
 Com a força dos espíritos
 Que iluminam a gente...
 (Didi 06.12.2012)

Deixe-se levar pela beleza da cultura, assim você terá o prazer de ver acontecer por meio da leitura, uma alegria contagiante, num emaranhado de toadas, numa força guerreira para reunir um batalhão e contemplar as festas de São João.

Isso é Maioba, que contagia e promove um espetáculo lexical, onde com ajuda de Deus e do Senhor São João, brotará a semântica para a explicação.

Neste corpus, contaremos com um canário que para manter a tradição, reuni um cancionário de 10 toadas do boi centenário e varre o terreiro sem maracá na mão, porque aqui a notícia já se espalhou, veio da ilha para o Rio um canário professor. Nasceu na Ilha e vive à beira do mar, mas sem tempo

para bronzear, o intuito é estudar. Neste momento abre-se as cortinas para o conhecimento semântico-lexical das toadas do Bumba meu boi da Maioba.

Inicia-se a discussão do corpus com a toada a seguir.

COM A FORÇA DOS ÍNDIOS GUERREIROS

Vou reunir
O meu batalhão
Com ajuda de Deus
E do Senhor São João
Vou cantar toadas
Pro povo aprender
Com as forças dos índios
Guerreiros eu vou guarnece

O título nos remete a grandes sincretismos, onde compositor e amo clamam as forças dos guias espirituais, os Índios Guerreiros, Deus e São João.

Vejam-se os substantivos que se destacam:

1- Com a força dos índios Guerreiros	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Vou reunir	-----	
O meu batalhão	Batalhão	Pessoas que seguem o grupo folclórico, mas a palavra remete ao militarismo
Com ajuda de Deus	Com ajuda de Deus	Pede ajuda a Deus, para São João para conduzir seu batalhão durante os folguedos
E do Senhor São João	Senhor São João	
Vou cantar toadas	Toadas	Músicas, com o enredo, deste enredo origina o bordado do couro do boi
Pro povo aprender	Povo	Batalhão,seguidores da comunidade,boieiros e os expectadores
Com as forças dos índios	As forças dos índios guerreiros	As forças ocultas das entidades guerreiras,guias espirituais
Guerreiros eu vou guarnece	Guerreiros	Pelejador, militante,aqueles que defendem
	<i>Guarnece</i>	Fortalece, muni

O amo reúne seu povo, que são seus brincantes — os boieiros (pessoas que fazem parte do grupo do boi), com a certeza de que é um guerreiro protegido pelas forças ocultas dos espíritos indígenas, que vivem rondando o barracão durante os ensaios do Bumba meu boi. Chama seu batalhão, como um comandante e ordena sua tropa como um militar, mostrando autoridade.

Nesta toada o amo do boi, Chagas, também compositor e cantor, revela se como o todo poderoso, ao fazer uso dos verbos em primeira pessoa e também usar o pronome possessivo meu, dando a ideia que o Boi da Maioba e seus acompanhantes, são de sua propriedade.

Ele canta para o povo aprender. Determina, quando menciona “vou reunir meu batalhão”, sua tropa. Então grande número de pessoas, sob seu comando, formam um mutirão. Vindos de outras localidades, de bairros vizinhos, com suas matracas, atendem o chamado dos tambores e vêm se divertir e aumentar o coro (que chega a mais de 3000 vozes), e também a maior orquestra de percussão. Assim acontece a apresentação por toda a noite, de arraial em arraial, até o dia amanhecer.

A toada é um veículo vivo de comunicação entre o amo, seus brincantes e toda a *nação maiobeira*: designação não só do povo da localidade da Maioba, como também dos seguidores do Boi da Maioba, por ser o mais antigo, hoje com 115 anos.

TOURO DOMINADOR
Lá vai, boi da Maioba
Derrubando fortaleza de Cantor
Vai no som da lira
Na voz de um canário cantador
Lá vai meu batalhão pesado
Lá vai touro dominador.

¹³ Nestes barracões há também os tambores da umbanda.

Veja-se a análise dos nomes:

2- Touro dominador	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Lá vai, boi da Maioba		O grupo leva no nome do local, Maioba, é um município de Paço de Luniar-MA , a 30k de São Luis
Derrubando fortaleza de Cantor	Fortaleza de Cantor	Essa expressão, explica-se com a primeira palavra, derrubar o cantor adversário
Vai no som da lira	No som da lira	A imaginação de um som inexistente
Na voz de um canário cantador	Canário cantador	O cantador se denomina de canário, pássaro de canto apurado
Lá vai meu batalhão pesado	Batalhão pesado	A união de todos do grupo, incluindo acompanhantes, um grupo de peso, forte unido, ninguém se mete com este batalhão
Lá vai touro dominador.	Touro dominador.	Expressa poder

Por meio da expressão *touro dominador*, indica-se quem detém o poder, a autoridade. O touro dominador é o amo, que se junta ao batalhão e aos seguidores, para que se fortaleçam. Quando se diz, *lá vai o Boi da Maioba*, está implícito nesta frase está todos os componentes da manifestação. Desta forma querem mostrar que o conjunto unido do *batalhão pesado* vem para *derrubar a fortaleza de cantor*. Esta expressão se faz presente na queda do amo e cantor dos bois adversários, que são do mesmo sotaque e vivem em constante competição.

Fala-se do som imaginário, de um instrumento que não existe neste grupo, senão na imaginação do poeta, amo, compositor e cantador. Este viaja e busca o *som da lira* — um instrumento medieval, jamais existente neste sotaque — para representar o cancionero construído com as letras das toadas.

Na voz de um *canário cantador*, o amo transformado em canário, canta e encanta o *batalhão pesado*.

Na expressão em destaque, *Lá vai meu batalhão pesado*, mostra a força do batalhão; o que é comprovado pelo número de pessoas que o acompanham, fazendo a diferença entre os demais bois de matraca.

Lá vai touro dominador, é um comando que reafirma a posição de poder do Boi de Maioba entre os demais grupos; marca sua posição de destaque pelos seus 100 anos, mantendo a sua tradição, por ter a maior orquestra de percussão. Por isso o chamam de *batalhão pesado*. Na toada *Touro Dominador*, o autor e amo, fala do domínio, mostra sua força de gênero masculino e também deixa transparecer sua imparcialidade, até o quinto verso.

Outra toada:

VEM MANTER A TRADIÇÃO
 Cheguei com meu batalhão
 Boi da Maioba, vem manter a tradição
 Dona varra o terreiro
 Pra meu touro vadiar
 Já formei trincheira e vou pelejar
 Eu já estou firme com meu
 Maracá na mão
 Pra fazer bonito no festejo de S. João.

3-Vem <i>manter a tradição</i>	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Cheguei com meu batalhão	-----	
Boi da Maioba, vem manter a tradição	A Tradição	Herança cultural, memória viva de seu povo
Dona varra o terreiro	Dona	Quem vai receber o grupo
	Terreiro	Onde o boi brinca, ensaia
Pra meu touro vadiar	Touro	Significa todo grupo, o boi e seus acompanhantes
	Vadiar	Brincar, dançar, se apresentar
Já formei trincheira e vou pelejar	Trincheira	Ponto de apoio, reduto
Eu já estou firme com meu	Firme	Seguro
maracá na mão	Maracá na Mão	Instrumento musical do amo e rajados ou vaqueiros
Pra fazer bonito no festejo de S. João	Pra Fazer Bonito	Para mostrarem poder, que só eles sabem fazer, exibição e coreografia
	No Festejo De S. João	No festejo de São João, o santo de ordem

Veja-se a análise.

O título *Vem manter a tradição* busca ressaltar que o Boi da Maioba é um dos primeiros bois ou grupos de dança de São Luís do Maranhão. A escolha da locução verbal “vem manter” enuncia a determinação de permanência ou continuidade, uma vez que a palavra “tradição” complementa o sentido (é o objeto direto do verbo *manter*). Cultivar e manter a memória desta comunidade.

O eu lírico é masculino representado pelo personagem brincante — *amo* — tem sua voz marcada por: *cheguei, já formei, eu já estou*. A força de sua voz masculina é marcante.

É válido destacar que a presença da mulher não é permitida. Então, a voz masculina impera até hoje. Atualmente, a presença da mulher está representada na figura da Índia na dança e da mutucas (são mulheres que acompanham seus filhos e maridos, carregando bebidas e água)

A força do *amo* se junta à força da tradição do Boi da Maioba. No primeiro verso, “cheguei com meu batalhão” e no verso “já formei trincheira”.

Ao enunciar “cheguei com meu batalhão”, o texto expressa que outrora pode ter acontecido muita coisa, no entanto, nada importava naquele momento, uma vez que ali “chegava o batalhão da Maioba para manter a tradição”. O verbo “manter” indica a existência histórica do Boi da Maioba, pois só se mantém o que já existe; neste caso, a manutenção se refere à tradição e memória de dançar e apresentar o Boi da Maioba.

A letra segue numa construção narrativa em que outro personagem surge. Agora, é a vez de uma personagem do gênero feminino fazer parte da cena. Esta personagem recebe a ordem do *amo* para preparar o espaço para o boi dançar. Dessa parte da letra, pode-se aferir que a mulher ocupa espaço de pouco privilégio, uma vez que a ela foi concedida a autorização para organizar o espaço para o homem dele usufruir, expresso através de: “Dona, varra terreiro pra meu touro vadear”.

No trecho seguinte, “já formei trincheira e vou pelejar”, reitera o domínio do gênero masculino ante o gênero feminino. A palavra “trincheira” representa a força militar, evoca luta, disputa de poder; isto também é denotado por “e vou pelejar” que indica a luta que terá seu início como anunciada pelo *amo*.

Esta dança se configura como luta ou brincadeira dançante. Traz como “pano de fundo” uma forte disputa de poder. Por isso necessita de preparo, de

uma força maior que vem expressa no texto “eu já estou firme com meu maracá na mão”. A arma dessa luta é o instrumento sonoro *maracá*, e a disputa da brincadeira dançante se constitui em “fazer bonito o festejo de São João”.

O evento principal é o festejo do Santo, é o elemento de cunho religioso: a reverência ao São João. As festas juninas evidenciam a comemoração aos Santos Antônio, João, e Pedro (na ordem das datas de suas festas: 13, 24 e 2 de junho, respectivamente). Todavia, o santo em destaque nessa toada é São João.

Veja-se outra toada.

QUANDO EU CHEGUEI NA ILHA
 Quando eu cheguei na Ilha
 O Sítio do Apicum eu visitei
 Na sombra da palmeira
 Onde minha primeira toada
 Cantei
 Foi aí, que a notícia espalhou
 Na ilha apareceu
 Um canário cantador
 Saiu voando
 E na Maioba ele passou
 Rapaziada, foi no galho da mangueira
 Onde cantava aquele currupião¹⁴
 Que abandonou o seu ninho
 E no seu batalhão

4-Quando eu cheguei na ilha	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Quando eu cheguei na <i>Ilha</i>	Ilha	Ilha de São Luís, por isso também são chamados de Boi da ilha
O <i>Sítio do Apicum</i> eu visitei	Sítio do Apicum	Um lugarejo, perto de São Luís
Na <i>sombra da palmeira</i>	Sombra da palmeira	Onde se abrigou para cantar
Onde minha <i>primeira toada</i> Cantei	Primeira toada	Primeira música
Foi aí, que a <i>notícia</i> espalhou	Notícia	Acontecimento
Na ilha apareceu	Ilha	São Luís
Um <i>canário cantador</i> Saiu <i>voando</i>	Canário cantador	Cantor do boi
e na Maioba ele passou	Maioba	Município de São Luís
<i>Rapaziada</i> , foi no <i>galho da mangueira</i>	Rapaziada Mangueira	Seguidores Árvore que dá manga, muito presente na Maioba
Onde cantava aquele <i>currupião</i>	Currupião	Um pássaro de um canto diferente, era

		assim chamado João Chiador
que abandonou o seu <i>ninho</i>	Ninho	Local, seu povo
E no seu <i>batalhão</i>	Batalhão	Seu povo, seus seguidores

Quando eu cheguei na Ilha, retrata a chegada de Chagas (o amo) à Ilha, para a qual pode-se construir duas explicações: (1) a chegada à Ilha de São Luís; ou (2) a chegada ao grupo do Boi da Ilha, ao Sítio de Apicum — local onde todo ano, no período junino o Boi da Maioba se apresenta.

Este cenário evoca a poesia, lembra a *sombra da palmeira* cantada pelo poeta maranhense Gonçalves Dias, que exaltou as palmeiras e sabiás de sua terra. O amo Chagas, o canário cantador, utilizou a sombra da palmeira para cantar sua primeira toada. Gonçalves Dias cantava sabiás; o amo se transformava em canário, voava, cantava e também atuava como pombo correio, pois a notícia da chegada do canário cantador era espalhada por ele; que voava até chegar ao seu pouso final: o município da Maioba, que é comparado ao galho de uma mangueira. Neste mesmo galho, que já teria sido pouso de um corrupião, o compositor personifica o ex-amo João Chiador, um pássaro com um canto inferior ao do canário. Esta comparação deixa bem às vistas o desejo diminuir o corrupião, por força da saga do abandono seu ninho — a Maioba — e de seu batalhão (seus boieiros e seguidores), para ser o amo do Boi de Ribamar, rival do Boi da Maioba.

O amo evidencia sua chegada, que é fortalecida pelos verbos em primeira pessoa; declara a posse de sua toada pelo possessivo *minha*. Denota sua imparcialidade com os versos: Foi aí que a notícia espalhou/Na ilha apareceu um canário cantador. Substitui o canário pelo pronome *ele*, representa figurativamente a localidade *Maioba*, pelas palavras *galho de mangueira* e *ninho*. Reitera que Maioba é Boi da Ilha: no título e duas vezes ao longo da toada.

¹⁴ Corrupião. [T. onom., poss.] substantivo masculino. 1. Bras. Zool. Ave passeriforme, icterídea (*Icterus jamacaii*), do Brasil este-setentrional, de coloração geral preta, dorso e barriga vermelhos com tons alaranjados, e asa com espelhos brancos. [Sin.: concliz, concriz, sofrê.] [Aurélio, s.u.]

Mais uma toada.

FRANCESA BELA
 Francesa bela
 Eu tenho certeza
 Que foste lapidada
 Pela mão da natureza
 Nasceu na Ilha e vive na beira do mar
 Vai a praia e pega sol
 Pro corpo bronzear
 No festejo de São João
 A Ilha fica pequena
 São Luís é a francesa
 Que tem a pele morena
 Tem o corpo cheio de chuvas
 E algumas ladeiras
 Acena para o mundo
 Com as folhas das palmeiras

Agora análise.

5-Francesa Bela	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
<i>Francesa bela</i>	Francesa	É São Luís, caracterizada como uma mulher na letra da toada
<i>Eu tenho certeza</i>	Certeza	Convicção
<i>Que foste lapidada</i>		
<i>Pela mão da natureza</i>	Mão da Natureza	Arte de preparar
<i>Nasceu na Ilha e vive na beira do mar</i>	Ilha/Beira do mar	Beira de praia, muito comum, para quem mora na ilha
<i>Vai a praia e pega sol</i>	Praia/Sol	A francesa vai para praia
<i>Pro corpo bronzear</i>	Corpo	Para o corpo bronzear
<i>No festejo de São João</i>	Festejo de São João	Mês de junho, mês que a cidade fica lotada de pessoas
<i>A Ilha fica pequena</i>	Ilha	São Luís, fica pequena para receber os turistas e acompanhantes do boi da Maioba
<i>São Luís é a francesa</i>	Francesa	São Luís
<i>Que tem a pele morena</i>	<i>Pele morena</i>	Caracterização de seus habitantes da São Luís
<i>Tem o corpo cheio de chuvas</i>	Corpo /chuvas	São Luís chove muito, todavia as chuvas na letra são as curvas do corpo feminino, tem uma similaridade sonora
<i>E algumas ladeiras</i>	Ladeiras	E também é cheia de ladeiras. Assim como o compositor lembra na letras e algumas

		ladeiras,
Acena para o <i>mundo</i>	Mundo	Universo, para todos

Francesa Bela”, título que certifica a fundação de São Luís, é uma jóia lapidada pelas mãos do Criador. Na toada o amo se refere, a uma bela mulher.

A Ilha Deusa morena, que vai à beira mar e expõe seu corpo ao sol para a pele bronzear, está pele morena, dos nativos da ilha de São Luis. No festejo de São João, a ilha, a cidade fica pequena, chegam todos para ver a beleza de sua pele cor de sapoti, fruta de pele fina de cor morena, que lembra a pele humana e de carne saborosa, fruta encontrada na ilha; por isso as mulheres morenas, são chamadas de morenas cor de sapoti.

A francesinha *ludovicense* (pessoas nascidas em São Luís), linda, com seu corpo bronzeado e molhado pela água do mar e pela água da *chuva*, o que não falta em São Luís. Mas sem deixar de lembrar das curvas da francesa, a Deusa ilha, transformada na figura feminina de corpo delineado, cheio de curvas e algumas ladeiras.

Quando o compositor diz que *acena para o mundo/ com as folhas das palmeiras*, implicitamente vê-se os cabelos da morena francesa, da ilha do amor (também como é conhecida São Luís), voando sob os ventos da praia, ou as mãos acenando para o universo a beleza da toada. E não se pode deixar de mencionar que São Luís, Terra das Palmeiras, onde temos uma grande variedade de palmeiras: babaçu, buriti, coco, juçara(açaí), bacaba, todas essas palmeiras lindamente cantada nos versos do poema Canção do Êxilio do nosso poeta Gonçalves Dias.

Agora é a vez do campeão.

A VEZ É DO CAMPEÃO
 Corre pra perto e vem ver
 O meu batalhão
 Dando show na passarela
 Alegando a multidão
 Você é conhecedor
 Maioba não vai no chão
 Arreda da frente
 Que a vez é do campeão

Então, os comentários.

6-A vez é do campeão	PALAVRAS REPRESENTATIVAS	COMENTÁRIO
-----------------------------	--------------------------	------------

	DO TEMA	
Corre <i>prá</i> perto e vem ver		
O meu <i>batalhão</i>	Batalhão	Povo,seguidores do grupo
Dando <i>show</i> na <i>passarela</i>	Show, passarela	Espetáculo em via pública
Alegando a <i>multidão</i>	Multidão	Alegando o povo
Você é <i>conhecedor</i>	Conhecedor	Sabedor
<i>Maioba</i> não vai no <i>chão</i>	Maioba, chão	Maioba,o grupo não cai
Arreda da <i>frente</i>		
Que a <i>vez</i> é do <i>campeão</i>	Campeão	Quem sempre vence

“A vez é do campeão”, título forte e fruto dos muitos títulos recebidos pelo Bumba Meu Boi da Maioba, no decorrer destes 100 anos.

Chama todos para assistir e participar do espetáculo que o Maioba vai apresentar. Fortalece mais ainda o grupo quando fala: “você é conhecedor / Maioba não vai no chão”. Autentica que o grupo é forte, que não há tempestade que o faça cair. Para o Maioba, não há concorrência: “arreda da frente” é um chamamento, avisando que vai passar, que é preciso desobstruir o caminho para o povo olhar e brincar.

Composição pequena, marcada pela repetição do refrão, “você é conhecedor/ Maioba não vai no chão/ arreda da frente que a vez é do campeão”, chama o batalhão para ver, o espetáculo, a alegria contagiante, comprovando que o povo é conhecedor, e faz questão de manter a tradição.

Onde chega para se apresentar tem seu público de fé que, quando termina a apresentação naquele local, acompanha o Boi para ver as outras apresentações, formando um cordão imenso de maiobeiros, cada um com sua matraca, a fim de amplificando o som e a imagem do festejo.

Nova toada.

ASSUSTANDO CANTADOR
 Rapaziada eu ouvi o meu boi urrar
 Foi um urro forte que o
 Vaqueiro se espantou
 Levantou poeira ao redor da ilha
 inteira
 Bem longe foi dá sinal
 Assustando cantador
 Eu não sei onde foi parar
 Cantador de meia linha
 Eu vi o enxurro carregar
 Cantador do grande escalão
 Se atrapalhou na televisão
 É com o peso de toadas
 Que eu acabo com os medalhões.

7-Assustando Cantador	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
<i>Rapaziada eu ouvi o meu boi</i>	Rapaziada, boi	Rapaziada os seguidores boi a representatividade do animal feito em uma armação de madeira
Urrar		
Foi um <i>urro forte</i> que o	Urro	Voz dos muares um mugido forte
<i>vaqueiro se espantou</i>	Vaqueiro	Vaqueiro, os brincantes
Levantou <i>poeira ao redor da ilha inteira</i>	Poeira redor ilha	O mugido levantou poeira ao redor da ilha inteira
<i>Bem longe foi dá sinal</i>	Sinal	Manifesto
<i>Assustando cantador</i>	Assustando cantador	Amedrontando o amo (cantador)
Eu não sei onde foi parar		
<i>Cantador de meia linha</i>	Cantador de meia linha	Cantador mediano, fraco, de pouca expressão
Eu ví o <i>enxurro</i> carregar	Enxurro	Enxurrada, força d'água
<i>Cantador do grande escalão</i>	Cantador, escalão	Cantador de grande porte
Se atrapalhou na <i>televisão</i>	Televisão	Meio de comunicação
É com o <i>peso de toadas</i>	Toadas	Músicas
Que eu acabo com os <i>medalhões</i> .	Medalhões	No sentido figurado, quem está em posição destaque

Nesta toada, o amo comenta que ouviu seu boi reclamar, urrar na voz dos muares. Foi um urro tão grande que o vaqueiro se assustou. Foi um barulho tão intenso que a poeira rodeou a ilha inteira, despertando o cantador que estava distante. Se ele que era poderoso, grande, ficou temeroso, imagine se o cantador pequeno, o que sentiu.

O cantador canário ficou com medo dos relâmpagos e trovões. O cantador pequeno, o enxurro (= enxurrada que a chuva carregou), mostrando falta de força para se sustentar.

Cantador do grande escalão, representado por outro boi da ilha ou sotaque de matraca, que o compositor na peleia, diz que se atrapalhou na televisão, chiou no microfone, deu vexame. Por isso, o ar de deboche na frase: “se atrapalhou na televisão”. Isto se completa e acaba de vez com o cantador do boi adversário quando diz “é com peso de toadas que eu acabo com os

medalhões”. Este, no lugar do boi de Ribamar, a que se referia na época em que era amo do boi da Maioba.

Chega aos cem anos de Bumba-boi na Maioba.

CEM ANOS DE BUMBA-BOI NA MAIOBA

Quando eu cheguei no bumba-boi da Maioba
 Fui bem recebido por João Chiador
 Tinha João de Chica/calça curta e Agenor
 Esses três guerreiros, papai do céu já levou
 Tinha Pedro boca-aberta/papeira e Aimar
 E ainda tinha. Zé Inaldo na
 Retaguarda pra mandar
 Essa era diretoria
 Que comandava o batalhão
 No festejo de São Marçal, São Pedro e São João
 Nos 100 anos de bumba-boi da Maioba
 Coronel Bebeto
 Comandava o batalhão
 Foi com este maracá
 Que eu conquistei o meu valor
 Saúdo o povão da Maioba e os
 Índios flechadores

8-100 anos de Bumba- boi na Maioba	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Quando eu cheguei no <i>Bumba-boi da Maioba</i>	Bumba boi da Maioba	Uma viagem ao tempo do amo atual Chagas
Fui bem recebido por <i>João Chiador</i>	João Chiador	Ex amo , hoje em outro grupo
Tinha <i>João de Chica/Calça Curta e Agenor</i>	João de Chica, Calça Curta e Agenor	Também tinham passado pelo Boi estes anos
<i>Esses três guerreiros, papai do céu já levou</i>	Guerreiros,papai do céu	Que já morreram,por isso a expressão
Tinha <i>Pedro Boca-Aberta/Papeira e Aimar</i>	Pedro, Boca Aberta,Papeira e Aimar	Estes faziam parte da diretoria
E ainda tinha. <i>Zé Inaldo na</i>	Zé Inaldo	Hoje está no comando de Zé Inaldo
<i>retaguarda prá mandar</i>	Retaguarda	Na frente para organizar
<i>essa era Diretoria</i>	Diretoria	Diretoria, responsáveis
<i>Que comandava o batalhão</i>	Batalhão	Todos que faziam parte do grupo folclórico
<i>No festejo de São Marçal São Pedro e São João</i>	Festejo de São Marçal, São Pedro,São João	Os três santos festejados neste folguedo
<i>Nos 100 anos de Bumba-boi da Maioba</i>	100 anos, Bumba-boi da Maioba	Boi centenário , hoje com 118 anos mantendo a tradição
<i>Coronel Bebeto</i>	Coronel Bebeto	Figura lendária que se fazia presente, no grupo e era coronel da

		PM do Maranhão
comandava o <i>batalhão</i>	Batalhão	
Foi com este <i>maracá</i>	Maracá	Instrumento musical
Que eu conquistei o meu <i>valor</i>	Valor	Conquistou respeito
Saúdo o <i>povão</i> da <i>Maioba</i> e os	Povão, Maioba	Cumprimenta os habitantes da Maioba(município) e também os brincantes do Boi da Maioba
<i>Índios flechadores.</i>	Índios	E a sua entidade, os Índios

Comentando.

O título desta toada mostra a grandeza deste grupo, que há mais de um século vem mantendo a tradição. Homenageia todos os amos(é o responsável pela cantoria das toadas,ele está sempre com um maracá na mão e um apito pendurado no pescoço, para na hora certa apitar,dando comando aos matraqueiros(tocadores de matracas), como também aos tocadores dos pandeirões, assim acontece o comando deste batalhão). Tudo é registrado; e não poderia deixar de ressaltar a figura dos amos cantadores nesta homenagem que, com sua grandeza, fizeram a história da Maioba, inclusive vencendo as peleias com os grupos rivais.

Na passagem “quando eu cheguei na Maioba”, tem-se a fala do canário Chagas, que foi bem recebido pelo Corruptão João Chiador(que recebeu este apelido, por ter chiado em um microfone em uma de suas apresentações), que hoje é cantador do Bumba Boi de Ribamar,principal adversário do boi da Maioba e que também é chamado de Boi da Ilha ou Matraca.

Nessa época, acontecia a troca do amo. João Chiador foi levado para o Boi rival e pagaram uma luva para Maioba. Quando o amo Chagas chega na Maioba, existiam João de Chica, Calça Curta e Agenor, que “passaram para andar de cima”, como cita o amo Chagas na toada “estes três guerreiros papai do céu já levou”; um eufemismo, que atenua a informação de que aqueles já morreram. São guerreiros, porque faziam parte de uma geração complicada. Nesta época, os brincantes andavam armados e aconteciam muitas mortes entre eles, por força da rivalidade entre os grupos do mesmo sotaque.

Nesta toada, o amo enumera a diretoria que era composta por Pedro Boca-Aberta, Papeira e Aimar, além do Zé Inaldo na retaguarda para mandar. Eles faziam um trabalho de organização para garantir as apresentações; com

segurança, porém vale lembrar, que o amo esqueceu-se de citar as bordadeiras, as costureiras, que são os responsáveis pelas indumentárias. que cuidam para que este espetáculo aconteça e se doam o ano sem serem vistos na consecução do espetáculo para alegrar a multidões. A diretoria comandava o batalhão pesado, com sua tradição fazendo ferver os arraiais dos santos juninos: São João, São Pedro e São Marçal. São Pedro, dia 29 de junho, reúne os grupos de todos os sotaques de Bumba -boi em frente à Igreja, que leva seu nome. Porém, essa festança tem seu início na noite anterior. Todos o grupos dançam nos mais diversos locais da ilha, e depois se encaminham para a Igreja de São Pedro. Lá todos amanhecem para festejar São Pedro, protetor dos pescadores. Sua igreja fica em frente ao mar e, de lá, a maioria atravessa para ver a chegada das procissões marítimas.

Pessoas que não conhecem a festa maranhense não entendem o porquê da citação dos três santos na toada. No dia 24 de junho, se comemora São João. Neste dia todos os grupos de Bumba Meu Boi dos mais variados sotaques se reúnem em frente à igreja de São João, no centro de São Luís, e são batizados pelo padre. Na ocasião, o padre benze os brincantes dos bois, juntamente com a comunidade que os acompanham e os abençoa, liberando-os para saírem peregrinando, de arraial em arraial, em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, com a ajuda de São João, São Pedro e São Marçal. No dia 29 de junho, dia de São Pedro, a reunião muda de local, e os grupos se reúnem em frente a Igreja de São Pedro.

Os grupos de Bumba Boi passam em frente à igreja. O batalhão fica fora, mas o amo e o boi entram para pedir a benção ao santo. E assim vai até o meio dia para dar tempo de todos serem abençoados por São Pedro.

Dia 30 de junho, dia de São Marçal. Na avenida do João Paulo, um bairro de São Luís, onde acontece o encontro de todos os bois. Os rivais cantam toadas como *repente*. Um canta, o outro escuta para lhe responder de acordo com a provocação. Ao final da toada, o amo fala de “Coronel Bebeto”. Ele acompanhava todos os acontecimentos de perto e dizia: “Eu sou um bom militar e não posso deixar falhas”. Nos últimos versos, o amo cita — com o maracá na mão: “Eu conquistei o meu valor. Saúdo o povão da Maioba e os índios flechadores”, afirmando o sincretismo religioso e a mistura do sagrado com o profano naquele festejo.

Passe-se a outra toada.

O HOMEM DE NAZARÉ

Aumentei Senhor
 A minha pouca fé
 Pra eu seguir o caminho
 Do Homem de Nazaré
 O filho de Deus
 Assumi os nossos pecados
 Padeceu lá no calvário e
 Morreu crucificado
 Visitou os mortos
 E quando ressuscitou
 Subiu e está sentado
 À direita do criador
 Quando chegar o tempo
 Ele volta pra nos julgar
 Na hora de prestar conta
 Quem deve tem que pagar

9- O Homem de Nazaré	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Aumentei <i>Senhor</i>	Senhor	Implora ao Senhor Jesus, que aumente sua fé
A minha pouca <i>fé</i>	Fé	Se considera home de pouca fé
Pra eu seguir o <i>caminho</i>	Caminho	Quer ser seguidor
Do <i>Homem de Nazaré</i>	Homem de Nazaré	De Jesus
O <i>filho de Deus</i>	O Filho de Deus	Jesus de Nazaré
Assumi os nossos <i>pecados</i>	Pecados	Falta, culpa, erro
Padeceu lá no <i>calvário</i> e	Calvário	Martírio, sofrimento
Morreu <i>crucificado</i>	Ø c	Tormento, martírio
Visitou os <i>mortos</i>	Mortos	Defuntos, falecidos
E quando ressuscitou	Ø	
Subiu e está sentado	Ø	
À <i>direita do criador</i>	Criador	Deus Pai, todo poderoso
Quando chegar o <i>tempo</i>	Tempo	Época
Ele <i>volta pra nos julgar</i>	Ele	Jesus

Na <i>hora</i> de prestar <i>conta</i>	Ø	
Quem deve tem que pagar	Ø	

Na toada, “Homem de Nazaré”, vê-se a busca pela religiosidade. “Aumentai Senhor / Aminha pouca fé”, clama o amo a Deus. Pede que o conduza ao Caminho, para ser um seguidor da Palavra do Senhor de Nazaré, pois assume ser um homem de pouca fé.

Nas toadas anteriores, o amo Chagas demonstra em sua fala “com as forças dos índios guerreiros” (na primeira toada), e também em suas falas durante os ensaios, e apresentações do boi que é filho de santo, que seu guia espiritual é um índio guerreiro. Muitas vezes os seguidores falam que ele, o amo, brinca acompanhado de seu índio. Daí seu clamor para aumentar sua fé, para seguir o Homem de Nazaré, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na passagem: “O filho de Deus / Assumiu os nossos pecados / Padeceu lá no calvário e / Morreu crucificado / Visitou os mortos / E quando ressuscitou / Subiu e está sentado”, o amo tenta explicar, ao seu modo, que Jesus foi morto e crucificado, para pagar os nossos pecados. Também tenta mostrar por meio da oração, “Creio em Deus Pai”, que Jesus ressuscitou e está “sentado à direita do Criador”. Percebe-se que há uma preocupação em compor a toada e ensinar ao público, para que seja cantada, sem, contudo buscar esmero na escrita, mostrando presença do português *substandard*, escrito de acordo com a sua fala.

Nos últimos versos da toada, o amo mistura passagens da Bíblia, com a brincadeira do boi, para dizer que temos que prestar contas no juízo final, Eis os versos: “Quando chegar o tempo / Ele volta pra nos julgar / Na hora de prestar conta / Quem deve tem que pagar”.

Chega então a última toada selecionada.

O VIRA-LATAS DO RIBAMAR

Olha, cantador, chegou a tua vez
 Vou te dá uma grande surra
 Pra pagar pelo que fez
 Tu conhece o peso do meu
 Batalhão
 Cachorro doido
 Que anda babando a multidão
 Eu já falei com a saúde
 Pra ela te examinar

Eu sou o canário novo do
Amanhã
Desta vez tu vai passear
Na carrocinha da SUCAM
Tu disse que estou com calazar¹⁷
Não sou eu, és tu
Que já começou a secar
Já mandei *Zé Alberto* te *vacinar*
Ele disse não ter mais *jeito*
Pro *vira-latas* do *Ribamar*

¹⁷ Calazar. [Do assamês *kala-azar*, 'febre negra', pelo ingl. *kalazar*.] Substantivo feminino. 1. Med. Doença causada pelo protozoário *Leishmania donovani*, e incidente sobretudo nas costas mediterrâneas, na África ocidental, Índia, S. da Rússia, Américas do Sul e Central, e que apresenta altos índices de mortalidade. [Aurélio, s.u.].

¹⁸ Também se ocupava da erradicação da variola e da malária. Hoje é a FUNASA.

10-O vira-latas do Ribamar	PALAVRAS REPRESENTATIVAS DO TEMA	COMENTÁRIO
Olha <i>cantador</i> , chegou	Cantador	Amo, tirador de toadas
a tua vez	vez	Chance, oportunidade
Vou te dá uma <i>grande surra</i>	Grande surra	Enorme pisa, açoite
Para pagar pelo que fez		
Tú conhece o <i>peso</i> do meu	Peso	Força, quantidade
<i>Batalhão</i>		Povo, brincantes, boieiros
<i>Cachorro doido</i>	Cachorro	Canalha, desprezível
Que anda <i>babando a multidão</i>	Multidão	O povo que acompanha e quem assiste
Eu já falei com a <i>saúde</i>	Saúde	Com os médicos
Pra ela te examinar		Consultar, cuidar
Eu sou o <i>canário novo</i> do	Canário	Cantador do futuro
<i>Amanhã</i>		
Desta vez tu vai passear		
Na carrocinha da <i>Sucam</i>	Carrocinha da Sucam	Carrocinha de recolher animais de rua doentes SUCAM- hoje FNS Fundação Nacional de Saúde, responsável por recolher animais
Tú disse que estou com <i>calazar</i>	Calazar	Doença transmita pelo cão
Não sou eu , és tu		
Que já começou a <i>secar</i>	Secar	Emagrecer, definhar
Já mandei <i>Zé Alberto</i> te <i>vacinar</i>	Zé Alberto te vacinar	Zé Alberto, amo do boi de maracanã e funcionário da FNS
Ele disse não ter mais <i>jeito</i>	Jeito	Cura
Pro <i>vira-latas</i> do <i>Ribamar</i>	Vira- latas do Ribamar	João Chiador, amo do Boi de Ribamar, ex amo da Maioba

Na toada “O vira-latas de Ribamar”, o autor deixa claro, a partir do título, que é um insulto para João Chiador, que foi amo e cantador do Boi da Maioba, mas saiu para o Boi de Ribamar.

No decorrer da toada, presenciaremos promessa de surra, pisa, por ter deixado o Boi da Maioba. Naquele tempo, João Chiador era amo e cantador oficial do Boi da Maioba. Com sua saída, o povo da Maioba e Chagas ficaram indignados, pois ele era expoente máximo do grupo que arrastava multidões. O povo se sentiu traído por Chiador, eis o motivo de uma toada cheia de afrontas ao cantador.

Quando Chagas fala, “Tú conhece o peso do meu Batalhão”, acentua o uso do português *substandard*, a partir do cruzamento de um pronome de segunda pessoa, acentuado com verbo na terceira. Nesta passagem ele lembra Chiador, que foi também amo da Maioba e que se “vendeu” para o Boi de Ribamar. Nessa época as peleias eram muito sérias, quando se encontravam os dois grupos, Ribamar e Maioba.

O agravo “cachorro doido, que anda babando a multidão”, é uma forma de chamar o Chiador de alcoólatra, por viver embriagado na comunidade da Maioba, mesmo depois de ter saído do grupo. O verso “eu já falei com a saúde, pra ela te examinar” reforça a idéia de que o Chiador está doido, que perdeu o juízo por conta da bebida.

Naquela época, Chagas era o segundo amo do Boi da Maioba, mas ainda não se sentia pronto para assumir a posição de amo principal. Por isso fala “Eu sou o canário novo do amanhã”. Com isso afirma que no futuro a Maioba será dele.

A seguir, Chagas retoma os insultos: “desta vez tu vai passear na carrocinha da SUCAM”, que é órgão público responsável pelas endemias rurais, pela vacinação de animais e por recolher os animais de rua.

Na toada, Chagas compara o Chiador a um cachorro de rua, pela situação que a bebida o deixava.

Na toada do Boi de Ribamar, Chiador revida os agravos de Chagas. Diz “tu disse que eu estou com calazar” ao Chagas responde “não sou eu és tu que começou a secar”, pois Chiador estava muito magro por conta da bebida.

Finalizando a toada Chagas diz: “Já mandei Zé Alberto te vacinar / Ele disse não ter mais jeito / Pro vira-latas do Ribamar”

Assim ele encerra chamando, Zé Alberto, funcionário da SUCAM e amo do Boi de Maracanã, também adversário do Boi de Ribamar, para vacinar o vira-latas do Ribamar.

Após essas considerações acerca da forma com que se constroem as toadas, o foco na variedade que se documenta nas letras estudadas e que serve de marca para a cantiga folclórica do Boi de Maioba, passa-se então a apresentar o estudo semântico-lexicográfico de palavras e expressões presentes nas toadas do Bumba Meu Boi e que desenham um retrato da cultura dessa manifestação folclórica maranhense.

3.3 O levantamento lexicográfico

Como contribuição para os estudos sobre as variedades populares do português do Brasil, compilou-se neste estudo um corpus de toadas do Bumba meu boi do sotaque de Maioba. Neste trabalho, apresentarei brevemente o percurso da pesquisa de onde foram encontradas as unidades lexicais do vocabulário de especialidade do bumba meu boi. Faz-se então uma amostra lexicográfica de alguns substantivos encontrados nas toadas que compõem o corpus desta dissertação.

3.4 Fichas lexicográficas das toadas

1- Apicum	Datação: 1889
Substantivo masculino	
1 - m.q. APECUM . SIN/VAR apicu, picum; ver tb. Sinonímia de lodaçal e antonímia de depressão. ANT. ver sinonímia de depressão.	
2- Nota pessoal-Sítio Apicum- Subst.Próprio, povoado do município de São José de Ribamar a 35km de São Luís, onde se apresenta o Boi da Maioba no período junino.	
Ex. ...Quando Eu cheguei na ilha, o sítio de Apicum eu visitei”..	
2- Ajuda	Datação s XIII
substantivo feminino	
1 ação de auxiliar, de socorrer; assistência	
2 favor que se presta a alguém; obséquio	
3 igreja ou capela sucursal de uma igreja paroquial	
4 Regionalismo: Nordeste do Brasil.	

adição de uma substância alcalina ou alcalinoterrosa (ger. cal) ao caldo da cana-de-açúcar, para eliminar os ácidos nele contidos

- 5 Rubrica: história.
variedade de tributo feudal

Ex Vou reunir
O meu batalhão
Com **ajuda** de Deus
E do Senhor São João

► 3- Batalhão-

Datação: 1567

Substantivo masculino

- 1 Rubrica: termo militar.
corpo de tropas de infantaria ou de cavalaria que eventualmente faz parte de um regimento, e que se subdivide em companhias
- 2 Uso: informal.
grande número de pessoas
- 3 Regionalismo: Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia.
auxílio mútuo prestado pelos pequenos agricultores; mutirão

Nota Pessoal- grande números de pessoas que acompanham o Boi da Maioba, grupo folclórico de São Luis-MA

Ex: Nos 100 anos de bumba-boi da Maioba
Coronel Beбето
Comandava o **batalhão**
Foi com este maracá

► 4- Boi

Datação 921

ortoépia ô

substantivo masculino

- 1 Rubrica: mastozoologia.
design. comum aos mamíferos artiodáctilos do gên. *Bos*, da fam. dos bovídeos, que, em estado selvagem, encontram-se na Europa e Ásia, e, sob domesticação, em grande parte do mundo; de cornos ocos, pares e não ramificados
- 1.1 Rubrica: mastozoologia.
mamífero (*Bos taurus*), amplamente distribuído pelo mundo devido à domesticação, us. para trabalhos diversos e produção de carne, couro, leite [Dele existem diversas raças.]
- 2 Rubrica: zootecnia.
touro capado, us. em serviços de tiro e carga e na alimentação
- 3 Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil.
personagem central do bumba meu boi (e autos afins), representado por um simulacro de boi montado numa armação sob a qual dança um homem
- 4 Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo.
marido ou companheiro traído pela mulher
- 5 Derivação: por analogia (da acp. 3). Uso: pejorativo.
pessoa gorda, pesada, corpulenta
- 6 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
meretriz, prostituta
- 7 Regionalismo: Brasil.
menstruação
- 8 Rubrica: termo de marinha. Regionalismo: Brasil.
lança aberta de grande porte e boca avantajada; lanchão

Ex: Quando eu cheguei no Bumba-**Boi** da Maioba
Fui bem recebido por João Chiador

► **5 - Bumba**

Datação: 1727

□ substantivo masculino

Regionalismo: Pernambuco (Recife).

3 m.q. **bumba meu boi**

Nota pessoal- Também em São Luis-MA, chama-se de Bumba meu Boi, com uma variedade de sotaques: zabumba, orquestra, Pindaré ou pandeirões, Cururupu ou sotaque de costa de mão, baixada e matraca

Ex :Quando eu cheguei no **Bumba** Boi

da Maioba

Fui bem recebido por João Chiador

Tinha João de Chica, Calça Curta e Agenor

◌◌ **6- Canário-**

Datação: 1439

Substantivo masculino

1 - n adjetivo e substantivo masculino

1 m.q. canarino

n substantivo masculino

2 Rubrica: ornitologia.

ave passeriforme, silvestre, da fam. dos fringílídeos (*Serinus canaria*), encontrada origin. nas ilhas Canárias, Açores e ilha da Madeira, de dorso verde-oliváceo e partes inferiores amarelo-acinzentadas com estrias negras; milheira [Desde 1478, quando foi introduzida na Europa, diversas raças e variedades de cores foram produzidas por cruzamento seletivo.]

3 Rubrica: ornitologia.

m.q. canário-da-terra (*Sicalis flaveola*)

4 Rubrica: angiospermas

Nota pessoal- Canário é uma metáfora usada, para se referir ao cantador do Bumba Meu Boi

m.q. capuchinha-viajante (*Tropaeolum peregrinum*)

Ex: Foi aí que a notícia espalhou /Na ilha apareceu/Um **canário** cantador

7- Cantador s XIV ortoépia ô

Substantivo masculino

1 que ou aquele que canta; cantor

2 Rubrica: música. Regionalismo: Nordeste do Brasil.

diz-se de ou poeta popular que, em versos cantados de improviso e ger. acompanhados de viola ou rabeça, relata acontecimentos diversos, freq. em desafios com outros cantadores

Ex : Bem longe foi dá sinal/assustando **cantado**

Eu não sei onde foi para/ cantador de meia linha

8- Cantor

Datação 1265

ortoépia ô

adjetivo e substantivo masculino

- 1 que ou aquele que canta; cantador
- 2 diz-se de ou indivíduo que tem o ofício de cantar
- 3 que ou quem celebra, em versos, heróis e feitos heroicos (diz-se de poeta)

Ex Lá vai boi da Maioba/Derrubando fortaleza de **cantor**/Vai no som da Lira/Na voz de um canário cantador

► **9- Conhecedor** Datação: s. XIII

Substantivo masculino

adjetivo e substantivo masculino

- 1 que ou o que conhece (algo); entendido, perito
- 2 que ou aquele que aprecia (algo) por conhecê-lo bem
Ex.: *bom c. de vinhos*
- 3 que ou aquele que sabe de (alguma coisa), que obteve informação sobre (essa coisa); sabedor
Ex.: *c. dos planos dos adversários, tomou as devidas precauções*

□ substantivo masculino

Diacronismo: antigo.

- 4 designação de certo pastor (ou porqueiro) hierarquicamente inferior ao rabadão ('chefe')

Ex: Você é **conhecedor**/ Maioba não pro chão
Arreda da frente que a vez é do campeão

► **10- Campeão-** Datação: 1684

Substantivo masculino substantivo masculino

- 1 Diacronismo: antigo.
cavaleiro que lutava em campo delimitado, fechado, em defesa de uma causa ou pela honra de alguém
- 2 Derivação: por extensão de sentido.
aquele que defende alguém ou uma causa; paladino
Ex.: *era o c. do antirracismo*
- 3 Rubrica: esportes.
desportista, equipe ou agremiação esportiva que mais acumulou vitórias em competição, torneio ou campeonato
- 4 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: esportes.
desportista de grandes qualidades, de valor
- 5 Rubrica: esportes.
o vencedor de qualquer prova, torneio ou certame
- 6 Derivação: sentido figurado. Uso: informal.
aquele que se destaca por fazer algo de maneira melhor ou em quantidade maior que os demais
Ex.: *esse escritor é o c. das metáforas*
- 7 Regionalismo: Ceará.
cavalo us. para campear

Ex Você é **conhecedor**/ Maioba não pro chão
Arreda da frente que a vez é do **campeão**

► **11- Corpo** Datação 1082 Ortoépia ô

Substantivo masculino

substantivo masculino

- 1 Rubrica: anatomia geral.
estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal), englobando suas funções fisiológicas
- 2 Rubrica: anatomia humana.
na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros
- 3 Derivação: por extensão de sentido.
tronco, parte central da estrutura anatômica de um homem ou de um animal
- 4 Derivação: por extensão de sentido.
compleição física
Ex.: *era ainda um rapaz mas já tinha c.*
- 5 Derivação: sentido figurado.
materialidade do ser; carne
Ex.: *os prazeres do c.*
- 6 pessoa morta; cadáver
- 7 tudo o que tem existência física e extensão no espaço; matéria, substância
Exs.: *c. gasoso*
c. sólido
- 8 parte essencial ou principal de uma estrutura material ou abstrata
Exs.: *o c. de uma edificação*
um c. de ideias
- 9 Derivação: sentido figurado.
importância real; realce, destaque
Ex.: *o jornal deu c. aos acontecimentos na Europa oriental*
- 10 agregação de indivíduos, que exercem um mesmo ofício ou apresentam alguma vinculação em função de interesses comuns; corporação
Exs.: *c. de médicos*

Ex: Nasceu na ilha e vive na beira do mar

Vai a praia pegar sol

Para o corpo bronzear

► **12- Chuvas** Datação : s. XIV

substantivo feminino

- 1 Rubrica: meteorologia.
fenômeno que resulta da condensação do vapor de água da atmosfera em pequenas gotas que, quando atingem peso suficiente, se precipitam sobre o solo
- 2 Derivação: por metonímia.
água da chuva
Ex.: *esperamos a c. para encher a cisterna*
- 3 Derivação: por analogia.
quantidade de qualquer coisa que cai como chuva
Exs.: *c. de estilhaços*
c. de pétalas
- 4 Derivação: sentido figurado.
grande quantidade de algo que ocorre dentro de certo limite de tempo
Exs.: *uma c. de cartas*
uma c. de boatos
- 5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
bebedeira, embriaguez

substantivo de dois gêneros

Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil.

6 pessoa dada à bebida

Nota pessoal: Tem o corpo cheio de chuvas, no sentido figurado de curvas, a francesa bela(ilha de São Luís) é uma mulher, os braços acenam com as folhas da palmeira

Ex: Tem o corpo cheio de **chuvas** e algumas ladeiras
E acena para o mundo com s folhas das palmeiras

► 13- Caminho-

Datação: s XIII

substantivo masculino

- 1 porção mais ou menos estreita de terreno entre dois lugares por onde alguém pode seguir
Ex.: *no meio da floresta, encontrou um c.*
- 2 faixa de terreno ou local de passagem que serve de ligação ou comunicação terrestre entre dois ou mais lugares; via
Ex.: *seguiu por um c. arborizado*
- 3 Derivação: por metonímia.
espaço ou distância percorrida ou por percorrer para se chegar a determinado lugar
Ex.: *quanto c. tivemos de andar até aqui!*
- 4 Derivação: por extensão de sentido.
espaço percorrido por um corpo em movimento
Ex.: *o c. do Sol na galáxia*
- 5 rumo, direção
Ex.: *tomou o c. do norte*
- 6 trajeto, percurso, rota, itinerário
Ex.: *resolveram viajar pelo mesmo c.*
- 7 Derivação: por extensão de sentido.
orientação ou direção de uma sucessão de fatos ou eventos; tendência
Ex.: *suas vidas seguiram c. diferentes*
- 8 lugar por onde é possível seguir adiante; percurso que se deve seguir para chegar aonde se quer ir
Ex.: *Vasco da Gama descobriu o c. marítimo para as Índias*
- 9 Derivação: sentido figurado.
modo ou maneira de fazer ou realizar algo, ou de atingir um objetivo
Ex.: *era o único c. para resolver o problema*
- 10 Derivação: por extensão de sentido.
passagem, saída
Ex.: *encontrar o c. para sair do labirinto*
Ex: Aumentei Senhor
A minha pouca fé
Pra eu seguir o **caminho**
Do Homem de Nazaré

14- DEUS

Datação s XII

□ substantivo masculino

- 1 Rubrica: religião, teologia.
ente infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só; causa necessária e fim último de tudo que existe
Obs.: inicial maiúsc.
- 2 Rubrica: religião.
nas religiões primitivas, designação dada às forças ocultas, aos espíritos mais ou menos personalizados
- 3 Rubrica: religião.

nas religiões politeístas, esp. nas antigas, divindade superior aos homens e aos gênios à qual se atribui influência nos destinos do universo

4 Rubrica: religião, teologia.

nas religiões monoteístas, sobretudo no cristianismo, ser supremo, criador do universo

Obs.: inicial maiúsc.

5 Rubrica: religião.

no cristianismo, cada uma das três pessoas distintas existentes em um só Deus (Pai, Filho e Espírito Santo)

Obs.: inicial maiúsc.

6 Rubrica: religião.

representação figurada de uma divindade

7 Derivação: sentido figurado.

indivíduo superior aos demais em saber, poder, beleza

8 Derivação: sentido figurado.

aquele a que se devota grande veneração e afeição, que é objeto ou alvo dos maiores desejos; ídolo

9 Rubrica: filosofia.

princípio absoluto, realidade transcendente ou Ser primordial responsável pela origem do universo, das leis que o regulam e dos seres que o habitam, fonte e garantia do Bem e de todas as excelências morais

Obs.: inicial maiúsc.

Ex: Com ajuda de **DEUS** e do Senhor São João

► 15- Dominador Datação 1660 Ortoépia ô

adjetivo e substantivo masculino

1 que ou o que domina; que ou o que detém o poder, a autoridade

2 que ou aquele que tem um caráter autoritário e procura dominar

□ adjetivo

3 que é indicador de, que revela autoridade

Ex.: *olhar d.*

Ex: Lá vai meu batalhão pesado

Lá vai touro **dominador**

► 16- Dona Datação 960

Substantivo feminino

substantivo feminino

1 Rubrica: história.

título concedido às senhoras de famílias nobres (abrev.: *d.* ou *D.*) [Us. como tratamento honorífico, de que era precedido o nome próprio de mulheres pertencentes às famílias reais de Portugal e do Brasil, estendeu-se a todas as mulheres distinguidas por algum título de respeito, como as casadas, viúvas, religiosas.]

2 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil.

mulher casada; esposa

3 proprietária; senhora

4 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

qualquer mulher

Ex: *Dona* varar o terreiro pro meu touro vadiar

Já formei trincheira eu vou pelejar

► 17- Escalão	Datação s. XV
substantivo masculino	
1	plano por onde se pode subir ou descer; degrau
2	cada um dos pontos, níveis ou graus que se sucedem em uma série progressiva
3	Derivação: sentido figurado. escala hierárquica
4	condição ou posição de um funcionário dentro de um mesmo grau, classe ou categoria
5	cada uma das partes de uma tropa que se posicionam umas por trás das outras com a finalidade de que se estabeleça um processo de sustentação mútua; a primeira, mais próxima do inimigo, tem seu poder de ataque reforçado pela segunda, e assim por diante
Ex: Cantador de grande escalão Se atrapalhou na televisão	

► 18- Enxurro	Datação :1450
substantivo masculino	
1	m.q. enxurrada ('quantidade de água', 'jorro')
2	Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. escória, ralé
Ex: Cantador de meia linha Eu vi o enxurro carregar	

19-Festejo	Datação 1713	Ortoépia ê
substantivo masculino		
1	ato ou efeito de festejar	
2	reunião, encontro entre pessoas, organizado por um ou mais indivíduos em espaço público ou privado; festa	
3	gesto carinhoso; afago, carícia	
4	fala, dito carinhoso; galanteio	
Ex: Eu já estou firme com meu maracá na mão Pra fazer bonito no <i>festejo</i> de São João		

► 20- Francesa -	Ortoépia ê
, substantivo feminino	
1	mulher natural ou habitante da França
2	Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. baratinha (<i>Blatta germanica</i>)
3	Rubrica: música, dança. espécie de contradança em compasso binário composto Nota pessoal : Francesa na toada é a ilha de São Luís, chamada assim, por ter sido fundada por Franceses Francesa bela eu tenho certeza Que tu foste lapidad pela mão da natureza

► 22- Folha-	Datação : sXIII Ortoépia ô
---------------------	----------------------------

substantivo feminino

- 1 Rubrica: morfologia botânica.
órgão, ger. laminar e verde, das plantas floríferas ou fanerógamas e principal estrutura assimiladora do vegetal; é ger. constituída pela lâmina ou limbo, freq. com um suporte (pecíolo), e, por vezes, com uma parte basal alargada (bainha)
- 2 a representação de uma folha
- 3 Derivação: por analogia.
pedaço de papel de formato, textura, cor, tamanho etc. determinados, us. com fins variados
Ex.: *f. de papel almaço*
- 4 Derivação: por extensão de sentido.
cada um dos elementos que compõem um livro, bloco, caderno, jornal etc., cujas duas faces são chamadas de *páginas*
- 5 Derivação: por metonímia.
o que está escrito, desenhado, impresso em uma folha
Ex.: *lia o livro pulando várias f.*
- 6 Derivação: por extensão de sentido.
periódico diário; jornal
- 7 série de nomes de pessoas ou coisas relacionadas por escrito; lista, relação, rol
- 8 enumeração dos funcionários, operários etc. de uma entidade e de seus respectivos vencimentos e funções
- 9 peça cortante; lâmina
- 10 Derivação: por analogia (da acp. 1).
peça plana, achatada, rígida ou flexível, feita de diversos materiais; lâmina, chapa
Ex.: *f. de madeira*
- 11 peça móvel, simples ou múltipla, que abre ou fecha um vão de porta ou janela
Ex.: *janela de duas f.*

Ex: Acena para o mundo
Como as *folhas* das palmeiras

► **23- Força** **Datação s.XIII Ortoépia ô**

□ substantivo feminino

- 1 Rubrica: física.
agente físico capaz de alterar o estado de repouso ou de movimento uniforme de um corpo material [símb.: *f* ou *F*]
- 2 qualidade do que é forte; robustez, vigor físico
- 3 aquilo, freq. algo desconhecido, que faz mover (algo ou alguém); impulso, incitamento
Ex.: *ser impelido por uma f. cega*
- 4 aquilo que influi (em algo); poder, influência, eficácia
Exs.: *a f. de um remédio*
a f. de um argumento
- 5 aquilo que se impõe; autoridade, império, domínio, poderio
Exs.: *a f. da lei*
a f. da igreja
- 6 capacidade de impressionar, de causar impacto, na obra de um escritor ou de um artista; vigor
- 7 característica psicológica do que não se deixa abater nem dominar; vigor, firmeza
Ex.: *f. de vontade*
- 8 o mais alto grau de uma coisa; auge, apogeu
Ex.: *na f. da mocidade*

<p>9 motivo muito forte, causa inarredável Ex.: <i>por f. das circunstâncias</i></p> <p>10 energia elétrica; eletricidade</p> <p>11 grande dose ou quantidade de algo; abundância</p> <p>12 a parte mais numerosa ou importante de um todo, o grosso Ex.: <i>a f. do exército inimigo é a infantaria</i></p> <p>13 Rubrica: artes gráficas. densidade maior ou menor dos traços dos tipos, fios etc.; peso</p> <p>14 Rubrica: termo de marinha. grupamento de navios ou tropa, ger. sob comando de oficial-general Ex.: <i>f. anfíbia</i></p> <p>15 Rubrica: termo militar. conjunto de recursos militares reunidos para um objetivo específico; destacamento de soldados; contingente</p> <p>Ex: Com as forças dos índios guerreiros Eu vou guarnece</p>
--

24- Fé	Datação 1111
substantivo feminino	
<p>1 Rubrica: religião. no catolicismo, a primeira das três virtudes teológicas</p> <p>2 sistema de crenças religiosas; religião Ex.: <i>fé cristã</i></p> <p>3 confiança absoluta (em alguém ou em algo); crédito Ex.: <i>um homem digno de fé</i></p> <p>4 asseveração, afirmação, comprovação de algum fato Ex.: <i>em fé do que dizia, apresentou uma documentação</i></p> <p>5 compromisso assumido de ser fiel à palavra dada Ex.: <i>violou a fé que devia ao amigo</i></p> <p>6 Rubrica: termo jurídico. credibilidade que deve ser dada ao documento no qual se funda, resultando disso a própria veracidade do documento Ex. Aumentei Senhor/ A minha pouca Fé</p>	

► 25- Fortaleza -	Datação: s. XIII Ortoépia ê
substantivo feminino	
<p>1 qualidade ou caráter de forte</p> <p>2 Derivação: sentido figurado. força moral; firmeza</p> <p>3 Derivação: sentido figurado. solidez, segurança Ex.: <i>abrigado na f. do seio familiar</i></p> <p>4 Rubrica: termo militar. lugar fortificado para defender uma zona territorial; forte, fortificação</p> <p>5 Rubrica: angiospermas. planta herbácea (<i>Pellionia daveauana</i>) da fam. das urticáceas, nativa do Sudeste da Ásia, de folhas ovais avermelhadas, e cujas flores, dispostas em corimbos, ao serem colhidas ainda em botão, se abrem com o calor da mão e espalham pólen, dando a impressão de explosão e fumaça Ex: Derrubando fortaleza de cantor Vai no som da lira</p>	
► 26- Guerreiro-	Datação: s. XIII

Substantivo masculino

substantivo masculino

5 indivíduo belicoso

6 quem exerce a profissão das armas

7 aquele que se destacou por sua valentia em combate

8 Regionalismo: Rio Grande do Sul.

cavalo sem dono reconhecido, que surge nas estâncias, supostamente desgarrado de forças em combate

9 Rubrica: entomologia.

m.q. ²**soldado** ('casta especializada')

10 Rubrica: entomologia.

m.q. **nasuto** ('membro')

guerreiros

substantivo masculino plural

Rubrica: etnografia. Regionalismo: Alagoas.

11 auto popular do ciclo do reisado, que figura a luta de guerreiros e caboclos e em cujo final se inclui o bailado do boi, fragmento tomado ao bumba meu boi; baile

força dos índios **guerreiros**/ eu vou guarnice

Substantivo masculino

□ substantivo masculino

- 1 Rubrica: biologia.
mamífero da ordem dos primatas, único representante vivente do gên. *Homo*, da sp. *Homo sapiens*, caracterizado por ter cérebro volumoso, posição ereta, mãos preênsais, inteligência dotada da faculdade de abstração e generalização, e capacidade para produzir linguagem articulada
- 1.1 Rubrica: antropologia.
qualquer outra sp., extinta, do gên. *Homo*, como o *H. habilis* e o *H. erectus*
- 2 a espécie humana; a humanidade
Obs.: inicial freq. maiúsc.
- 3 o ser humano considerado em seu aspecto morfológico, ou como tipo representativo de determinada região geográfica ou época
Exs.: *o h. branco*
o h. das cavernas
- 4 indivíduo do sexo masculino
Ex.: *desejava que o primeiro filho fosse h.*
- 5 homem (acp. 4) que já atingiu a idade adulta; homem-feito
Ex.: *quando ficou h., o pai o pôs para trabalhar*
- 6 adolescente do sexo masculino já dotado de virilidade
- 7 homem (acp. 5) em que sobressaem qualidades como coragem, força, determinação, vigor sexual
Ex.: *o João é h. suficiente para enfrentar esse revés*
- 8 o ser humano considerado do ponto de vista dos sentimentos, fraquezas, perplexidades etc. inerentes à sua natureza humana
Ex.: *sendo h., é passível de erros*
- 9 pessoa da confiança de alguém
Ex.: *os h. do presidente*
- 10 indivíduo alistado nas forças armadas (mais us. no pl.)
- 11 marido, companheiro ou amante

Nota Pessoal *Homem de Nazaré*, como o autor se refere na toada, é JESUS de Nazaré, que teve particularidades em toda sua trajetória; do nascimento à sua morte. Abalou toda humanidade com sua história de vida, seus atos e feitos atravessaram todas as gerações. Por esta razão todos querem segui-lo.

Ex: Aumentai Senhor , aminha pouca fé

Pra eu seguir o caminho do *HOMEM DE NAZARÉ*

► 28- ÍNDIO-

Datação: s XIV

Substantivo masculino

. substantivo masculino

- 3 Rubrica: ludologia. Regionalismo: Nordeste do Brasil, Rio de Janeiro.
variedade de papagaio de papel
- 4 Regionalismo: Rio Grande do Sul.
peão de estância
- 5 Regionalismo: Rio Grande do Sul.
indivíduo corajoso, decidido; valentão
- 6 Rubrica: astronomia.
constelação situada próximo ao polo sul celeste, de difícil localização devido à ausência de estrelas brilhantes
Nota pessoal- *Índio* nas todas é uma entidade, segundo o amo do Boi(cantor das toadas) é o seu guia espiritual.
Ex: Com as forças dos índios guerreiros
Eu vou guarnece

▶ 29- ILHA	Datação: 1943
<p>Rubrica: geografia. extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã</p> <p>2 Derivação: por extensão de sentido ou por metáfora. aquilo que, por seu isolamento ou incomunicabilidade, se assemelha a uma ilha Ex.: <i>uma í. de lucidez na insânia geral</i></p> <p>3 Regionalismo: Brasil. calçada para proteção de pedestres, em cruzamento de ruas ou no meio de ampla avenida, que, ademais, serve para separar as mãos de direção do tráfego</p> <p>4 Regionalismo: Pará (Marajó), (São Luís) Maranhão, Mato Grosso. área compacta de altas árvores que se destacam em meio aos campos</p> <p>5 Rubrica: termo de marinha. Regionalismo: Brasil. superestrutura de um navio-aeródromo, onde se localizam as instalações de comando e de comunicações</p> <p>6 Rubrica: geografia física. Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil. m.q. murundu Ex: Foi aí, que a notícia espalhou Na <i>ilha</i> apareceu Um canário cantador</p> <p>Nota pessoal: A <i>ilha</i> a que se refere é São Luís-MA, e por esta razão estes grupos de sotaque de matraca, também são conhecidos como boi da ilha. É uma ilha brasileira no estado do Maranhão, faz parte do arequipélago do golfão maranhense. É nela que encontra-se a capital do Maranhão. Upaon- Açú foi nome dados pelos tupinambás e significa “ilha grande” e depois foi chamada de São Luis . a denominação indígena foi restabelecida pela constituição do Estado do Maranhão. Artigo 8º- A cidade de São Luis na ilha de Upaon- Açú, é a capital do Estado.</p>	
▶ 30- João	
<p>□ substantivo masculino Regionalismo: Brasil.</p> <p>1 Rubrica: futebol. jogador que é facilmente driblado</p> <p>2 Rubrica: música. grande atabaque us. no jongo paulista; pai-joão</p> <p>3 Rubrica: angiospermas. m.q. fruta-de-manteiga (<i>Pouteria ramiflora</i>)</p> <p>Nota Pessoal: João Chiador, amo do Boi de Ribamar, foi também amo da Maioba. O apelido de Chiador, é por ter chiado em um microfone em uma de suas apresentações no começo de sua carreira. Ex: Quando eu cheguei no Bumba boi da Maioba Fui bem recebido por João Chiador</p>	
▶ 31- Lira	
<p>Datação : 1572</p> <p>Substantivo feminino □ substantivo feminino</p> <p>1 Rubrica: música. instrumento de cordas dedilháveis ou tocadas com plectro, de larga difusão na Antiguidade</p> <p>2 Rubrica: música. instrumento medieval semelhante à rabeça</p>	

3	Regionalismo: Brasil. Uso: informal. banda de música sob a direção de um maestro
4	Regionalismo: Brasil. Uso: informal. repertório de letras de música popular reunidas em um volume
5	Regionalismo: Nordeste do Brasil. entre os cantadores, a viola
6	Rubrica: anatomia geral. superfície inferior da abóbada de três pilares do cérebro (o trígono cerebral), ocupada por um conjunto de fibras transversais
7	Rubrica: literatura. a poesia lírica; a inspiração, a arte poética; estro Ex.: <i>a l. de Camões</i>
8	Rubrica: ornitologia. m.q. ave-lira Nota pessoal- ...”vai no som da lira” o imaginário do compositor fala alto, pois neste grupo sotaque de matraca, não existe tal instrumento, comprovando que a lira é uma imaginação Ex: Vai no som da lira Na voz de uma canário cantador Lá vai meu batalhão pesado Lá vai touro dominador

▶ 32-Ladeiras-	Datação: s XV
<p>1 inclinação de terreno, de grau variável 2 rua ou caminho íngreme; calçada 3 encosta de montanha por onde escorrem as águas pluviais; vertente</p> <p>Nota Pessoal .<i>Ladeiras</i> na letras da toada Francesa Bela, refere-se as ladeiras do corpo da mulher, idealizada por Chagas,compósito e amo do Bumba boi. Assim ele fez a francesa ludovicense, lembrando das chuvas e ladeiras de São Luis.</p> <p>Ex: São Luis é a francesa Que tem a pele morena Tem o corpo cheio de chuvas E algumas <i>ladeiras</i></p>	

▶ 33- MAIOBA	Datação: 1899
<p>substantivo feminino Rubrica: angiospermas. m.q. fedegoso-verdadeiro (<i>Senna occidentalis</i>) Nota pessoal: Maioba é Município de Paço do Lumiar ,30 km de São Luís, recebeu este nome por causa da planta, nascida às margens do rio paciência que banha o município. EX: Cheguei com meu batalhão Boi da Maiova, vem manter a trdição Dona varra o terreiro Pra meu touro vadiar</p>	

▶ 34- Morena-	Datação : s XIII Ortoépia ô
<p>substantivo feminino 1 mulher cujo tom da pele está entre o branco e o pardo, por determinante</p>	

genética ou por efeito de bronzeamento; mulher de pele azeitonada ou amarronzada

- 2 Regionalismo: Brasil.
mulher cujo tom da pele é escuro, variando entre o pardo e o negro
- 3 mulher cujos cabelos apresentam tonalidade do castanho-escuro ao preto
- 4 Regionalismo: Brasil.
mulher de pouca idade; jovem, moça
- 4.1 moça que vive no campo; jovem camponesa
- 5 Rubrica: dança. Regionalismo: Brasil.
tipo de dança acompanhada de canto
- 6 Rubrica: arte venatória.
a perdiz, entre os caçadores do campo
- 7 Rubrica: arte venatória. Regionalismo: São Paulo.
a paca, entre os caçadores do mato

Nota pessoal: No regionalismo maranhense, em especial nas letras das composições dos grupos de bumba boi, em qualquer sotaque a palavra *morena* está presente. É uma mulher nova, bronzeada com medidas perfeita para serem exibidas

Ex: No Festejo de São João

A ilha fica pequena
São Luís é a francesa
Que tem a pele *morena*.

► 35 -Maracá Datação 1561

substantivo masculino

- 1 Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil.
chocalho indígena, us. em festas, cerimônias religiosas e guerreiras, que consiste em uma cabaça seca, desprovida de miolo, na qual se metem pedras ou caroços; bapo, maracaxá, xuatê
- 2 Rubrica: música. Regionalismo: Brasil.
chocalho que funciona como instrumento rítmico no acompanhamento de determinadas músicas e danças (p.ex., a rumba, o samba, o baião)
- 3 Regionalismo: Brasil.
chocalho de criança
- 4 Rubrica: angiospermas.
m.q. **coquilho** (*Canna glauca*)
- 5 Rubrica: angiospermas. Regionalismo: Brasil.
m.q. **xiquexique** (*Crotalaria striata*)

substantivo feminino

Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Norte do Brasil, Centro-Oeste do Brasil.

- 6 m.q. **cascavel** (*Crotalus durissus*)

Nota pessoal: Instrumento musical usado pelos brincantes do Bumba Boi, está sempre na mão do amo do boi e dos vaqueiros

Ex: Foi com este *maracá*

Que eu conquistei o meu valor
Saúdo o povão da Maioba e os índios flechadores

► 36- Medalhão - Datação: 1836

substantivo masculino

- 1 Rubrica: ourivesaria.
pequena caixa, trabalhada como joia, em que se guardam relíquias, objetos de recordação e ger. trazida presa a uma corrente de pendurar ao pescoço
- 2 retrato posto em moldura redonda ou oval
- 3 desenho, pintura, gravura, bordado, tecido, feito ou emoldurado de forma

<p>redonda ou oval</p> <p>4 Rubrica: arquitetura. baixo-relevo ornamental, de forma oval ou redonda, que reproduz cabeças, brasões, alegorias etc.; medalha</p> <p>5 Derivação: sentido figurado. indivíduo importante; figura de projeção</p> <p>6 Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. indivíduo posto em posição de destaque, mas sem mérito para tal</p> <p>7 Rubrica: alimentação. carne (bovina) de boa categoria, em fatia alta, arredondada, cortada do meio do lombo e indicada para grelhar ou fritar Nota pessoal: na composição a explicação de nº6 faz jus ao que a letra quer dizer. Ex: Cantado de grande escalão Se atrapalhou na Televisão É com o peso de toadas Que eu acabo com os <i>medalhões</i></p>
--

<p>► 37- Multidão- Datação : 1393</p> <p>substantivo feminino</p> <p>1 grande quantidade de seres (pessoas, animais ou coisas) considerados ou não em conjunto Ex.: <i>foram atacados por uma m. de mosquitos</i></p> <p>2 conjunto de pessoas de um mesmo território, nação etc.; agrupamento, aglomeração Ex.: <i>uma m. de turistas chegou do Sul</i></p> <p>3 a camada mais numerosa da população; o povo Ex.: <i>a elite só se mistura com a m. no carnaval</i></p> <p>4 Derivação: por extensão de sentido. qualquer volume considerável de coisas; batelada, monte Ex.: <i>recebeu uma m. de cartas</i></p> <p>5 Rubrica: sociologia. agrupamento de indivíduos que, apesar de heterogêneo e plural, reage de maneira impulsiva e semelhante aos mesmos estímulos Nota pessoal: Multidão- Reunião da nação maiobeira e todos os simpatizantes do grupo. Grande número de pessoas que acompanham o Boi da Maioba, com sua matarcas e pandeirões; fazendo este boi ter a maior orquestra de percussão do Maranhão. Ex: Corre prá perto e vem ver O meu batalhão Dando show na passarela Alegrando a multidão</p>
<p>► 38- Passarela</p> <p><input type="checkbox"/> substantivo feminino</p> <p>1 ponte, ger. estreita, construída sobre avenidas e estradas para trânsito de pedestres</p> <p>2 estrado longo e por vezes sinuoso, us. ger. para apresentação de desfiles de modas e concursos</p> <p>3 avenida por onde desfilam as escolas de samba no carnaval e grupos de Bumba Boi</p> <p>4 Rubrica: teatro. estrado entre o poço da orquestra e a plateia, onde são executadas certas cenas, esp. de dança Ex: Corre prá perto e vem ver O meu batalhão</p>

Dando show na passarela
Alegrando a multidão

► **39- Palmeiras -** Datação s.XIII

substantivo feminino
Rubrica: angiospermas.
design. comum às plantas da fam. das palmas, esp. às de porte arbóreo

Ex: E algumas ladeiras
Acena para o mundo
Com as folhas das palmeiras

► **40- Pele** Datação 953

- substantivo feminino
- 1 Rubrica: anatomia geral.
órgão que envolve o corpo dos vertebrados (incluindo o homem), composto de três camadas (epiderme, derme e tela subcutânea), com função esp. protetora, termorreguladora e captadora de estímulos dolorosos e táteis
 - 2 camada mais superficial da pele (acp. 1); epiderme
 - 3 pele (acp. 2) do rosto; cútis, tez
 - 4 pele (acp. 2) flácida e pendente; pelanca
 - 5 tecido epitelial curtido de certos animais; couro
 - 6 pele (acp. 1) de animal separada do corpo, esp. de certos animais de pelos abundantes e sedosos, us. como agasalho ou guarnição de peças do vestuário
 - 7 porção nervosa ou coriácea encontrada nas carnes comestíveis
 - 8 m.q. **odre** ('saco')
 - 9 casaco, estola ('xale') etc. ou cobertor feito ou forrado de pele
 - 10 envoltório de certas frutas ou legumes; casca
 - 11 Derivação: sentido figurado.
o próprio corpo
Ex.: *sentiu a dor na p.*
 - 12 Regionalismo: Pará.
disco ou bola achatada de borracha fina que se prepara nos seringais para comercialização
 - 13 Uso: informal.
cédula de dinheiro; pelega
 - 14 Rubrica: música.
m.q. **membrana**

substantivo de dois gêneros
Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

- 15 pessoa que é alvo do escárnio ou da mofa de outros
- 16 pessoa que é responsabilizada por tudo; bode expiatório

Ex: São Luis é a francesa
Que tem a pele morena

► **41- Peso-** Datação: s.XII ortoépia ê

- substantivo masculino
- 1 Rubrica: física.
força exercida sobre um corpo pela atração gravitacional da Terra, cujo valor é dado pelo produto da massa do corpo pela magnitude da aceleração da gravidade
 - 2 força exercida por um corpo sobre qualquer superfície que se oponha à sua

- queda
- 3 qualidade, condição de um corpo pesado
- 4 qualquer objeto pesado
Ex.: *estava cansado de carregar aquele p.*
- 5 pedaço de ferro ou de outro metal aferido, empregado como padrão nas balanças
- 6 corpo pesado, suspenso da corrente de um relógio ou de um maquinismo, para lhes dar movimento
- 7 grande pedra do lagar, ligada à viga pelo fuso
- 8 tudo o que exerce pressão; unidade com que se avalia essa pressão
- 9 quantidade de coisas que perfazem uma carga
Ex.: *esses caminhões transportam muito p.*
- 10 pequeno objeto suficientemente pesado para impedir que papéis sejam levados pelo vento; pesa-papéis
- 11 Derivação: sentido figurado.
capacidade de exercer influência, prestígio, autoridade
Ex.: *esse é um nome de p. no Congresso*
- 12 Derivação: sentido figurado.
sensação de ser oprimido por um peso; incômodo, opressão
Ex.: *sentia um p. nos ombros*
- 13 encargo, ônus
Ex.: *o p. da responsabilidade*
- 14 falta de sorte; azar
- 15 sensação de mal-estar
Ex.: *sentia-se mal, tinha um p. no estômago*
- 16 Rubrica: esportes.
categoria de certos esportistas, tais como lutadores de boxe, halterofilistas etc.
- 17 Rubrica: ginástica.
m.q. **haltere**
- 18 Rubrica: esportes.
em atletismo, esfera metálica de arremesso
- 19 Rubrica: economia.
meio através do qual são efetuadas transações monetárias na Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Filipinas, Guiné-Bissau, México, República Dominicana e Uruguai
- 19.1 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: economia.
a cédula e a moeda us. nessas transações, divisíveis em cem unidades menores, ger. denominadas centavos (ou centésimos, no Uruguai)
- 20 Rubrica: matemática.
parâmetro com o qual se multiplicam certas grandezas, com a finalidade de lhes dar maior ou menor grandeza; ponderação
- 21 Rubrica: artes gráficas.
m.q. **força**
- 22 Derivação: sentido figurado.
tudo aquilo que incomoda, preocupa, abate
Ex.: *carregar um p. em sua consciência*
- 23 Regionalismo: Brasil.
nos açougues, quantidade determinada de carne
Ex.: *comprou um bom p. de alcatra para o almoço*
- Nota pessoal : a explicação de nº 11 faz jus o que diz a toada
Ex: Se atrapalhou na televisão
É com peso de toadas
Que eu acabo com os medalhões

- 1 qualquer substância (p.ex., terra seca) reduzida a pó muito fino
- 2 Derivação: por extensão de sentido.
o solo, o chão
- 3 a camada mais baixa da sociedade; ralé
- 4 Uso: informal.
presunção, vaidade
- 5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
cocaína em pó

adjetivo e substantivo masculino
Regionalismo: Brasil.

Nota pessoal: A poeira levantada no sentido figurado pelo urro forte do boi
6 diz-se de ou teatro ou sala de cinema muito pequena ou de baixa categoria
Ex: Vaqueiro se espantou
Levantou poeira ao redor da ilha inteira

43- Povo Datação: s.XIII Ortoépia ô

substantivo masculino

- 1 conjunto de pessoas que falam a mesma língua, têm costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns
Exs.: *o p. brasileiro*
o p. russo
- 2 conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território;
nação, sociedade
- 3 conjunto de indivíduos de uma mesma região, cidade, vila ou aldeia
Exs.: *o p. de Petrópolis*
o p. nordestino
o.p. da Maioba
- 4 conjunto de pessoas que não habitam o mesmo país, mas que estão ligadas por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço
Exs.: *o p. judeu*
o p. cigano
- 5 conjunto dos cidadãos de um país em relação aos governantes
Ex.: *o p. elege os governantes*
- 6 conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre; plebe
- 7 multidão de pessoas
Ex.: *o que aquele p. está fazendo na praça?*
- 8 pequena povoação; lugarejo, aldeia, vila
- 9 a gente de casa; a família
- 10 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
turma, gente
Ex.: Vou cantar toadas pro povo aprender
Com as forças dos índios guerreiros
Eu vou guarnice

44- Povão

substantivo masculino

- 1 grande quantidade de pessoas; multidão, povaréu
- 2 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
a classe mais humilde, oposta às classes média e alta

Ex.: *esse cantor faz muito sucesso junto ao p.*

Ex: Foi com este maracá
Que eu conquistei o meu valor
Saúdo o povão da Maioba e os
Índios flechadores

45- Rapaziada

Datação 1789

substantivo feminino

- 1 grupo ou ajuntamento de rapazes; rapazio
- 2 ato ou dito inconsequente, impensado

Ex: Rapaziada eu ouvi meu boi urrar
Foi um urro forte
Que o vaqueiro se espantou

46- Retaguarda

Datação 1572

substantivo feminino

- 1 Rubrica: termo militar.
denominação genérica por que se designa a última companhia, fila ou esquadrão de qualquer corpo de exército
- 2 Derivação: sentido figurado.
a parte oposta à vanguarda
- 3 a parte posterior de qualquer lugar

**Ex: E ainda tinha Zé Inaldo na
Retaguarda pra mandar
Essa era diretoria
Que comanda o batalhão**

47-Som

Datação S. XIII

substantivo masculino

- 1 tudo que é captado pelo sentido da audição; ruído, barulho
Ex.: *há s. estranhos na casa*
- 2 Rubrica: física.
vibração que se propaga num meio elástico com uma frequência entre 20 e 20.000 Hz, capaz de ser percebida pelo ouvido humano
- 3 sensação auditiva provocada por essa vibração
- 4 ruído ou timbre característico de uma fonte sonora
Ex.: *s. de passos*
- 5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
música, esp. popular
Ex.: *está calmo, ouvindo um s.*
- 6 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
característica ou estilo de banda, músico, orquestra etc.
Ex.: *o s. de Glenn Miller*
- 7 Rubrica: fonética.
qualquer emissão sonora, simples ou combinada, feita pelo aparelho fonador humano
- 8 Rubrica: música.

característica especial de cada instrumento; timbre, sonoridade

Ex: Vai no som da lira
Na voz de um canário cantador

48-São Datação 1193

substantivo masculino

f.apoc. de santo, aquele que foi canonizado [abrev.: s.]

Ex: Essa era a diretoria
 Que comanda o batalhão
 No festejo de São Marçal, São Pedro e São João

49- Senhor Datação S. XIII Ortoépia ô

substantivo masculino

- 1 proprietário de feudo
- 2 aquele que possui algo; dono, proprietário
- 3 dono da casa; patrão, amo
- 4 pessoa que exerce poder, dominação, influência
- 5 Derivação: sentido figurado.
aquele que tem pleno domínio sobre si, sobre uma coisa, sobre uma situação
Exs.: *s. de si*
 s. da situação
- 6 aquele que tem autoridade como rei, imperador; soberano, chefe
- 7 pessoa nobre ou distinta; homem da burguesia ou de outra condição social
- 8 homem de meia-idade ou idoso
- 9 tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens [abrev.: Sr.]
Obs.: ver gram a seguir
- 10 Uso: sentido absoluto.
Deus, esp. na pessoa de Jesus Cristo
Obs.: inicial maiúsc.
- 11 m.q. **senhorio** ('proprietário')

Nota pessoal : faz jus a nota de número 10

Ex; Aumentei Senhor
A minha pouca fé

50-Toadas Datação s. XIV

substantivo feminino

ato ou efeito de toar

- 1 aquilo que é captado pelo sentido da audição; ruído, som
Ex.: *a t. da sua voz*
- 2 Derivação: sentido figurado.
notícia vaga; rumor, boato
Ex.: *uma t. de graves acontecimentos*
- 3 o que se conhece por se ouvir dizer muitas vezes
Ex.: *essa história a gente conhece de t.*
- 4 som vago e mal definido
- 5 Rubrica: música.
cantiga de melodia simples e monótona, de texto ger. curto, não romanceada,
mas com estrofe e refrão
- 6 Rubrica: música. Regionalismo: Pará (Parintins). Maranhão

no boi-bumbá, música cantada durante a apresentação dos bois

Ex: É com peso de toadas

Que eu acabo com medalhões

51-Tradição

Datação 1619

substantivo feminino

- 1 ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência
- 2 comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração
Ex.: *t. esquimós*
- 3 herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra
- 3.1 conjunto dos valores morais, espirituais etc., transmitidos de geração em geração
Ex.: *a geração hippie rompeu com a t.*
- 4 transmissão de uma notícia ou de um fato
Ex.: *t. oral*
- 5 em certas religiões, conjunto de doutrinas essenciais ou dogmas não explicitamente consignados nos escritos sagrados, mas que, reconhecidos e aceitos por sua ortodoxia e autoridade, são, por vezes, us. na interpretação dos mesmos
- 6 aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; recordação, memória, eco
- 7 tudo o que se pratica por hábito ou costume adquirido
- 7.1 uso, costume
Ex.: *a t. do feijão com arroz*
Ex: Cheguei com o meu batalhão
Boi da Maioba, vem manter a tradição

52-Terreiro

Datação sXIII

substantivo masculino

- 1 porção de terra larga e plana
- 1.1 largo ou praça dentro de uma povoação
- 1.2 Regionalismo: Brasil.
pequeno quintal, de terra batida, diante das residências populares do interior
- 1.3 espaço ao ar livre, à porta das habitações, onde há folgedos, bailados, cantos e desafios
- 2 terraço, eirado
- 3 Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil.
local onde se celebram os ritos dos cultos afro-brasileiros (candomblés, batuques etc.)

Nota pessoal: Também onde ensaiam os grupos de Bumba boi, nos terreiros da sua comunidade.

Ex: Dona varra o terreiro

Pra meu touro vadiar

53-Touro

Datação s.XIII

substantivo masculino

- 1 Rubrica: zootecnia.
boi inteiro, não castrado, que se usa como reprodutor
- 2 Rubrica: tauromaquia.
designação comum aos machos bovinos da chamada raça brava, não castrados

- e utilizados no toureio
- 3 Derivação: sentido figurado.
homem muito forte e fogaoso
 - 4 Rubrica: astronomia.
segunda constelação zodiacal, situada entre Áries e Gêmeos
Obs.: inicial maiúsc.
 - 5 Rubrica: astrologia.
segundo signo do zodíaco (de 21 de abril a 21 de maio); Tauro
Obs.: inicial maiúsc.
 - 6 Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil.
no jogo do bicho, o grupo ou bicho 21, o qual corresponde às dezenas 81, 82, 83 e 84

touros

substantivo masculino plural

Rubrica: tauromaquia.

7 m.q. **tourada** ('corrida de touros')

Nota pessoal: Animal importante, que representa o ciclo do gado no auto do Bumba Boi maranhense

Ex: Dona varra o terreiro
Pra meu touro vadiar
Já formei trincheira e vou pelejar

54- Trincheira

Datação s.XIII

substantivo feminino

- 1 Rubrica: termo militar.
fosso ou escavação feita no solo cuja profundidade e parapeito servem como abrigo aos combatentes
- 2 qualquer tipo de vedação, de obstáculo, ger.us. como proteção ou abrigo
Ex.: *fizeram uma t. com tábuas, sacos de areia, pedras*
- 3 Derivação: por extensão de sentido.
local em que se trava uma batalha, em que se luta
Ex.: *com 18 anos foi para a t.*
- 4 Regionalismo: Mato Grosso.
obstáculo de madeira que protege do fogo o cortador de folhas de mate
- 5 Rubrica: tauromaquia.
na praça de touros, vedação de madeira com estribo que separa a arena do resto da praça
- 6 corda estendida sobre terreno, para nivelamento de estrada
- 7 Derivação: sentido figurado.
ponto de resistência; alicerce, baluarte, fortaleza
Ex.: *fez do grêmio escolar a t. para sua carreira política*

Nota Pessoal: proteção, barricada ou melhor reduto onde se encontram para os ensaios

Ex: Já formei trincheira e pelejar

55- Vaqueiro

Datação: 1056

substantivo masculino

- 1 indivíduo que pastoreia o gado vacum
- 2 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Minas Gerais.
m.q. **chupim** (*Molothrus bonariensis*)
- 3 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Minas Gerais.

- m.q. **carretão** (*Sericossypha loricata*)
4 Rubrica: ornitologia.
 m.q. **trinca-ferro** (*Saltator maximus*)
5 Rubrica: entomologia.
 m.q. **iajá-de-cintura** (*Hypocephalus armatus*)
 Nota Pessoal Brincantes do Bumba Boi, que cuidam e dançam com o boi durante a apresentação

56-Urro

Datação XV

substantivo masculino

- 1** a voz própria ou o rugido de algumas feras
 Ex.: *ouviam-se os u. de elefantes e de leões*
- 2** Derivação: sentido figurado.
 grito ou conjunto de gritos fortes de pessoas ou animais; bramido, rugido
 Exs.: *soltar u. de dor*
ouvíamos os u. de cólera dos presos
- Ex: Rapaziada eu ouvi o meu boi urrar
 Foi um urro forte
 Que o vaqueiro se espantou

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repete-se um trecho do início desta dissertação por trazer uma descrição emocional do que representa o Maranhão para a autora. Atenas brasileira, capital do reggae, terra de sabores exóticos e de uma natureza exuberante, de uma colonização no mínimo, intrigante, São Luís, tombado pela Unesco, em 1997, como Patrimônio da Humanidade, é uma das capitais mais fascinantes do Brasil, em especial pela história ali documentada em seu cenário.

Indagava-se sobre não haver trabalhos lingüísticos sobre o Bumba Meu Boi. A cultura contemporânea, em especial os seus ritmos, já têm sido alvo do interesse de muitos estudiosos, todavia, a cultura histórica de um Estado representativo, por exemplo na literatura nacional, não recebera ainda a atenção que merece.

Supõe-se provocar, com esta dissertação, a curiosidade dos pesquisadores para que lancem olhos sobre a variedade linguística do Estado do Maranhão, principalmente na representada por suas manifestações folclóricas.

Esta dissertação representa uma etapa importante, pois, partindo do *cópus* pesquisado, iniciou-se reunião de material para a futura construção de um dicionário das toadas e sotaques dos grupos de Bumba Meu Boi do Maranhão. De posse da informação lexicográfica, desfizeram-se alguns equívocos acerca da variação linguística e dos fatores que atuam na produção das variedades.

A *variação* de uma língua é o modo pelo qual ela se diferencia, de acordo com seu contexto geográfico, histórico e sócio-cultural, assim seus falantes fazem a beleza da língua portuguesa, mostrando as diferenças de realização tanto na língua falada como na escrita. Tais diferenças acontecem para certificar que o sistema linguístico não é único, mostrando assim sua riqueza em vários eixos diferentes assim dispostos: regionais, estilísticos, sociocultural, ocupacional e etário.

Ilari e Basso acrescentam uma *variação*, que está associada aos diferentes meios ou veículos de expressão que utilizamos para efetivar a comunicação. De acordo com Ilari e Basso (2011, p.180): “Em paralelo com os adjetivos *diacrônica*, *diatópica*, e *diastrática*, que foram utilizados, e definidos

em parágrafos anteriores, podemos denominar esse tipo de *variação diamésica* (etimologicamente: variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos)”. Neste recorte também são observadas as diferenças entre a língua falada e a língua escrita.

Considerado o escasso tempo de produção desta dissertação, conclui-se de se tratar de um estudo ainda preliminar do léxico das toadas, todavia, já foi possível deflagrar um processo de observação das formas da língua em perspectiva científica. Contemplar os variados níveis do léxico e o significado emergente das escolhas da variedade e dos itens léxicos como dados relevantes para a descrição e a compreensão do funcionamento do sistema linguístico da língua portuguesa, segundo a variedade brasileira, mostra-se um avanço significativo na formação de um perfil de pesquisador a que se quer chegar.

Embora com clareza da limitação dos resultados ora apresentados, acredita-se deixar alguma contribuição, para chamar atenção para a subvariedade nordestina do falar maranhense, em especial o léxico popular representado nas toadas do Boi como um trailer do que se pode ver na cultura do Maranhão.

A certeza de que o Bumba Meu Boi constitui uma manifestação popular das mais expressivas, pondo-se no nível não só dos Bois do Pará - o Vermelho e o Garantido- como das manifestações do Carnaval em Pernambuco, no Rio de Janeiro e na Bahia. Manifestação rica em personagens, alegorias, adereços, ritmos, coreografias, indumentárias e cores, o Boi do Maranhão abre um leque de signos a serem explorados na descrição e no ensino da língua portuguesa do Brasil.

Embora nascido no Estado do Rio, convidou-se outro poeta a fechar esta dissertação, em função de haver-se parafraseado arte de seus versos no título da segunda parte desta dissertação. Eis que fala Casimiro de Abreu:

MINHA TERRA¹⁹
Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha;
– Hei de dar-lhe a realeza
Nesse trono de beleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

¹⁹ In As primaveras (1859). http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/casimiro_de_abreu.html
(Acesso em 12/12/2012)

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Estudos em lexicologia, lexicografia e terminologia**. Fortaleza:EdUFC-MIDIA, 2009.
- ARAÚJO, Maria do Socorro. **Tu contas! eu conto!**: caracterização do significado do bumba-meu-boi para a população do bairro de Madre de Deus, como expressão da cultura popular e ao mesmo tempo como lazer em São Luís do Maranhão. São Luís:Serviço de Impr. e Obras Gráficas do Estado-Sioje,1986.
- AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi do Maranhão: Folclore Maranhense**. São Luis: Ed. Alcântara, [19--].
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas,SP: Pontes, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Língua e Cultura. In: **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CARVALHO, Michol. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão: um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís: [s.n.], 1995.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 147-203.
- CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Versão Eletrônica.
- FERREIRA, Aurélio Buarque H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. São Paulo: Editora Positivo, 2004.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavras e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 2.0**.Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. Disponível em: <http://www.wikipédia.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2012.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIMA, Carlos. **Bumba-meu-boi**. São Luis: [s.n.], 1982.
- MACEDO, Walmírio. **O livro de semântica**: estudo dos signos lingüísticos. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. **O português falado no Maranhão**: estudos preliminares. São Luis: UFMA, 2005.

REIS, José de Ribamar Sousa dos. **Folclore maranhense**: informes. São Luis: [s.n.], 2004.

ROCHA, Carlos Alberto Macedo; M., Carlos Eduardo Penna de. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática & interação**: uma proposta para o ensino da gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

VILELA, Mário. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.